

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**  
Programa de Pós-Graduação em Educação



**Dissertação**

**A trajetória docente de uma alfabetizadora do Colégio São José em Pelotas/RS nas décadas de 1940 a 1980**

**Maria Cristina dos Santos Louzada**

Pelotas, 2012

**MARIA CRISTINA DOS SANTOS LOUZADA**

**A TRAJETÓRIA DOCENTE DE UMA ALFABETIZADORA DO COLÉGIO SÃO JOSÉ EM PELOTAS/RS NAS DÉCADAS DE 1940 A 1980**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Giana Lange do Amaral

Pelotas, 2012

Catálogo na Publicação:  
Maria Fernanda Monte Borges  
Bibliotecária - CRB-10/1011

L895t Louzada, Maria Cristina dos Santos

A trajetória docente de uma alfabetizadora do Colégio São José em Pelotas / RS nas décadas de 1940 a 1980 / Maria Cristina dos Santos Louzada ; orientadora : Giana Lange do Amaral. – Pelotas, 2012.

127 f.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Pelotas, pelotas, 2012.

1. Trajetória docente 2. Vida, História de 3. Alfabetização 4. Prática docente 5. Biografia I. Amaral, Giana Lange do (orient.) II. Título.

CDD 370  
370.71  
371.3

**Banca examinadora:**

Prof. Dra. Giana Lange do Amaral – Orientadora – (FaE/UFPEL)

Prof. Dra. Lorena Almeida Gill – (ICH/UFPEL)

Prof. Dra. Lúcia Maria Vaz Peres – (FaE/UFPEL)

### **Dedicatória**

Dedico à Irmã Luísa Maria que dividiu a história da sua trajetória acadêmica comigo e permitiu sua publicidade.

## **Agradecimentos**

À professora Dra. Giana Lange do Amaral, pela orientação amiga e dedicada demonstrando ser uma educadora exemplar e comprometida com o meio acadêmico e que, além de tudo, soube valorizar meu empenho e compreender minhas dificuldades e limitações.

À professora Dra. Lúcia Peres, educadora que enxerga além das aparências, vislumbrando a alma de cada educando, e que acompanhou meu crescimento desde o curso de magistério no Colégio São José, muito colaborando na qualificação deste trabalho.

À professora Dra. Lorena Gill, excelente historiadora, pelas indicações e críticas construtivas, que muito contribuíram para o aperfeiçoamento desta dissertação, fazendo-me reconhecer que era possível a realização do mestrado.

Aos professores, colegas e amigos do grupo do CEIHE, que sempre se mostraram disponíveis e acompanharam minha caminhada de mestranda, alguns colaborando de forma direta com sugestões para o aprimoramento da pesquisa.

Ao Colégio São José, direção, coordenação, supervisão, colegas e funcionários desta instituição que valoriza seus professores e incentiva o crescimento pessoal e profissional de cada um, não medindo esforços para que eu pudesse assistir às aulas do mestrado.

Aos meus irmãos, que nunca questionaram minhas escolhas e sempre apoiaram meus ideais. Às minhas cunhadas e afilhados que generosamente respeitaram minhas ansiedades.

Aos sogros, que muitas vezes dispuseram de seu tempo em colaboração à conquista dos meus objetivos.

Aos meus pais, porto seguro da minha existência, que souberam me transmitir valores humanos e cristãos, obrigado pela formação do meu eu e por serem modelo para minha vida.

Ao Flávio, meu esposo, pelo amor e o respeito repartindo angústias, lendo, sugerindo e contribuindo com a realização deste trabalho.

E, em especial, aos meus filhos, João Pedro e Luís Otávio, que são o estímulo na busca do meu aperfeiçoamento profissional e permanentes cobaias das minhas experiências como educadora.

“Não sei por que Deus me fez tão sensível  
a tudo.”

Irmã Luísa Maria - 15, jun, 2010

## Resumo

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa histórica de características biográficas, com o enfoque na investigação da atuação de uma alfabetizadora - Irmã Luísa Maria - durante o tempo em que trabalhou no Colégio São José em Pelotas/RS. Buscou-se analisar suas memórias através de entrevistas e documentos que descrevem o seu método de ensino e a forma como eram desenvolvidas suas aulas, desde o período preparatório da alfabetização até a aquisição da leitura e da escrita por parte dos alunos. Para tanto, foi considerado o contexto histórico, social e cultural em que se desenvolveram as relações entre a professora e os alunos, relacionando-os ao seu fazer docente durante as décadas de 1940 até 1980. Esta pesquisa tem, ainda, o objetivo de analisar a razão pela qual a alfabetizadora sentiu a necessidade de criar um método próprio para desenvolver o ensino da leitura e da escrita em sala de aula. Para os historiadores da educação, as pesquisas biográficas são muito importantes, pois elas tendem a revelar os contextos escolares, a visão dos professores sobre a sua atuação e contribuem para os processos de formação de professores. Nesta pesquisa, a principal fonte utilizada são as narrativas de vida e de atuação da Irmã Luísa Maria. Foram realizadas quatro entrevistas com a educadora, nas quais ela reconstruiu fatos de seus 42 anos de alfabetização. Além disso, também foram feitas três entrevistas com ex-alunas da educadora e uma entrevista com uma colega que utilizou o seu método para alfabetizar. Outra importante fonte foram os arquivos pessoais. A exploração documental é considerada de extrema valia nas pesquisas históricas, pois através dela são encontrados subsídios que permitem interpretar os fatos com maior exatidão. Nessa busca, encontrou-se algo muito valioso: a cartilha “Castelo do Saber”, representação do método criado pela educadora para realizar um modelo de alfabetização que prendesse a atenção e estimulasse os alunos na aprendizagem da leitura e da escrita. Através das narrativas colhidas, se pode concluir que a prática pedagógica e o método utilizado por essa alfabetizadora em sala de aula constituíram a marca de sua trajetória profissional, inesquecível para todos que com ela se relacionaram. Com a firme intenção de desvendar o passado e tornar públicos a personalidade e o trabalho de uma professora reconhecida na comunidade escolar onde atuou, é que se buscou pesquisar sobre suas memórias. Salienta-se que esta é uma visão das fontes. Poderão, a partir deste trabalho, emergir novas formas de interpretar as narrativas.

Palavras-chave: História de Vida. Prática Docente. Alfabetização.

## **Abstract**

The present work is historical research with a biographical approach to investigate the life of a literacy - Sister Maria Luisa - during the time she served on the St. Joseph College in Pelotas / RS. We sought to analyze her memories through interviews and documents that describe her teaching method developed and how were her lessons from the acquisition of literacy to the reading and writing by students. For this end, we considered the historical context, social and cultural relations that developed between the teacher and students, linking them to their teachers during the 1940s until 1980. This research has also aimed to analyze why the literacy felt the need to create a proprietary method to develop skills in teaching reading and writing in the classroom. For historians of education, biographical research are very important because they tend to reveal the school contexts, teachers' views on their actions and contribute to the processes of teacher training. In this research, the main source used are the narratives of life and work of Sister Maria Luisa. I conducted four interviews with the teacher, in which she recalled the facts of his 42 years of literacy. In addition, interviews were made with three former students of the educator and an interview with a professional colleague who used his method to teach literacy. Another important source, however, were the personal files. Exploiting document is considered extremely valuable in historical research, behold, it can be found through subsidies for interpreting the facts more accurately. In this research, we found something very valuable: a primer "Castle of Knowledge", representing the method created by the teacher to conduct a literacy model that held the attention and stimulate students in learning to read and write. Through the narratives collected, I conclude that the pedagogical method used by Sister Maria Luisa in the classroom is the mark of her career, unforgettable for all who were associated with her. With the firm intention of uncovering the past and make public the personality and the work of a recognized teacher in the school community where she worked, which is sought to find out about their memories. Please note that this is an overview of the sources. May, from this work, shape new ways of interpreting the narratives.

Keywords: History of Life. Educational Practice. Literacy.

## Lista de Figuras

|           |   |    |
|-----------|---|----|
| Figura 1  | Foto da Inauguração da Placa em homenagem aos 50 anos de fundação do Colégio São José | 38 |
| Figura 2  | Fotografia do Prédio do Colégio São José em 1916                                      | 40 |
| Figura 3  | Foto da Ampliação do Prédio pela Rua Félix da Cunha                                   | 41 |
| Figura 4  | Foto da Ampliação do Prédio pela Rua Três de Maio                                     | 42 |
| Figura 5  | Fotografia da Irmã Luísa Maria e da pesquisadora                                      | 51 |
| Figura 6  | Quadro de sons do Método da Abelhinha   | 52 |
| Figura 7  | Fotografia da Irmã Luísa Maria na década de 1970                                      | 54 |
| Figura 8  | Cópia da Certidão de Batismo datada de 14/07/1923                                     | 55 |
| Figura 9  | Fotografia referente à Família Ferronato  | 58 |
| Figura 10 | Fotografia da Irmã Luísa Maria como catequista  | 63 |
| Figura 11 | Fotografia da Irmã Luísa Maria sua despedida de Pelotas                               | 67 |
| Figura 12 | Fotografia das classes de três alunos   | 78 |
| Figura 13 | Fotografia da Irmã Luísa Maria com uma aluna e os cartazes do método da Lili ao fundo | 79 |
| Figura 14 | Imagem da Cartilha do Castelo do Saber  | 82 |
| Figura 15 | Imagem da 1ª Lição da Cartilha do Castelo do saber                                    | 83 |
| Figura 16 | Imagem da 2ª Lição da Cartilha do Castelo do saber                                    | 83 |
| Figura 17 | Imagem da 3ª, 4ª e 5ª Lição da Cartilha do Castelo do saber                           | 84 |
| Figura 18 | Imagem do Livro do Mestre   | 86 |
| Figura 19 | Imagem do Livro do Período Preparatório   | 88 |
| Figura 20 | Imagem da Página 1 do Livro do Período Preparatório                                   | 88 |
| Figura 21 | Fotografia da Educadora com a turma de alunos da 1ª C no ano de 2012                  | 91 |

|           |  |     |
|-----------|--|-----|
| Figura 22 | Fotografia da Educadora com uma turma de alunos na década de 1980                                    | 92  |
| Figura 23 | Fotografia do Título de Cidadã Pelotense   | 93  |
| Figura 24 | Fotografia do certificado de honra ao mérito concedido pelo Instituto de Menores Dom Antônio Zattera | 94  |
| Figura 25 | Certificado do Rotary Internacional Distrito 4648  | 95  |
| Figura 26 | Capa do boletim do aluno Eduardo Brauner Machado   | 98  |
| Figura 27 | 1º Parecer do boletim do aluno Eduardo Brauner Machado   | 98  |
| Figura 28 | 2º Parecer do boletim do aluno Eduardo Brauner Machado   | 98  |
| Figura 29 | 3º Parecer do boletim do aluno Eduardo Brauner Machado   | 98  |
| Figura 30 | Fotografia comemorativa dos 70 anos de vida religiosa da Irmã Luísa Maria                            | 103 |

## **Lista de Abreviaturas e Siglas**

|                   |  |
|-------------------|--|
| <b>CEIHE</b>      | Centro de Estudos e Investigações em História da Educação          |
| <b>UFPEL</b>      | Universidade Federal de Pelotas                                    |
| <b>FaE</b>        | Faculdade de Educação  |
| <b>ICH</b>        | Instituto de Ciência Humanas                                       |
| <b>PPGE</b>       | Programa de Pós Graduação em Educação                              |
| <b>HISALES</b>    | História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares |
| <b>CEALE</b>      | Centro de Alfabetização Leitura e Escrita                          |
| <b>UFMG/BH</b>    | Universidade Federal de Minas Gerais/Belo Horizonte                |
| <b>Colônia Z3</b> | Colônia de Pescadores São Pedro                                    |

## Sumário

|   |            |
|---|------------|
| <b>INTRODUÇÃO</b>   | <b>12</b>  |
| <b>1 REFERENCIAL TEÓRICO METODOLÓGICO</b>   | <b>18</b>  |
| 1.1 As Fontes Orais da Pesquisa   | 21         |
| 1.2 A História Oral e a Memória   | 28         |
| 1.3 História de Vida e Identidade   | 31         |
| <b>2 NO COLÉGIO SÃO JOSÉ</b>  | <b>36</b>  |
| 2.1 Aspectos da História do Colégio São José em Pelotas                                     | 36         |
| 2.2 Duas Trajetórias Docentes que não se Cruzaram   | 45         |
| <b>3 THEREZA FERONATO - IRMÃ LUÍSA MARIA</b>  | <b>54</b>  |
| 3.1 A Vida Familiar e a Formação Pessoal  | 56         |
| 3.2 A Opção por uma Vida Consagrada como Irmã de São José e sua missão na Cidade de Pelotas | 60         |
| <b>4 A TRAJETÓRIA DOCENTE E O MÉTODO DE ALFABETIZAÇÃO DA IRMÃ LUÍSA MARIA</b>               | <b>70</b>  |
| 4.1 Aspectos da História da Alfabetização no Brasil   | 70         |
| 4.2 Dificuldades Iniciais da Profissão  | 75         |
| 4.3 Um Jeito Próprio de Ensinar – O Castelo do Saber  | 80         |
| 4.4 Uma Trajetória Docente – Méritos e Críticas   | 92         |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>   | <b>104</b> |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>   | <b>109</b> |
| <b>APÊNDICE</b>   | <b>118</b> |
| <b>ANEXOS</b>   | <b>120</b> |

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho, inserido no campo da História da Educação, consiste em uma pesquisa histórica de características biográficas que tem como enfoque investigar sobre a atuação de uma alfabetizadora – Irmã Luísa Maria – durante os 42 anos em que lecionou como professora no Colégio São José em Pelotas/RS.

Apresenta-se neste estudo a pessoa Thereza Feronato – Irmã Luísa Maria -, bem como certos aspectos de sua vida, sua origem, algumas considerações familiares, a ida para o convento, a missão vocacionada, a opção pela educação e o método de alfabetização que desenvolveu.

Nesse sentido, as fontes analisadas na atual pesquisa embasaram a narrativa construindo a História biográfica e prestando o devido significado histórico aos acontecimentos vivenciados.

As Histórias biográficas vêm sendo valorizadas na atualidade e a memória ganha força como fonte a ser explorada pelos historiadores contemporâneos, principalmente buscando apoio na História Oral.

É importante destacar que as pesquisas biográficas e autobiográficas possuem características singulares, fazendo, por vezes, com que se formem construções imaginárias sobre fatos reais e buscando cada vez mais o que Josso (2006, p. 10) chama de “a invenção de um si autêntico”. A autora esclarece que “[...] a invenção de si tem necessidade não somente de um discurso sobre si mas de projetos de si”.

Observa-se nas narrativas que envolvem histórias de vida e de trajetórias pessoais ou profissionais, que a pessoa realiza uma retrospectiva emocional, complexa, através da qual pode idealizar os fatos acontecidos de acordo com suas expectativas e vivências.

Percebe-se nas constituições dos arquivos orais as experiências de vida que influenciam sobremaneira as vivências da atualidade. É com esse intuito que acredito que a pesquisa que envolve história de vida traz consigo uma experiência formadora. Nesse encontro, ao trabalhar com história de vida de uma educadora que alfabetizava crianças, busco também aprimorar minha formação docente.

A irmã Luísa Maria, que hoje tem 88 anos de idade e 70 anos de vida religiosa, foi professora alfabetizadora do Colégio São José de 1942 até 1984, período de 42 anos durante o qual exerceu sua missão docente, chegando mesmo a criar um método próprio de alfabetização.

Utilizando-se de material produzido, datilografado e escrito a mão pela educadora, com os recursos que então dispunha, marcou de forma indelével os alunos que, por intermédio desse método, obtiveram seu aprendizado.

Ressalto que o interesse pelo tema da presente pesquisa deveu-se, de início, ao fato de ser eu também uma professora alfabetizadora, atuando há oito anos com turmas de primeira série na mesma instituição em que a Irmã Luísa Maria trabalhou e desenvolveu o seu método de ensino.

Assim, percebo, no trabalho cotidiano, a importância da fase da alfabetização na vida dos alunos. Já no primeiro dia de aula, nota-se claramente na expressão dos familiares e das crianças uma expectativa que se expande para o decorrer do ano letivo, uma vez que essas famílias, em geral, possuem objetivos em comum, vinculados ao desejo por uma alfabetização sem traumas e que estimule seus filhos aos hábitos da leitura e da escrita.

A fase de aprendizagem das letras é uma etapa cheia de desafios e surpresas, sendo necessário que as professoras envolvidas com o processo de alfabetização sejam, em geral, profissionais criativas, afetivas e que amem a tarefa que abraçaram.

Nesse contexto e, inclusive, buscando aprimoramento profissional para bem atuar em tal cenário, é que me foi despertado o interesse e a motivação para pesquisar sobre a trajetória docente dessa educadora, que, trabalhando por tantos anos com primeira série, reconhecia a responsabilidade do ensino da leitura e da escrita, mas por vezes sentia a desmotivação dos alunos. Essa percepção a levou, conforme já foi dito, a inventar um método de ensino próprio, procurando fazer com que seus alunos se encantassem pelas letras do alfabeto e por suas aulas.

Cabe ressaltar que o exame detido de uma determinada caminhada docente, como o realizado no presente estudo, pode resultar profundamente inspirador àquele que também atua no campo da educação. E, no meu caso pessoal, oportuniza uma reformulação e aprimoramento de conceitos e práticas laborativas.

Por outro lado, se as trajetórias de vida, como é fácil antecipar, envolvem grandes realizações pessoais e profissionais, não deixam de encontrar em seu percurso frustrações.

Na vida da Irmã Luísa Maria foram trilhados diversos caminhos, tendo havido desde conquistas marcantes até as mais intensas dificuldades. Todavia, em sua narrativa encontram-se sempre presentes formas positivas de encarar cada fase que viveu, como religiosa e como educadora.

Saliento que desde que comecei a trabalhar no Colégio São José, atuando na primeira série do ensino fundamental, ouço de professores, ex-alunos e de pessoas que são ou já foram ligadas de alguma forma à comunidade escolar, comentários e considerações relevantes a respeito da alfabetização da Irmã Luísa Maria e de seu método de ensino, considerando-o como uma experiência educacional que não deve ser esquecida.

A descoberta pelo encantamento em relação ao método que a alfabetizadora utilizava chegava até mim através de comentários de ex-alunos do Colégio São José, que se referiam à educadora como sendo “a irmã que dava vida às letras do alfabeto”.

Muitas dessas observações me causaram impacto e estranhamento. Várias questões foram levantadas: Seria ela realmente uma exímia alfabetizadora? Será que os alunos aprendiam ou apenas ficavam encantados com as histórias que a educadora contava? Sua alfabetização atingia a todos em sala de aula ou os alunos que demonstram tanto saudosismo eram os que mais se destacavam? Sua forma de ensinar atingia também os alunos que apresentavam dificuldade na aprendizagem ou seria ela uma alfabetizadora que valorizava apenas os bons alunos?

Todas essas perguntas e inquietações foram ajudando a fomentar meu interesse por realizar esta pesquisa, levando-me ao processo de investigação. Nesse sentido, Ragazzini (1999, p. 20) aponta que “o historiador é um homem do presente que, do presente, interroga o passado”, deixando claro que a historiografia é feita por pessoas que nos dias de hoje buscam no passado esclarecer fatos e

acontecimentos que marcaram uma época e que fizeram história em uma determinada sociedade.

Desse modo, estimulada a buscar respostas a essas questões e produzir um trabalho acadêmico que de fato contribuísse ao campo epistemológico em que estou inserida, fui em busca de fontes que pudessem direcionar a pesquisa e que mostrassem quais caminhos deveriam ser percorridos para desvendar os fatos apurados e obter informações do passado.

Na execução desta tarefa historiográfica, que pode parecer simples, mas mostra-se, por vezes, complexa, foram exploradas inicialmente as narrativas de vida e de atuação da própria alfabetizadora, com quem foram realizadas quatro entrevistas abertas.

Nos relatos, ela assinala momentos de sua vida pessoal, vocacional e profissional, além de falar sobre situações que vivenciou como criança, mulher, religiosa, educadora e missionária.

Por ocasião da primeira entrevista, a Irmã fala sobre sua origem, sua família e as opções pela vida vocacionada e pelo magistério. Na segunda, narra, com muito entusiasmo, como criou o seu método de ensino e como eram as histórias que contava em sala de aula. No terceiro encontro, relata sua vida após 42 anos de sala de aula e a missão a que se dedicou por muitos anos junto à comunidade pelotense. Na última entrevista, conta com pesar sobre sua despedida da cidade de Pelotas, elenca algumas homenagens recebidas e revela suas esperanças e aspirações.

Posteriormente, no transcorrer da pesquisa foram analisados documentos escolares da época da atuação da Irmã e periódicos locais que continham informações sobre o trabalho de alfabetização que desempenhou durante o período em que alfabetizou.

Cumprе salientar que no presente trabalho, além de serem relatados fatos da atuação da educadora como irmã de São José de Chambéry na cidade de Pelotas, são abordadas outras formas com que ela contribuiu para o bem-estar de comunidades locais, atividade de cujo reconhecimento pelo Poder Público adveio a Lei Municipal nº. 3056/1987, concedendo-lhe o título de Cidadã Pelotense.

Além das fontes citadas anteriormente, serão fontes da pesquisa documentos do acervo particular da Irmã Luísa Maria, como a Cartilha do Castelo do Saber, na qual descreve o método criado, e o Livro do Mestre, que servia de base para a aplicação prática de sua alfabetização.

Tais documentos foram redigidos pela própria educadora visando a realização de uma alfabetização que, segundo a mestra, “[...] prendesse a atenção dos alunos”. As referidas fontes documentais nunca foram publicadas ou editadas anteriormente e servem de apoio nesta pesquisa científica.

Cabe esclarecer, ainda, que não se pretende fazer uma análise aprofundada das fotografias e imagens históricas que foram obtidas acerca dos fatos apresentados sendo utilizadas com o intuito de emprestar destaque a certos aspectos da pesquisa.

A presente dissertação, assim, está organizada em quatro capítulos, que abordam os referenciais teórico-metodológicos do estudo, passam pela questão da memória e suas representações, apresentam um breve histórico sobre o Colégio ,

São José desde a sua fundação até a atualidade e dirigem-se, então, a aspectos da vida da Irmã Luísa Maria e de seu tempo de atuação como alfabetizadora, assim como a criação do Método do Castelo do Saber.

O primeiro capítulo discorre sobre as referências teóricas e metodológicas pelas quais a pesquisa foi guiada e embasada, viabilizando a proposta e explicitando o fato de se tratar aqui de um estudo histórico de características biográficas, para o qual busquei suporte em Abrahão (2008), Amaral (2005), Barros (2007), Bastos (2002), Bourdieu (1998), Burke (2005), Catroga (2001), Certeau (2000), Chartier (2001), Fischer (2005), Gill (2001), Le Goff (1993), Nóvoa (1992), Tambara (1998) e Vanti (2004).

Não é demasiado salientar que na análise de fatos o historiador tem que permanecer atento aos indicativos das fontes, sem desvalorizá-los, dando a devida importância aos acontecimentos e atribuindo-lhes o sentido correto e, por vezes, um sentido novo.

Abordo, também, o tema da memória e as influências que sofre durante o transcorrer do tempo e dos espaços que a vida de uma pessoa percorre, explorando as representações inerentes ao ato de rememorar sem perder de vista que nossa realidade é resultado da influência do passado e da projeção que fazemos do futuro.

Neste trabalho a memória, apesar de ter muitos significados, é considerada como o conjunto de lembranças construídas com base no passado e recuperadas com todas as atribuições que as vivências do presente lhes concedem. Para tanto, usei como referencias autores como Burke (2005), Bosi (2004), Chartier (2001), Portelli (1997), Thompson (1992), Ferreira e Amado (1998) e Candau (2011).

O segundo capítulo tem como foco central o apontamento de aspectos da história do Colégio São José, desde a sua fundação até os tempos atuais. Num primeiro momento são apontados, especialmente, fatos relativos ao desenvolvimento do educandário, onde apresento aspectos relacionados ao crescimento da instituição educativa. Num segundo momento, abordo aspectos da minha trajetória pessoal e profissional e a ligação com a escolha pelo tema da pesquisa, tecendo o vínculo que pode haver entre trajetórias que, apesar de nunca terem se cruzado na prática, possuem o mesmo lócus profissional, em épocas bastante diferentes.

Sobre trajetória docente e institucional fundamentei minhas ideias e conclusões em Abrahão (2008), Fischer (2005 e 2011), Nóvoa (1992), Tardif (2000), Magalhães (2004) e Werle (2004).

O terceiro capítulo, de relevância para uma pesquisa de características biográficas, é inspirado, principalmente, nas narrativas recolhidas e apresenta, Thereza Feronato - Irmã Luísa Maria -, sua vida, sua origem, algumas considerações familiares determinantes em sua formação pessoal, a ida para o convento, a opção pela educação e a sua missão como vocacionada.

O referencial teórico metodológico indicou como explorar as narrativas, construindo a história biográfica que se almejou, para o que adotei como base Abrahão (2006), Bastos (2002), Bourdieu (1998), Fischer (2005 e 2011), Oliveira (2006) e Peres (2008), procurando emprestar o devido significado histórico aos acontecimentos vivenciados.

Ressalto que o capítulo quarto tem por objeto a trajetória docente da educadora, abordando aspectos relevantes de sua atuação profissional e do método do Castelo do Saber. É apresentado em seu início, um breve histórico da alfabetização no Brasil e dos métodos de ensino que auxiliavam, no passado, no processo de aprendizagem da leitura e da escrita, onde usei como referencial teórico Chartier (2002), Frade (2007), Maciel (2003), Mortatti (2000 e 2011) e Peres (2002).

Nas considerações finais dessa dissertação, aponto descobertas, comparações e reflexões suscitadas pelo presente estudo.

## **1 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO**

Inicialmente serão fundamentadas as escolhas teórico-metodológicas em que foi embasada a pesquisa desenvolvida e também serão mostrados os caminhos percorridos com o objetivo de construir este estudo.

Muitos autores compreendem o tema da pesquisa como sendo um desafio ao pensamento reflexivo do pesquisador, que busca recordar fatos analisando-os no tempo presente justamente por sentir-se seduzido e chamado por eles, como reflete Chartier (2009, p. 09), “Recordá-lo não significa que a história se repita, e sim destacar que esta pode buscar conhecimentos e ajudar a compreensão crítica das inovações do presente, as quais, por sua vez, nos seduzem e inquietam”.

Ao deparar-se com os aspectos teórico-metodológicos que envolvem um trabalho científico, o pesquisador sente-se obrigado a realizar uma investigação significativa ao campo epistemológico em que está inserido, estudando e refletindo sobre acontecimentos passados. Para Chartier (2009, p. 15) “A história como escritura desdobrada tem, então a tripla tarefa de convocar o passado, que já não está num discurso no presente, mostrar as competências do historiador, dono das fontes; e convencer o leitor.”

Na História da Educação, procura-se analisar o tema, situando-o no contexto social e político de uma determinada época e do local onde os fatos ocorreram, considerando sempre os preceitos éticos que envolvem este processo.

Segundo Portelli (1997, p. 13), cabe ao historiador, como agente ativo da história e participante do processo de fazê-la, “[...] situar a ética profissional e técnica no contexto de responsabilidades mais amplas, tanto individuais e civis como políticas”. Para o autor, está evidenciado que aquele que se debruça sobre uma questão, a fim de analisá-la, precisa observar todas as vertentes em que ela está envolvida, sendo correto, coerente e ético em suas convicções ao respeitar as narrativas do entrevistado.

O autor ainda defende que “compromisso com a honestidade significa, [...] respeito pessoal por aqueles com quem trabalhamos, bem como respeito intelectual pelo material que conseguimos” (PORTELLI, 1997, p. 13).

A presente pesquisa, tendo em vista esse respeito pessoal pelas fontes, tem por base uma análise qualitativa do conteúdo pesquisado, buscando sempre teorizá-lo e relacioná-lo à prática de uma trajetória docente, identificando e analisando sob esse enfoque o material e as narrativas que se apresentaram no decorrer do estudo.

Como bem esclarece Ragazzini (2001, p. 14):

[...] as fontes não falam per se. São vestígios, testemunhos que respondem – como podem e por um número limitado de fatos – às perguntas que lhes são apresentadas. A fonte é uma construção do pesquisador, isto é, um reconhecimento que se constitui em uma denominação e em uma atribuição de sentido; é uma parte da operação historiográfica.

É o mesmo autor quem vai afirmar que “a relação com as fontes é a base sobre a qual se edifica a pesquisa historiográfica” (2001, p. 15), mostrando que a fonte auxilia o pesquisador, mas é ele quem as escolhe e as analisa, considerando o aspecto subjetivo presente nos trabalhos científicos em História. Por isso, é extremamente necessário esclarecer ao leitor como foi realizada a seleção das fontes e quais caminhos foram percorridos para a construção dessa dissertação.

Temos que ter claro que todo o discurso está vinculado às relações sociais e políticas que lhe trazem legitimidade, tendo consciência de que o historiador fala de um lugar de origem. Nesse sentido, segundo Certeau (2000, p. 66), “toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção sócio-econômico, político e cultural”, emergindo dessa conjuntura a importância do olhar crítico sobre as fontes de que dispõe.

Por vezes, pode-se comparar a pesquisa a uma aventura instigante em que o pesquisador se dedica incondicionalmente ao confrontar conhecimentos tidos como provisórios e inacabados no campo do saber científico. Seria o que Certeau (2000, p. 67) chama de “o tempo da desconfiança”, um momento onde não existem verdades absolutas sobre os fatos narrados, que remetem à subjetividade de quem os escreve.

Assim, a verdade do texto historiográfico é a verdade do historiador e do seu campo de pesquisa e suas fontes irão fundamentar o seu olhar. Neste contexto, Jenkins (2004, p. 24) afirma que “o mesmo objeto de investigação pode ser interpretado diferentemente por diferentes práticas discursivas”.

Por conseguinte, mudanças de percurso podem acontecer no decorrer das buscas, dependendo dos caminhos para onde as fontes irão apontar, ficando clara a importância da flexibilidade da pesquisa historiográfica no uso das fontes, como salienta Barros (2007, p. 10):

Ao se deparar com novas fontes, ao reformular hipóteses, ao se confrontar com as inevitáveis dificuldades, ao produzir novos vislumbres de caminhos possíveis, ou ao amadurecer no decorrer do próprio processo de pesquisa, o investigador deverá estar preparado para lidar com mudanças, para abandonar roteiros, para antecipar ou retardar etapas, para se desfazer de um instrumento de pesquisa em favor do outro, para repensar as esquematizações teóricas que até ali haviam orientado seu pensamento.

Em princípio, devo ressaltar que o historiador, além de aberto a novas possibilidades quando faz uso das fontes de que dispõe, também buscará, a todo o instante, interpretá-las fazendo emergir as suas verdades como um detetive atrás de novas situações, é nessa mesma perspectiva que Ginzburg (1989), trabalha com o método indiciário.

Na visão de Certeau (2000, p. 65), “[...] o gesto que liga as ‘idéias’ aos lugares é, precisamente, um gesto de historiador.” Essas ideias a que se refere o autor são exatamente as que surgem das teorias e metodologias, sob uma única ótica: a de quem as escreve.

Este é um dos desafios do pesquisador, uma vez que os fatos já estão instituídos pela História antes mesmo de serem escolhidos para uma pesquisa. Todavia, a relatividade histórica estará na visão de quem buscará, através de uma série de fontes, recontá-los e analisá-los de forma crítica.

É o mesmo Certeau (2000, p. 67) quem manifesta que “[...] a ‘relatividade histórica’ compõe, assim, um quadro onde, sobre o fundo de uma totalidade da história, se destaca uma multiplicidade de filosofias individuais, as dos pensadores que se vestem de historiadores.

Refletir sobre acontecimentos passados e recontar a história não significa que ela se repita. Para Chartier (2009, p. 9), ao recordar fatos passados o historiador está buscando conhecimentos e contribuindo para “[...] a compreensão crítica das inovações do presente, as quais, por sua vez, nos seduzem e nos inquietam”.

Por isso, na pesquisa histórica de características biográficas, deve-se dar total atenção às fontes, evitando considerá-las de forma isolada do contexto social em que os fatos ocorreram e levando em consideração o que, por vezes, parece estar oculto nos relatos orais.

Segundo Thompson (1992, p. 204), “a lição importante é aprender a estar atento àquilo que não está sendo dito, e a considerar o que significam os silêncios”, deixando clara a importância da perspicácia na busca por evidências ocultas nos depoimentos das entrevistas e nas narrativas de vida.

Como bem alerta Freitas (2006, p. 148), “a abordagem biográfica não favorece a generalização dos resultados pesquisados, mas permite a percepção profunda dos processos formativos aproximados de uma geração, ou categoria profissional”.

Cabe ressaltar que, as imagens usadas na presente pesquisa não são fontes fundamentais, mas ilustram determinados acontecimentos históricos que foram registrados através de fotos ou figuras<sup>1</sup>.

Neste trabalho, tendo em vista versar sobre uma trajetória docente, entendo ser relevante observar e analisar todos os fatos históricos a ela relacionados, direta ou indiretamente, assim como o contexto social e cultural em que se desenvolveram as relações mantidas entre a professora, alunos e pais, estabelecendo a devida correspondência entre eles e o seu fazer docente dos anos de 1942 a 1984.

Assim, apresento a seguir as fontes orais da pesquisa, a relação da História Oral e da Memória com o tema aqui apresentado e estabeleço a ligação entre a História de uma trajetória docente e a formação de identidades.

### **1.1 As Fontes Oraís da Pesquisa**

Conforme já foi apontado, o desenvolvimento da pesquisa na área da História da Educação exige uma diversidade de fontes e precisa estar fundamentado em pressupostos teórico-metodológicos adequados ao seu objeto.

O estudo ora desenvolvido utiliza-se, assim, de narrativas orais, de entrevistas abertas de história de vida, de entrevistas temáticas, fotografias e documentos escritos.

---

<sup>1</sup> Para complementar os estudos sobre o uso das imagens em pesquisas históricas ver Fabris (1998) e Kossoy (2003).

Levando em consideração que “[...] os tempos de ontem são lembrados a partir de parâmetros da sociedade contemporânea” (FISCHER, 2005, p. 53), uma importante fonte que foi utilizada na presente análise dos dados consistiu nas narrativas pessoais de vida e de atuação da Irmã Luísa Maria coletadas através das entrevistas abertas. Além das narrativas da alfabetizadora, foram realizadas outras seis entrevistas temáticas com professoras, algumas ex-alunas da educadora, que trouxeram muitas contribuições ao trabalho.

Foram realizadas, quatro entrevistas com a Irmã Luísa Maria, nas quais ela reconstrói, através da memória, lembranças de sua família e de sua infância, do seu período de convento, dos 42 anos de alfabetização no Colégio São José e de sua frustração por ter ido embora da cidade de Pelotas.

Para o historiador Le Goff, as entrevistas são uma rica fonte de pesquisa e funcionam como um “documento-monumento”. Em seu texto sobre fontes orais, Alberti (2005, p. 184) analisa essa afirmativa e completa o seu pensamento afirmando:

[...] podemos dizer que a entrevista é produzida para ser monumento. Seu caráter intencional de perpetuação de uma memória sobre o passado fica patente já na escolha do entrevistado, como testemunha importante a ser ouvida. Esse caráter “monumental” é dado pelo próprio pesquisador e em geral recebe a aprovação do entrevistado, que se sente honrado e satisfeito por estar sendo chamado a dar seu depoimento.

As entrevistas com a Irmã Luísa Maria foram tomadas durante os meses de maio e junho de 2010 e junho de 2011 e se tratam de entrevistas abertas, sendo ouvidas narrativas nas quais a entrevistada, com muita disposição, conta momentos que marcaram sua história de vida e de profissão. Thompson (1992, p. 205), ao analisar, a “liberação da memória” que o entrevistado idoso realiza através da busca de fatos passados, afirma que: “O fato de ser entrevistado deu a uma pessoa idosa um sentimento renovado de importância e de finalidade, algo por que esperar”.

De fato, percebi na entrevistada, durante a coleta de seus depoimentos, um sentimento forte de esperança em estar recordando o vivido, produzindo narrativas conseqüentemente emocionadas e com uma versão bem pessoalizada das experiências por ela vivenciadas, bem como de decisões fundamentadas não somente na razão, mas também na fé.

Faz-se necessário, entretanto, que a análise da entrevista realizada, seja bastante cautelosa e a considere como um todo. Nesse sentido, Alberti (1995, p. 185) alerta:

É preciso saber “ouvir” o que a entrevista tem a dizer tanto no que diz respeito às condições de sua produção quanto no que diz respeito à narrativa do entrevistado: o que nos revela sua visão dos acontecimentos e de sua própria história de vida acerca do tema, de sua geração, de seu grupo, das formas possíveis de conceber o mundo etc.

As fontes, para o historiador, funcionam como um apoio aos conhecimentos que são produzidos com base nos fatos desvendados. Devemos lembrar, entretanto, que elas estão sempre condicionadas ao teor das análises que são realizadas e são derivadas da “percepção humana”, como afirma Thompson (1992, p.197):

Toda fonte histórica derivada da percepção humana é subjetiva, mas apenas a fonte oral permite-nos desafiar essa subjetividade: descolar as camadas de memória, cavar fundo em suas sombras, na expectativa de atingir a verdade oculta. Se assim é, por que não aproveitar essa oportunidade que só nós temos entre os historiadores, e fazer nossos informantes se acomodarem relaxados sobre o divã, e, como psicanalistas, sorver em seus inconscientes, extrair o mais profundo de seus segredos?

Extrair informações de nossas fontes e ouvir relatos, além de instigante, permite que desvendemos fatos já acontecidos e jamais revelados sob a ótica de quem os está narrando. Na visão de Jenkins (2004, p. 29), “a história como discurso se encontra numa categoria diferente daquela na qual o passado está”, possibilitando a recuperação de lembranças e a liberação de sentimentos por parte dos entrevistados.

Neste empreendimento, o pesquisador é aquele que articula, serve-se do passado e de suas representações para descrever e construir uma História nova, preenchendo lacunas através dos relatos orais coletados e apropriando-se de cada acontecimento “morto”, trazendo vida a ela, como revela Certeau (2000, p. 109):

Não é surpreendente que esteja em jogo, aqui, algo diferente do destino ou das possibilidades de uma “ciência objetiva”. Na medida em que nossa relação com a linguagem é sempre uma relação com a morte, o discurso histórico é a representação privilegiada de uma “ciência do sujeito” (grifo do autor).

Com a intenção de desvendar aspectos do passado e tornar públicos a personalidade e o trabalho de uma professora alfabetizadora foi que busquei reunir documentos, realizei entrevistas com a própria educadora, com ex-alunos, com uma ex-alfabetizadora e uma atual alfabetizadora da instituição, e pesquisei em periódicos locais.

Ressalto, portanto, como já foi referido, que além da coleta das narrativas da Irmã Luísa Maria, realizei seis entrevistas com outras professoras, cinco delas suas ex-alunas. Cada entrevistada foi escolhida por um motivo relevante, decorrente do que outras fontes da pesquisa já indicavam.

A primeira entrevistada, a professora Vera Lúcia Fernandes de Souza, foi alfabetizadora, e hoje se encontra aposentada. Busquei entrevistá-la porque quando ela começou a trabalhar no Colégio São José, aprendeu o método do Castelo do Saber com a própria Irmã Luísa Maria.

É importante relatar que a professora Vera foi alfabetizadora no Colégio São José a partir do ano de 1973, tendo lecionado na instituição de ensino por 29 anos. Também foi ex-aluna da Irmã Luísa Maria. Estudou sempre na mesma escola, tendo se formado no curso normal no ano de 1971. No ano seguinte foi convidada pelas Irmãs Janete e Ivonete para começar a alfabetizar no colégio e, para isso, passou um ano acompanhando em sala de aula a Irmã Luísa Maria como relata:

[...] me convidaram para alfabetizar no Colégio São José, mas eu fiquei com medo, porque alfabetizar é um compromisso, uma responsabilidade muito grande. Então eu disse a elas que naquele ano não aceitaria, que eu iria me preparar para poder alfabetizar. Se elas quisessem poderiam contar comigo no próximo ano. Então houve uma proposta para eu assistir as aulas da Irmã Luísa Maria. Eu passei um ano dentro da aula com a Irmã, fazendo anotações. Tudo o que eu aprendi em alfabetização foi com ela. (VERA LÚCIA DE SOUZA, 29 ago. 2011)

A segunda entrevistada foi a professora Beatriz Helena Zanotta Nunes, alfabetizada no ano de 1949. Sua narrativa representou um contraponto ao que as fontes vinham apresentando. Por não possuir boas recordações da sua fase de alfabetização, apresentou críticas que levaram à reflexões e questionamentos que serão apresentados a seguir.

A terceira entrevista foi com a professora Lúcia Helena Brauner Machado. Ela e dois de seus quatro filhos foram alfabetizados pela Irmã Luísa Maria. Ela é professora aposentada e fez o curso de magistério no Colégio São José.

Lúcia Helena partilhou da trajetória docente da Irmã Luísa Maria em diversas fases da atuação da alfabetizadora, de onde surgiu meu interesse em entrevistá-la e ter acesso ao vasto material por ela arquivado. Muitos dados foram colhidos através da sua narrativa e com ela pude recolher alguns documentos como cadernos escolares, boletins e fotos, fornecidos para enriquecer este trabalho.

A quarta professora entrevistada, Clotilde Augusta Antunes Dellpizo, é aposentada e atuou por muitos anos em escola pública estadual. Seus quatro filhos foram alfabetizados pela Irmã Luísa Maria. Considerei importante colher sua narrativa porque ela redigiu uma carta para a alfabetizadora, quando esta recebeu o título de cidadã pelotense, carta que se encontrava no acervo pessoal da Irmã Luísa Maria.

A quinta pessoa que entrevistei foi a professora Márcia Beatriz Macedo Pinho, que foi alfabetizadora do Colégio São José até o ano de 2009. Ela foi alfabetizada pela Irmã, fez magistério no Colégio São José e aprendeu o método do Castelo do Saber para introduzi-lo em sua prática pedagógica. A professora Márcia foi minha colega de alfabetização e me ensinou algumas das histórias do Castelo da irmã Luísa Maria.

A última entrevistada foi a professora Janaína Soares Martins Lapuente, também alfabetizadora, está trabalhando há dois anos com turmas de primeira série no Colégio São José, tendo em sua turma alguns filhos e netos de ex-alunos da Irmã Luísa Maria. Ela tem seus estudos de mestrado e doutorado no Programa de Pós Graduação em Educação onde tratou da temática da alfabetização e hoje complementa com a formação de professoras. Atualmente como alfabetizadora utiliza princípios do método fonético semelhante ao que era utilizado pela Irmã Luísa Maria.

Com as entrevistadas, busquei aproximações e relações com o método e a atuação da Irmã Luísa Maria. Elas contribuíram sobremaneira para a elucidação de questões relevantes da pesquisa. As entrevistas orais temáticas foram feitas com o intuito de possibilitar que as entrevistadas discorressem livremente sobre o tema, tendo como foco principal a questão de lembranças da sua alfabetização ou, no caso das alfabetizadoras, da sua atuação como professoras primárias.

Sendo assim, penso que a aproximação com documentos e relatos das pessoas envolvidas na história da trajetória docente ora analisada, permitiram uma melhor delimitação do âmbito da pesquisa.

Com esse objetivo, recorri à biblioteca e ao arquivo morto do Colégio São José, às revistas da congregação das irmãs de São José, ao histórico do educandário, aos periódicos colecionáveis encartados no Diário Popular sobre o Colégio São José e outros documentos relacionados à época em que a educadora atuava como professora, nos quais encontrei diversos subsídios para escrever sobre

aspectos da prática docente, especialmente quanto à aplicação do método do Castelo do Saber.

A busca por documentos relevantes é estimulante porque as informações acabam surgindo até mesmo de forma indireta, através, por exemplo, de uma reportagem de jornal local tendo por objeto tema completamente diverso do pesquisado.

São apresentados, assim, novos caminhos por onde guiar o trabalho, proporcionando o questionamento das fontes eleitas e indicando, inclusive, novas possibilidades de entrevistas.

O uso de periódicos como jornais e revistas são comuns em pesquisas dessa natureza, e contribuem sobremaneira para a coleta de dados e para a compreensão das representações de uma sociedade (LUCA, 2005).

Convém lembrar, entretanto, os perigos que surgem da falta de neutralidade, por vezes vinculadas a interesses pessoais dos produtores e editores de determinados periódicos, tema esse que já foi objeto de inúmeros debates.

Neste aspecto afirma Luca (2005, p. 139):

Pode-se admitir, à luz do percurso epistemológico da disciplina e sem implicar a interposição de qualquer limite ou óbice ao uso de jornais e revistas, que a imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra, de uma determinada forma, aquilo que se elegeram como digno de chegar até o público. O historiador de sua parte, dispõe de ferramentas provenientes da análise do discurso que problematizam a identificação imediata e linear entre a narração do acontecimento e o próprio acontecimento.

Então, estando o pesquisador ciente e respaldado em uma análise crítica, do uso que fará desses recursos certamente beneficiará em muito seus estudos, pois “a variedade da fonte imprensa é enorme e suas possibilidades de pesquisa são amplas e variadas” (LUCA, 2005, p. 141).

Se por um lado a metodologia da História Oral permite-nos explorar a subjetividade das fontes derivadas da percepção humana, por outro, a incursão a arquivos pessoais e públicos mostra-se, igualmente, de extrema valia. Através dela, são encontrados subsídios que auxiliam na compreensão e interpretação dos fatos, oferecendo uma nova leitura à visão trazida pelas memórias relatadas.

Corsetti (2006) estimula o cruzamento de fontes na constituição do texto historiográfico:

O cruzamento e confronto das fontes é uma operação indispensável, para o que a leitura hermenêutica da documentação se constitui em operação importante do processo de investigação, já que nos possibilita uma leitura não apenas literal das informações contidas nos documentos, mas uma compreensão real, contextualizada pelo cruzamento entre fontes que se complementam, em termos explicativos (CORSETTI, 2006, p. 36).

Foi dessa forma, na busca de documentos que auxiliassem a revelar como era o trabalho de alfabetização da Irmã Luísa Maria no Colégio São José e consultando fontes documentais guardadas pela própria alfabetizadora, que encontrei a cartilha do Castelo do Saber.

O Castelo do Saber, conforme já foi dito, foi o método criado pela educadora para realizar um modelo de alfabetização que, embora com as limitações técnicas da época, prendesse a atenção dos alunos e os estimulasse na aprendizagem da leitura e da escrita.

Além da cartilha do Castelo do Saber, encontravam-se de posse da educadora outras três importantes fontes guardadas em seu acervo pessoal que serviam de base para a aplicação do método de ensino da leitura e da escrita: o Caderno de Exercícios, o Livro do Mestre e um caderno denominado Período Preparatório.

Todo o material referido foi concebido e escrito pessoalmente pela Irmã Luísa Maria, com o objetivo de guiar e orientar a todos que quisessem usar e conhecer o método do Castelo do Saber. Esse material de imediato despertou meu interesse, pois trazia grande quantidade de informações úteis para o trabalho de pesquisa realizado.

Como analisa Freitas (2006, p. 146):

Para o desenvolvimento da pesquisa entende-se a abordagem biográfica na história da educação como aquela que, a partir de diferentes instrumentos e vestígios, recupera e registra a trajetória de educadores e intelectuais que ocuparam a cena educacional, entre eles: depoimentos, histórias de vida, registros biográficos, entrevistas, diários, cartas, fotografias, memórias, necrológicos, matérias jornalísticas, discursos de homenagem, perfis biográficos, literatura entre outros.

Nesta pesquisa são analisados e recuperados depoimentos, entrevistas, cartas, fotografias, matérias de jornal, discursos, boletins, cartilhas e outros recursos que procuram dar subsídio ao fazer historiográfico do trabalho desenvolvido.

Nota-se, assim, que todas as informações e descobertas que se revelaram por intermédio das fontes referidas anteriormente, enriqueceram a pesquisa e permitiram que fosse realizada uma análise da trajetória docente da educadora.

Também foi possível que se fizesse uma comparação de um método de alfabetização aplicado em sala de aula há mais de sessenta anos atrás com processos atuais de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita.

## 1.2 A História Oral e a Memória

A História Oral, metodologia de pesquisa, permite ao historiador “reconhecer a existência de múltiplas histórias, memórias e identidades em uma sociedade” (ALBERTI, 2005, p. 158), sendo usada na História Social e colaborando para a construção da História Cultural, reconstituindo depoimentos e revelando fatos que até então não haviam sido registrados.

Dessa forma, nesse estudo, tomando por base a História Oral como metodologia, foi necessário buscar autores que tratassem desse fazer historiográfico, dessa “[...] preocupação com o simbólico e suas interpretações” (BURKE, 2005, p. 10). Como consequência, posso dizer que a cada nova revelação nas leituras realizadas, maior foi o encantamento pela fonte de pesquisa em questão.

Para Ferreira e Amado (1998, p. 8):

Esta linha historiográfica que explora as relações entre memória e história rompe com uma visão determinista que limita a liberdade dos homens, coloca em evidência a construção dos atores de sua própria identidade e reequaciona as relações entre o passado e o presente ao reconhecer claramente que o passado é construído segundo as necessidades do presente.

Por força de tal entendimento, neste trabalho a memória, apesar de ter muitos significados, será considerada como um conjunto de lembranças construídas com base no passado e trazidas com todas as atribuições que as vivências do presente lhe concedem (BURKE, 2005).

Assim, ao explorar os relatos orais como fonte biográfica, não posso deixar de levar em conta que as memórias individuais, reconhecidas como os significados atribuídos pelos sujeitos históricos ao que aconteceu no passado, são um conjunto de vivências coletivas que vão se formando e se entrelaçando com o passar do tempo.

Através dos estudos realizados, pode-se constatar que na visão de Halbwachs (1990), a memória, como construção do passado, além de ser efetivamente seletiva, é resultante da análise de um contexto, um recorte de um momento lembrado, traduzindo-se como flexível, já que está pautada na experiência de vivências e emoções, o autor pensa assim em uma memória coletiva.

Neste trabalho interessa em especial o ato de lembrar, como parte de uma sociedade e de uma época. Para Portelli (1997) nossas memórias se entrelaçam e se moldam conforme o meio, apesar de serem lembranças individuais.

Portelli (1997, p. 16), ao se referir às influências sociais da memória, afirma que “[...] o ato e a arte de lembrar jamais deixam de ser profundamente pessoais”, e segue explanando em seu texto que “[...] a memória pode existir em elaborações socialmente estruturadas, mas apenas os seres humanos são capazes de guardar lembranças”, admitindo o autor, assim, que prefere “[...] evitar o termo ‘memória coletiva’”, preferindo tratar de memória social.

As memórias individuais de cada pessoa sofrem constante influência da época em que está vivendo, das ideias políticas, históricas e ideológicas que presencia e da coexistência com as recordações dos pares.

Elas trazem as verdades de quem as declaram, sendo que, no caso das entrevistas, são as lembranças do narrador que são reconstruídas, por vezes fazendo uma seleção de fatos do passado.

Isso corrobora a afirmação de que “[...] as lembranças de cada indivíduo estão intimamente relacionadas com o grupo do qual ele faz parte” (GILL, 2001, p. 25), bem como que as vivências do ser humano não são experiências isoladas e estão situadas na época, no momento histórico e no grupo social em que está inserido. A memória, é analisada levando em consideração as representações e influências temporais, como afirma Abrahão (2006, p. 7):

Sabemos, mediante estudos, de todos nós conhecidos, que a memória é reconstrutiva e que a significação que se deu a fatos no momento de seu acontecendo não é a mesma em outros momentos, em virtude de que a memória além de ser reconstrutiva é seletiva, mercê não só do tempo transcorrido e das diferentes ressignificações que o sujeito que rememora imprime aos fatos ao longo do tempo, mas, também, pelas ressignificações que ocorrem na relação desse sujeito com outros que também os vivenciaram.

Sendo assim, percebe-se que as influências do tempo podem fazer com que o narrador, em seus depoimentos, julgue por omitir alguns acontecimentos e selecionar outros como relevantes, sem realmente sê-lo.

Com isso, pode parecer que o relator usa um escudo de proteção sobre suas próprias lembranças, pelo medo de rememorá-las, como bem expressa Delgado (2006, p. 16):

A memória, principal fonte dos depoimentos orais, é um cabedal infinito, onde múltiplas variáveis – temporais, topográficas, individuais, coletivas – dialogam entre si, muitas vezes revelando lembranças, algumas vezes, de forma explícita, outras vezes de forma velada, chegando em alguns casos a ocultá-las pela camada protetora que o próprio ser humano cria ao supor, inconscientemente, que assim está se protegendo das dores, dos traumas e das emoções que marcaram sua vida.

Entendo importante destacar, também, que a História Oral, mostra-se repleta de versões provisórias e cativantes. Na visão de Pesavento (2008, p. 119), este é o maior encanto da História Cultural, “[...] fazendo do fazer História uma aventura, sempre renovada, do conhecimento”. Essa característica é que instiga o pesquisador em sua constante busca.

Nessa linha, a partir da influência da Escola dos Annales, pode-se dizer que a História Cultural, ou Nova História Cultural na perspectiva de Lopes e Galvão (2001), ganhou força e influenciou inúmeros historiadores, especialmente na área da educação, o que mudou sobremaneira os rumos da História Tradicional.

Cabe salientar, por todas as leituras que realizei, de autores e historiadores<sup>2</sup>, alguns defendendo e outros desprezando a História Cultural, restar evidente que seu surgimento deu-se devido às lacunas deixadas pelo positivismo, Marxismo e pelos Annales.

A História Cultural, assim, permite ao historiador ir em busca do que Pesavento (2008, p. 42) chama de representações:

Torna-se claro que este é um processo complexo, pois o historiador vai tentar a leitura dos códigos de um outro tempo, que podem se mostrar, por vezes, incompreensíveis para ele, dados os filtros que o passado interpõe. Este seria contudo, o grande desafio para a História Cultural, que implica chegar até um reduto de sensibilidades e de investimento de construção do real que não são os seus do presente.

---

<sup>2</sup> Para melhor compreender o surgimento da História Cultural e do seu diálogo, por vezes tumultuado, com a História Tradicional, cerquei-me de autores como Burke (2005), Pesavento (2008), Amaral (2005), Tambara (1998), Chartier (1990) e Certeau (2000).

Em outras palavras, pode-se dizer que a proposta da História Cultural seria, pois, decifrar a realidade do passado fazendo emergir, através do olhar do historiador, fatos do dia-a-dia e experiências vividas, com o objetivo de produzir outros e novos conhecimentos aos que já estão postos.

Especialmente quanto à História Oral, alguns autores, no embasamento de análise de fatos históricos, admitiam que poucas discussões eram levantadas em torno dos problemas metodológicos que a envolviam, atribuindo a referida resistência a um “desinteresse e desconfiança” resultantes, por sua vez, “[...] de formas arraigadas de se conceber a história e a validade de suas fontes”, como conclui Ferreira (1993, p. 1).

Já Alberti (2005), ao dissertar sobre a História Oral como uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes considerada contemporânea, nos remete à atualidade das pesquisas históricas e à importância dos relatos de participantes e de testemunhas de fatos que marcam uma época.

Na presente pesquisa a metodologia da História Oral contribui sobremaneira na exploração da memória de cada entrevistada. A memória é invocada a cada entrevista e os relatos dos fatos apresentam-se como uma fonte primordial para a reflexão sobre a trajetória docente da Irmã Luísa Maria.

### **2.3 História de Vida e Identidade**

Como bem analisa Bourdieu (1998, p. 183), no texto “A Ilusão Biográfica”, “[...] falar de história de vida é pelo menos pressupor – e isso não é pouco – que a vida é uma história”. Nesse texto o autor analisa as pesquisas biográficas de forma crítica, ponderando serem, por vezes, estudos do “senso comum” e levantando algumas situações problemáticas que se encontram na historiografia das histórias de vida.

Para Bourdieu (1998), o historiador, ao escrever sobre as histórias de vida, precisa deixar de lado a forma romanceada e linear com que a literatura descreve as biografias, o que ele trata como “ilusão biográfica”, ressaltando que:

Produzir uma história de vida como uma história, isto é, como relato coerente de uma seqüência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar.

Através dos estudos das experiências individuais, busca-se desmistificar essa preocupação de Bourdieu, mostrando-se a relevância, para a História da Educação, de histórias de trajetórias docentes e de práticas de professores em sala de aula, especialmente nos processos de formação de docentes, trazendo grandes avanços para a História Cultural.

Para os historiadores da educação, a importância das pesquisas biográficas decorre, principalmente, de sua tendência a revelar os contextos escolares, a visão dos professores sobre a sua atuação, a ação dos sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem e as relações de interação no interior dos estabelecimentos de ensino, contribuindo em muito, como já referido, para os processos de formação continuada de novos professores.

No livro *Leituras do Passado*, Schmidt (2009) expõe algumas das críticas que frequentemente são apontadas nas pesquisas biográficas e para as quais procurei atentar neste trabalho. Uma importante observação que o autor traz é a de que as biografias históricas, por vezes, “seriam meras narrativas cronológicas, factuais, sem preocupações explicativas e analíticas” (SCHMIDT, 2009, p. 74).

Na presente pesquisa, em particular, a trajetória docente abordada é referida como parte da história de uma instituição educativa e esta por sua vez possui uma identidade, como alerta Sanfelice 2007, p. 77:

[...] uma instituição escolar ou educativa é a síntese de múltiplas determinações, de variadíssimas instâncias (política, econômica, cultural, religiosa, da educação geral, moral, ideológica etc.) que agem e interagem entre si, ‘acomodando-se’ dialeticamente de maneira tal que daí resulte uma identidade.

A caminhada de um educador que atuou por mais de quarenta anos em uma instituição, é sem dúvida parte integrante da composição da história e da identidade do educandário, e traz valiosas contribuições para a História da Educação.

Para Ferreira e Amado (1998, XXIII), nos anos 80 foi dada uma nova visão às pesquisas biográficas, já que “o relato pessoal pode assegurar a transmissão de uma experiência coletiva e constituir-se numa representação que espelha uma visão de mundo”, demonstrando que tais pesquisas representam, sim, a visão de determinado grupo social ou de determinado tempo político.

Por isso a pesquisa ora apresentada contextualiza o tempo e o espaço em que se deu a trajetória docente da alfabetizadora e demonstra os desafios epistemológicos enfrentados durante sua atuação. Segundo Bastos (2002, p. 167):

As vivências de um professor, ao longo de sua trajetória profissional, estão contextualizadas historicamente na perspectiva de construção do tempo presente. O prazer em revelar as inúmeras vivências, de contextualizá-las na busca da reflexão e da crítica, de valorizá-las diante da elaboração do tempo presente, intenta construir o vivido na perspectiva de esclarecer, em parte, o enfrentamento dos desafios epistemológicos do trabalho docente, em que as motivações de vida estão intimamente ligadas. O pessoal e o profissional fazem parte de uma totalidade: o eu.

Ao percorrer esse caminho, deparei-me, de início, com outra importante constatação: os autores que trabalham com pesquisa biográfica deixam claro que uma das principais características das narrativas que lhes servem como substrato é a falta de linearidade histórica. Melhor dizendo, os fatos, nas narrativas de vida, tendem a aparecer de forma descontínua, mas impregnada de elementos que lhes prestam a devida contextualização, como observa Oliveira (2006, p. 52):

A História Oral de Vida, como experiência de “fazer falar”, produz uma narrativa, sem uma perspectiva de linearidade histórica, de montagem de um quebra-cabeças onde tempo histórico, tempo social e cultural são invocados e vêm impregnados na singularidade da vida que se “conta”. Podemos conhecer através de uma vida singular, também a história coletiva da docência. É nesta perspectiva que dialogamos com estudos do imaginário, da história oral e da história de vida, privilegiando abordagens que retratem a dimensão simbólica das histórias da profissão docente, ainda pouco conhecidas entre nós.

A partir disso pode-se observar que, de uma história docente, podem derivar histórias de outras trajetórias de vida que se cruzaram, como observa Candau, para quem a memória e a identidade estão num mesmo rumo:

[...] torna-se difícil consentir sobre a preeminência de uma sobre a outra quando se considera o homem em sociedade. De fato, memória e identidade se entrecruzam indissociáveis, se reforçam mutuamente desde o momento de sua emergência até sua inevitável dissolução. (CANDAU, 2011 p. 19)

É importante ressaltar que, o homem é um ser sociável, um agente transformador da história, um sujeito ativo, e não passivo, que interage no mundo onde convive e é capaz de influenciar o meio com suas experiências e com o seu agir no ambiente onde atua.

Sendo o professor um agente ativo e, segundo Ferreiro (1991), um mediador do processo de aprendizagem, ele não constrói apenas a sua identidade, mas, no seu fazer pedagógico, está colaborando para a formação da identidade dos seus alunos e dos seus pares, ou seja, fazendo a própria história e a história de quem atua no seu universo.

Mostra-se forçosa, então, a conclusão de que uma sociedade que não busca estudar e questionar o seu passado não conhecerá sua identidade e não ganhará impulso político para reafirmar seus ideais e lutar por uma formação humana cada vez mais digna.

Nessa direção, Amaral (2002, p. 21) enfatiza:

É inegável que todo grupo social que esquece o seu passado, que apaga sua memória, acaba por perder sua identidade, tornando-se uma presa fácil das artimanhas das relações de poder. Certamente a compreensão do presente é incompleta sem a inserção do passado, da experiência vivida e consolidada. Portanto, o presente acaba perdendo o sentido se não se tem, na consciência histórica, um instrumento para a construção do futuro.

Percebo, ainda, que os pesquisadores biográficos e autobiográficos na área da educação procuram sempre utilizar-se da memória para a análise das vivências de um cotidiano que expresse a atuação docente e revele construções identitárias de professores, dando um sentido novo às suas vidas e às suas práticas escolares, sem perder de vista, de outro lado, a perspectiva do alcance e compreensão das dimensões do trabalho realizado.

A História da Educação, portanto, possui um papel primordial na reconstrução dos fazeres pedagógicos de professores. É necessário reconhecer, sobretudo, que a história de vida de uma pessoa, seu cotidiano, seus saberes e seu valor histórico para a sociedade onde atua precisam ser conhecidos, pois representam o contexto de uma época. Afinal, “o passado das instituições educacionais não pertence apenas à instituição, mas à sociedade em que ela se encontra” (AMARAL, 2002, p. 21).

Nessa perspectiva, vislumbro que o estudo em questão não só refaz uma trajetória, mas articula indagações e práticas constituídas, além de trazer à tona lembranças, situações e problemas enfrentados naquela época que, ainda hoje, se fazem presentes nas classes de alfabetização.

É importante salientar que as entrevistas, as narrativas e os documentos coletados possibilitaram o aprofundamento de algumas dessas questões que foram levantadas na análise dos dados: Por que a Irmã Luísa Maria sentiu a necessidade de criar um método próprio para sua prática do ensino da leitura e da escrita? Há uma alfabetização que atinja a todos os alunos de uma sala de aula? A alfabetização da Irmã marcou de forma indelével os seus alunos? Os alunos com dificuldade de aprendizagem ou de concentração também recordam com prazer desta alfabetização? Seriam utilizadas pela alfabetizadora histórias que somente atingiam um público discente considerado de elite?

Essas questões, surgidas ao longo da pesquisa, aos poucos puderam ser analisadas e esclarecidas nos capítulos da dissertação, sendo relacionadas, ainda, com o que os teóricos relatam a respeito das categorias referidas no trabalho.

Sendo assim pode-se dizer que todo o referencial teórico-metodológico utilizado na presente pesquisa possibilitou que fosse realizada a leitura de uma trajetória docente, fazendo uma análise reflexiva dos caminhos percorridos pela Irmã Luísa Maria em sua prática pedagógica.

Dessa forma, percebe-se que todo o tema pesquisado é uma fonte inesgotável de novas descobertas, que se revelam em cada informação e enriquecem o estudo historiográfico, fazendo uma reconstrução do presente através de dados passados coletados, para o que se precisa estar aberto e atento aos referenciais que surgem durante a pesquisa.

## **NO COLÉGIO SÃO JOSÉ**

### **2.1 Aspectos da história do Colégio São José em Pelotas/RS**

O Colégio São José, é uma das instituições de ensino privado mais importantes e tradicionais de Pelotas, tendo completado, no ano de 2010, 100 anos de trajetória. Muitos são os autores envolvidos em revelar episódios, fatos e acontecimentos que marcaram a História da cidade de Pelotas desde a sua fundação.

A cidade de Pelotas viveu o ápice de sua economia e da sua cultura nas últimas décadas do século XIX, situação que perdurou até o início do século XX, período em que era a segunda cidade mais importante do nosso estado, sendo conhecida por todos como a “Princesa do Sul” ou, ainda, como a “Atenas Rio-Grandense”<sup>3</sup>.

Com o desenvolvimento dos setores econômico e cultural e o crescimento populacional do município, passou-se a sentir a conseqüente necessidade de instituições de ensino capazes de suprir a demanda por um ensino de maior qualidade. Essa carência era particularmente experimentada pelas moças, das camadas sociais mais favorecidas, que, num contexto de segmentação escolar por sexo, ainda não dispunham de uma escola que lhes pudesse proporcionar a educação almejada.

Em busca do atendimento a tal anseio, o então Intendente Municipal Dr. José Barbosa Gonçalves não mediu esforços junto ao bispo de Porto Alegre, na época D. Claudio Gonçalves Ponce de Leon, no intuito de trazer para Pelotas as

---

<sup>3</sup> Sobre a História da Cidade de Pelotas e seu período de apogeu ver Osório (1922), Magalhães (1994 e 1999), Arriada (1994), Amaral (2002) e Peres (2002), autores que discorrem sobre o assunto.

Irmãs de São José Chambéry, reconhecidas pela excelência do ensino que prestavam.

Tanto empenho resultou na fundação de uma instituição de ensino privado que colaborou para a formação da cultura e da educação da comunidade pelotense.

Quanto ao estudo de uma instituição escolar, Werle (2007) destaca que podem ser assumidos vários eixos de abordagem.

Reconstruir a história, buscar fatos e dados, colher informações, valorizar recursos, estar em contato com vidas que fazem ou fizeram parte de uma instituição é conhecer e reconhecer de que maneira esse estabelecimento de ensino contribuiu para o crescimento e o aprimoramento da sua comunidade, assim como os interesses envolvidos na sua criação.

Na própria concepção do Colégio São José, aflora uma estreita relação com a comunidade pelotense, ressaltando-se, que além do interesse público, o Intendente também era motivado pelo interesse pessoal. Isso porque pretendia que sua filha Maria Barbosa Gonçalves pudesse estudar sem se afastar de Pelotas, em busca de um ensino de qualidade. Dessa forma, preparou e adaptou uma casa de sua propriedade, situada na esquina entre as ruas XV de Novembro e Gomes Carneiro, para que o educandário começasse a funcionar (SANTOS, 2008, p.2).

Então, em 19 de março 1910, foi então oficialmente fundado o Colégio São José. Conforme consta no histórico da instituição, esse educandário foi idealizado, desde logo, como um estabelecimento de ensino destinado à educação da infância e juventude feminina, contando, já no início de suas atividades, com o expressivo número de 117 alunas, demonstrando sua plena aceitação pela sociedade pelotense. (HISTÓRICO DO COLÉGIO SÃO JOSÉ 1989)<sup>4</sup>.

Na imagem apresentada a seguir vemos ser descerrada a placa em homenagem a fundação do Colégio São José, pelas mãos da Madre Maria Gonzaga, diretora da instituição.

O referido acontecimento se deu cinquenta anos depois do início das atividades do Colégio na cidade de Pelotas em março de 1960. Dada a sua importância histórica, a placa é mantida até hoje e se encontra na porta principal de acesso ao colégio pela Rua Félix da Cunha.

---

<sup>4</sup> O histórico de 1989 foi redigido pela direção e pelo setor de comunicação do Colégio São José.



Figura 1 – Foto da Inauguração da Placa em homenagem aos fundadores do Colégio São José – março, 1960 – Diretora Madre Maria Gonzaga  
Fonte: Acervo da Biblioteca do Colégio São José

Cabe destacar que no ano de 1910 também foi criada a Diocese de Pelotas. Portanto num mesmo ano ocorreram dois fatos de grande importância para a comunidade católica de Pelotas e região, decorrentes do expressivo desenvolvimento local.<sup>5</sup>

Instalada a escola, constata-se, em toda a documentação analisada junto à sua própria biblioteca, que a Madre Ephrém Blanc, então responsável pela província, determinou que a Madre Saint Maurice Reichmoz exercesse a função de primeira diretora do novo estabelecimento de ensino, sendo auxiliada, inicialmente, pelas mestras e religiosas Mari Alix Rellier, Saint Jean Marquis Ract, Lídia Nicoline e Albina Derordi.

Essa casa adaptada era pequena e recebeu carteiras para as alunas e escrivaninhas para as professoras, móveis encomendados e adquiridos pelo próprio Barbosa Gonçalves e que vieram dos Estados Unidos. Como em tal local não havia espaço para capela, foi edificada e inaugurada a capela da Beneficência Portuguesa, para que fosse utilizada pelas Irmãs de São José (FONSECA et al., 1999, p.14).

<sup>5</sup> O Papa Pio X criou a Diocese de Pelotas, abrangendo as cidades de Rio Grande, Bagé, Canguçu e Jaguarão, tendo sido seu primeiro titular o Bispo Dom Francisco de Campos Barreto.

Estudar a história de uma escola e buscar fontes de informações sobre determinado assunto gera a aquisição de novos conhecimentos e o enriquecimento da cultura, e faz com que o historiador realize sua própria interpretação dos fatos. Para Werle (2004, p. 14):

[...] a história das instituições escolares não é um relato ou recitação de acontecimentos, mas uma narrativa com interpretações, releituras que se apresentam na dimensão de representação, de uma versão da história institucional.

Na visão das irmãs dessa congregação, historicamente, atuar em instituições escolares como administradoras e mestras é um dos meios mais válidos e eficazes de realizarem suas missões como evangelizadoras, sempre defendendo e trabalhando pela construção de um mundo mais justo e fraterno.

Por inúmeras vezes durante as entrevistas realizadas com a Irmã Luísa Maria ficou claro, na sua linha de atuação, a importância da transmissão de valores familiares e cristãos aos seus alunos: “a minha alfabetização era completa, apresentava a família do castelo, através das vogais, e ensinava a importância da família na vida deles” (IRMÃ LUÍSA MARIA, 25 maio 2010).

Com o crescimento do Colégio, houve a necessidade, ao longo do tempo, da busca de prédios maiores. O primeiro deles situava-se na mesma Rua XV de Novembro, hoje numerado como 207. Então, em 16 de abril de 1916, o Colégio São José fixou residência na esquina entre as ruas Félix da Cunha e Três de Maio, onde permanece até os dias de hoje. Com esse acontecimento, o Colégio expandiu-se, permitindo uma significativa elevação em número de matrículas (HISTÓRICO DO COLÉGIO SÃO JOSÉ, 1989).

A ilustração que segue mostra a época em que a Escola passou a funcionar na citada esquina, percebe-se parte do prédio que deu origem ao Colégio que ao longo dos anos posteriores foi sendo acrescido de outros espaços até constituir-se no que é hoje: um Colégio que ocupa todo um quarteirão na zona central da cidade de Pelotas.



Figura 2 – Foto do Prédio do Colégio São José em 1916  
Fonte: Acervo da Biblioteca do Colégio São José

Posteriormente, com a intervenção do Coronel Pedro Luiz da Rocha Osório, em 1930, a instituição foi equiparada às Escolas Complementares do Estado, e, em 1936, surgiu a ala 13, anexa ao prédio central e voltada para a Rua Três de Maio, destinada, de início, ao Curso Ginásial que começou a funcionar em 1937.

No ano de 1940, foram concluídas as obras do auditório e de uma ampla capela (FONSECA et al., 1999, p. 14). Em 18 de fevereiro de 1942, a Irmã Luísa Maria com 18 anos de idade, acompanhada por outras colegas de vida religiosa, chegou a Pelotas para atuar como alfabetizadora no Colégio São José. Em 1º de março ministrava sua primeira aula para 25 alunos. No mesmo ano foram extintas as Escolas Complementares do Estado e surgiu o Curso Normal destinado a formar professoras primárias.

Destaca-se através da imagem que segue que a Escola continuava ampliando as suas acomodações para que pudesse proporcionar aos seus alunos espaços mais adequados as atividades que oferecia. Assim aconteceu com as obras do ginásio e de outras salas até a esquina da Rua Gomes Carneiro como podemos reparar na figura 3.



Figura 3 – Foto do Prédio do Colégio São José sendo ampliado pela Rua Félix da Cunha – década de 1940

Fonte: Acervo da Biblioteca do Colégio São José

O movimento de crescimento era contínuo quando, em 1945, foi inaugurada outra ala do Colégio, seguindo da Rua Félix da Cunha até a Rua Gomes Carneiro. Na sequência, em 1948, foi adquirido pela Escola mais um prédio, pertencente à família Maciel. Neste mesmo ano, em 12 de dezembro, Luísa Maria concluiu o ginásio na mesma escola.

No novo prédio, situado na Rua Félix da Cunha, nº. 412, funcionaram, durante cinco anos, a escola Normal e o curso primário gratuito denominado “Dona Leopoldina Maciel”, com o objetivo de suprir a necessidade de prática profissional das normalistas e ir ao encontro do que a congregação das Irmãs de São José busca no sentido de auxílio aos que precisam de ajuda.

Mais tarde, o referido prédio foi cedido para a Faculdade Católica de Filosofia (HISTÓRICO DO COLÉGIO SÃO JOSÉ, 1989). No mês de março de 1949 teve início o Curso Científico.

Em outubro de 1953 houve a inauguração da Biblioteca Comendador Carlos Assumpção<sup>6</sup>, marco importante para a concretização de pesquisas e estudos realizados pelas alunas. As Irmãs, além do aspecto religioso, também zelavam, no contexto da Instituição, por sua própria formação pessoal e profissional, prosseguindo em seus estudos e formando-se com o intuito de exercer a missão escolhida.

Desta forma, no dia 10 de dezembro de 1956, a Irmã Luísa Maria formou-se no Curso Normal, diplomada no mesmo educandário em que exercia a sua atividade de alfabetização, tendo como colegas, inclusive, algumas alunas alfabetizadas por ela. Em 1958 o Colégio foi ampliado, havendo a inauguração de uma grande ala localizada na esquina entre as ruas Gonçalves Chaves e Três de Maio.



Figura 4 – Foto do Prédio do Colégio São José ampliado pela Rua Três de Maio – década de 1950

Fonte: Acervo da Biblioteca do Colégio São José

---

<sup>6</sup> Carlos Assumpção assim como Leopoldina foram pessoas oriundas de famílias tradicionais da cidade e que provavelmente contribuíram de forma efetiva para a manutenção e ampliação desse Colégio.

Em 1961, várias alunas do Colégio, apoiadas pela direção e amparadas pela Associação de Pais e Mestres, passaram a se envolver em obras de apoio realizadas em bairros mais carentes, proporcionando às crianças atividades educativas e tarefas escolares (FONSECA et al., 1999, p. 17).

Já a partir do começo da década de 1970, com a Reforma do Ensino, encerrou-se a era do ensino dirigido exclusivamente a moças, passando a ser aceitas no educandário, matrículas para estudantes do sexo masculino. Embora as fontes da pesquisa tenham demonstrado, a partir dos depoimentos das professoras entrevistadas, que nas séries iniciais era comum a presença de poucos meninos em sala de aula nas décadas de 1940 e 1950. Foi no ano de 1972 que, os homens passaram a estudar oficialmente, no Colégio São José.

No ano de 1974, também em decorrência da Reforma, tiveram início, no 2º grau, as habilitações parciais de Desenhista de Decoração e Auxiliar de Laboratório de Análises Químicas, em substituição do segundo ciclo secundário, e a habilitação plena para o Magistério, em substituição do Curso Normal. Com o intuito de ampliar o Colégio e atender, em instalações mais apropriadas, as necessidades das crianças do Pré-escolar, incluindo o Maternal, foi inaugurado, em 1977, mais um bloco à Rua Gonçalves Chaves.

Após a extinção do curso de Magistério, em 1994, o Colégio continuou oferecendo aos alunos o segundo grau. Atualmente, funciona com os níveis da Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Ainda nos dias de hoje, é dirigido por Irmãs da Congregação de São José de Chambéry<sup>7</sup>.

Desde a sua origem até os dias atuais, portanto, pode-se observar através da documentação analisada que, o Colégio São José busca em seu projeto político pedagógico<sup>8</sup> uma relação com a comunidade local que vai além da educação interna

---

<sup>7</sup> Desde a sua criação o Colégio São José teve as seguintes diretoras: a Madre Saint Maurice assumiu a direção por três vezes nos períodos de 1910 a 1918, 1925 a 1932 e de 1937 a 1941. Nos anos de 1919 a 1924 o colégio foi dirigido por Madre Ana Filomena, de 1933 a 1936 por Madre Saint Jean, de 1942 a 1944 Madre Maria Alice, de 1945 a 1950 pela Madre Joana Maria, de 1951 a 1956 por Madre Joana da Cruz, de 1957 a 1962 pela Madre Maria Gonzaga, de 1963 a 1968 pela Madre Jeanne de Chantal, de 1969 a 1974 pela Irmã Renata Anelda Segat, de 1975 a 1977 pela Irmã Enedina Pierdoná, de 1978 a 1982 pela Irmã Sylla Antônia Della Costa, de 1983 a 1986 por Irmã Emília Sonda, de 1987 a maio de 2011 pela Irmã Anita Maria Pastore, de maio de 2011 a janeiro de 2012 pela Irmã Maria Célia Fritzen, de janeiro de 2012 até a atualidade pela Irmã Rosa Maria Porangaba.

<sup>8</sup> Sobre Projeto Político Pedagógico podemos analisar os escritos de Veiga (2000 e 2001) e Libâneo (2007).

de seus alunos, pretendendo demonstrar um compromisso com as famílias, tendo como missão educar por meio de valores familiares e religiosos, de acordo com o histórico redigido em 1989.

Esse compromisso expressa-se não só no âmbito do ensino privado formal, mas também através de ações sociais em que o Colégio se envolve há muitos anos e continua até hoje desenvolvendo como a Campanha Gesto de Amor que arrecada roupas e alimentos com o auxílio de toda a comunidade escolar e atende a várias famílias carentes da cidade que precisam de auxílio.

Nessa perspectiva histórica, segundo Chartier (1990, p. 16), a história cultural tem como principal objetivo “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”.

Conforme Warde e Carvalho (2000), a escola não é um dado natural, mas todas as pessoas, objetos, decisões, tempos e espaços passam a ser objetos de estudo. Para essas autoras, as práticas diferenciadas relacionam a materialidade das práticas com o cotidiano da escola que vai sendo composto pelo conjunto dos fatos miúdos, cada acontecimento que pode parecer não ter importância, histórias de trajetórias de alunos e professores pouco exploradas, episódios de sala de aula, fatos da rotina que, incontestavelmente, fazem parte da vida escolar.

A noção de cultura escolar, então, é definida como o “conjunto de idéias, princípios, critérios, normas e práticas sedimentadas ao longo do tempo nas instituições educativas. Interferem neste todo a mentalidade, atitudes, rituais, mitos, discursos, ações, dentre outros” (VAGO, 2002, p. 100).

Esse conceito, segundo Faria Filho (2000), possibilita que possa haver uma análise mais complexa de tempos, sujeitos e espaços educacionais, articulando esses entre outros componentes do processo educativo. Sendo viável uma apreciação histórica de práticas escolares.

Nesse sentido, ao encontro da perspectiva de Vago 2002, sabe-se que pesquisar sobre os componentes de uma cultura escolar induz a analisar a sua história, levando em consideração as necessidades e as forças sociais que contribuíram na formação de todo esse conhecimento escolarizado.

Nada disso, porém, deve ser tomado como empecilho a ser descartado ou dificuldade apesar da qual a investigação prossegue. Pelo contrário, a explicitação dessas relações favorece um bom entendimento do ambiente específico da

investigação e fornece elementos para a rede de pesquisas possíveis, após cada relato de experiência. É, portanto, levando em consideração esses aspectos, que se pretende construir esta pesquisa.

Nessa linha, percebe-se através de autores como Magalhães (2004) a relevância que a história de uma instituição educativa traz para sua sociedade, isso ocorre porque a origem de um educandário tem vínculo direto com as necessidades da comunidade em que se insere, devendo mostrar-se articulado aos anseios políticos regionais e à própria formação de sua identidade, valores e princípios, conforme declara o autor (2004, p. 147):

[...] a história de uma instituição educativa traduz-se na construção de uma identidade cultural e educacional, que resulta da articulação do itinerário histórico com o modelo educacional. A história de uma instituição educativa inicia-se pela reinterpretação dos históricos anteriores, das memórias e do arquivo, como fundamento de uma identidade histórica.

Vinculado ao mesmo pensamento Saviani (2007, p. 24) afirma que:

Propor-se a reconstruir historicamente as instituições escolares brasileiras implica admitir a existência dessas instituições que, pelo seu caráter durável, têm uma história que nós não apenas queremos como necessitamos conhecer.

O Colégio São José, que em 19 de março do corrente ano completou 102 anos de fundação e de trabalho constante tem a sua história reconhecida neste Programa de Pós-Graduação em Educação sendo objeto de pesquisas realizadas por professores e alunos<sup>9</sup> e esta pesquisa visa auxiliar na perspectiva da construção histórica do Colégio e também das instituições escolares de Pelotas, apontando a trajetória de uma professora que atuou no educandário.

## **2.2 Duas Trajetórias Docentes que não se Cruzaram**

Todos nós constituímos uma história que para cada um tem sua relevância. Pesquisar sobre a trajetória docente de uma alfabetizadora e remexer em seu baú de memórias, por vezes fez com que me visualizasse em situações docentes semelhantes às da professora pesquisada.

Além disso, revirar lembranças de colégio levou-me a recordar dos meus próprios tempos como estudante. Cursei desde o jardim de infância até a metade da oitava série do primeiro grau no Instituto de Educação Assis Brasil<sup>10</sup>, escola onde construí meus valores fundamentais.

Nesse sentido Fischer (2011, p. 11) afirma:

Narrar-se, reconhecer-se narrado em tempos de escola, mais remotos, fossilizados ou presentificados ritualmente, ou melhor, nem uma coisa, nem outra ou nenhuma, significa, afinal um exercício de identidade, em sua provisoriedade e instabilidade.

Por ser o homem um sujeito biopsicossocial, está sempre sendo chamado a interagir com o mundo e com os ambientes em que está inserido. Edgard Morin (2001) reconhece a complexidade do ser humano na medida em que somos únicos, ímpares e singulares em nossa anatomia, fisiologia, comportamento, ainda que apresentemos algumas semelhanças.

Para o autor, “ser sujeito” é a característica que evidencia essas singularidades e diferenças, existentes de indivíduo para indivíduo, e a nossa complexidade. Isso porque o indivíduo-sujeito não emerge somente das relações entre as diferenças, mas, principalmente, do processo individual de auto-organização a partir dessas relações, assim buscando sempre completar a sua trajetória aperfeiçoando-se e exigindo mais de si.

Assim, conforme Petraglia (1999, p. 58):

Sujeito é o “eu” que se coloca no mundo, ocupando seu espaço. Sua concepção é complexa, por isto o “eu” precisa da relação com o “tu”[...] O sujeito emerge ao mesmo tempo em que o mundo a partir de sua auto-organização, que é a capacidade que o ser humano tem de transformar-se sempre.

Esse processo auto-organizador está vinculado às características humanas de autonomia, individualidade, incerteza, ambiguidade e complexidade que se configuram não só na relação com o interno de cada indivíduo, mas com o externo a nós (outro indivíduo, ambiente, objeto). De acordo com Petraglia (1999), na relação com o outro, a autotranscendência do sujeito permite-lhe superar a si mesmo, a ordem da realidade, para além de sua própria esfera e de seu ambiente. Isto nos remete a um conceito de autonomia com estreita relação ao conceito de

---

<sup>9</sup> Ver pesquisas sobre a História do Colégio São José em Santos, 2008, 2009.

<sup>10</sup> Instituição pública de ensino, com mais de 80 anos de funcionamento e bastante conhecida na cidade de Pelotas. Sobre o Instituto de Educação Assis Brasil, ver Amaral, 2007.

dependência: para sermos sujeitos, necessitamos também da relação com os fatores externos a nós, o que pressupõe autonomia, dependência e liberdade.

A liberdade não é tão-somente uma qualidade, mas uma emergência da pessoa. Supõe a identificação da necessidade e do desejo, a capacidade de elaborar hipóteses, estratégias e metodologias para a sua realização, como também supõe possibilidade de escolha e poder de decisão. Dito de outra forma, o ser humano sabe o que quer, porque escolhe e decide a sua experiência, diante das *possibilidades* que se lhe apresentam. (PETRAGLIA, 1999, p. 60).

Para Morin (2001), é imerso nesse paradoxo entre autonomia e dependência que o sujeito se torna auto-organizador de seu processo vital, não excluindo sua parcela de dependência ao exterior, configurando-se, na verdade, como auto-eco-organizador, visto que o processo de constante transformação extrapola o seu ser e se constrói nessa relação com o externo.

No mesmo sentido, para o educador Paulo Freire (1996), o ser humano é um ser inacabado, um ser aberto, um ser de desejo, um ser social e político que se constrói nas relações com os outros seres humanos e, assim, se define singular, criando sua peculiar individualidade. Para esse autor, a condição humana se constrói na relação entre o inacabamento do ser e a esperança:

A matriz da esperança é a mesma da educabilidade: O inacabamento do seu ser de que se tornou consciente. Seria uma agressiva contradição se, inacabado e consciente do inacabamento, o ser humano não se inserisse num permanente processo de esperançosa busca. (FREIRE, 1996, p. 114).

Tanto Morin como Freire apresentam as relações como o ponto fundamental da construção e transformação das subjetividades/identidades do ser humano. São, portanto, as múltiplas experiências constantemente vividas que promovem o indivíduo e o levam a esta incessante busca do crescimento pessoal.

Posso dizer que minha realização profissional passou por esse processo de construção e transformação, instigando-me a uma constante busca pelo caminho da educação, do que decorre que hoje me encontro vinculada a uma pesquisa sobre trajetória docente.

Uma das recordações que me trazem muito pesar é a do dia em que minha mãe decidiu, em razão da greve dos professores estaduais do ano de 1985, por minha mudança de escola, após dez anos ininterruptos vividos dentro do Colégio Assis Brasil, onde fui alfabetizada e formei muitos vínculos de amizade, alguns dos quais preservo até hoje.

Isso faz crer que, por estarmos vivendo em determinado tempo, os problemas políticos e sociais da coletividade também exercem influência sobre os rumos de nossa vida, “somos seres históricos, já que nossas ações e pensamentos mudam no tempo, à medida que enfrentamos problemas não só da vida pessoal, como também, da experiência coletiva” (ARANHA, 2006, p. 19).

Assim, dado o momento político atribulado e desfavorável aos professores de então, acabei cursando a última metade da oitava série na instituição de ensino privado chamada, à época, Escola Castelinho do Saber<sup>11</sup>. A mudança de escola também acabou por definir meu futuro e no ano seguinte ingressei no magistério do Colégio São José, onde estudei por três anos. A educação a partir de então passou a fazer parte da minha vida de uma maneira nova, sentindo que passei a exercer a responsabilidade como educadora no momento em que optei pelo curso de magistério.

Minha trajetória profissional, dessa forma, desde a época de estudante, me levou a buscar como meta de realização pessoal o caminho da educação. Em 1989, formei-me no Curso de Magistério do Colégio São José. Entretanto, busquei uma profissão que talvez trouxesse uma compensação financeira, razão pela qual realizei por cinco anos o curso superior de Direito, onde me graduei.

Durante os cinco anos em que fiz o curso de Direito em Pelotas, pude paralelamente lecionar para crianças em idade de pré-escola e maternal na Casa da Criança São Francisco de Paula. Trata-se de uma creche destinada a filhos de mães de baixa renda, sendo um local onde as crianças permanecem durante o dia inteiro e, por causa disso, geralmente apresentam uma carência afetiva acentuada.

Continuei buscando afirmação na área do Direito e realizei um ano e meio de pós-graduação, em Porto Alegre, retornei e, influenciada pelo pai advogado, em seguida comecei a exercer minha profissão, por vezes inconformada por ver tantas injustiças e burocracia para que direitos simples que as pessoas possuíam fossem efetivamente alcançados.

Nesse sentido, percebi que o exercício da advocacia apesar de ser financeiramente mais vantajoso, não me trazia realização profissional. Nessa época, passei, também, a trabalhar como professora substituta no Colégio São José,

---

<sup>11</sup> A Escola de Ensino Fundamental Érico Veríssimo, localizada na zona central de Pelotas, na Rua XV de Novembro nº 902, anteriormente chamava-se Castelinho do Saber. Foi fundada no ano de 1970.

chamada pela coordenadora pedagógica que havia sido minha professora no Curso de Magistério.

A responsabilidade em educar, mesmo que como atividade complementar, apenas substituindo as professoras quando necessitavam afastar-se momentaneamente do colégio, levou-me a fazer o curso de Formação Pedagógica para Docentes em Nível Técnico, mais conhecido no meio acadêmico como Esquema 1.

Fui, então, contratada como professora e alfabetizadora pelo Colégio São José no ano de 2004. Entendendo que ser educadora é a minha vocação, graduei-me no curso de Pedagogia em dezembro de 2006. No ano seguinte, fiz uma especialização em alfabetização e há oito anos atuo como alfabetizadora no primeiro ano.

Como já afirmei, escrever sobre a vida e a atuação no São José de uma professora alfabetizadora, é logicamente instigante e, por óbvio, desperta o meu interesse profissional, levando-me a todo o momento a analisar criticamente a alfabetização desenvolvida nas últimas décadas.

Na visão de Josso (2006, p. 10):

[...], o trabalho biográfico e autobiográfico encontra-se no cruzamento de um destino sociológico, cultural e historicamente previsível, de uma memória personalizada desse destino potencial e de um imaginário sensível capaz de seduzir, de tocar emocionalmente, de falar, de interpretar outros inconscientes ou ainda de convencer racionalmente.

Cabe salientar que ao pesquisar sobre a trajetória docente da Irmã Luísa Maria, busco traçar paralelos com minha formação e encontro momentos em sua vida nos quais sinto a identificação com a minha própria caminhada como professora.

Como analisa Freitas (2006, p. 146):

A utilização da abordagem biográfica atende à perspectiva da análise histórico-sociológica realizada a partir da complementaridade entre as fontes. A utilização das histórias de vida, relatos orais, depoimentos, memórias e biografias em conjunto com outros documentos, permite um diálogo instigante entre os processos de formação/escolarização, os projetos familiares e as escolhas profissionais.

Devo ressaltar, neste ponto, que os temas de pesquisa e as teorias que a embasam não são escolhidos ao acaso pelo pesquisador, mas estão intimamente ligados aos nossos anseios e aspirações pessoais.

Nessa linha, cito a afirmação de Oliveira (2005, p. 65): “a escolha que fazemos por determinadas teorias fala de nós e, certamente, somos escolhidos por estas”.

O tema escolhido para esta pesquisa corrobora a afirmação de que o pesquisador está ligado ao que pesquisa. Apesar da minha trajetória nunca ter se cruzado com a da Irmã Luísa Maria, sempre ouvia relatos de colegas e de ex-alunos do Colégio São José que se referiam a professora como sendo uma profissional de singular competência.

Com o tempo a curiosidade em conhecer e ouvir mais sobre a educadora e sobre sua forma de ensinar foi aumentando e mesmo sem conhecê-la pessoalmente sentia uma grande proximidade com sua forma de educar, já que as pessoas, em seus depoimentos, exaltavam sua afetividade com os educandos e domínio do método de ensino e da forma de alfabetizar.

Estimulada por esse interesse e, contando com o apoio da minha orientadora que entendeu a importância de uma pesquisa que fosse ao encontro dos meus anseios colaborando para a minha prática educacional, me vi levada a buscar mais dados sobre a vida daquela professora de quem tantas pessoas falavam.

Conheci a Irmã Luísa Maria em maio de 2010, quando a entrevistei pela primeira vez em sua residência no Barro Duro<sup>12</sup>. Era surpreendente a sua alegria, sua vivacidade, e o prazer que tinha em falar sobre sua carreira, apesar de ter na época 86 anos.

Outros encontros se sucederam onde a entrevistei por bastante tempo e pude conhecer uma educadora, idealista, sonhadora e apaixonada pelo que fazia. Trabalhamos em uma mesma escola, porém nunca nossas trajetórias se cruzaram na prática docente. Mas os seus feitos como profissional me levaram até ela e assim nossas caminhadas como educadoras nos aproximaram.

Como já referi anteriormente, com ela encontrei fontes documentais que enriqueceram minha pesquisa e que foram de grande valia para a minha prática docente como alfabetizadora.

---

<sup>12</sup> O Barro Duro é uma zona de praia residencial onde habitam muitos pescadores. Localizado próximo à Colônia Z3 e o Balneário Santo Antônio, na Cidade de Pelotas. As Irmãs da Congregação de São José de Pelotas tinham uma residência no local, onde moravam algumas das irmãs que já haviam se aposentado. Hoje essa casa já foi vendida e as irmãs foram encaminhadas para outras cidades do Rio Grande do Sul.

A partir do contato com o vasto material de alfabetização que a Irmã Luísa Maria havia produzido e elaborado há anos atrás, neste ano de 2012 as professoras alfabetizadoras do Colégio São José, estimuladas pelos relatos da minha pesquisa resolveram junto comigo aplicar a experiência do Castelo do Saber no início de nosso ano letivo. Assim passamos a ensinar as vogais através das histórias contadas pela educadora. A referida experiência de prática de sala de aula será objeto de análise no capítulo quarto deste trabalho.

Pode-se dizer que duas trajetórias que não atuaram no mesmo ambiente na mesma época, acabaram por se cruzar em anos mais tarde influenciando práticas pedagógicas recentes.

Na visão de Fischer (2011, p. 19):

Sugere-se que a utilização da memória, pelo menos em projetos relacionados à educação, que é o que nos interessa aqui, não se limite a uma história em si. Muito mais apropriado é vincular as narrativas memorialísticas a um projeto maior de articulação, onde questões relacionadas ao contexto sejam conectadas.

A foto a seguir revela nossa alegria em estarmos juntas, conectadas ao contexto e trocando ideias sobre nossa atuação profissional. A pesquisa, nesse sentido, possibilitou que, experiências passadas lembradas fossem revividas e avaliadas no tempo presente.



Figura 5: Fotografia da Irmã Luísa Maria e da pesquisadora, da esquerda para a direita.  
Fonte: Acervo de Rita Grecco dos Santos.

Nossos encontros fizeram com que a educadora voltasse a circular pelos corredores do Colégio São José para visitar as turmas de primeira série e conhecer a maneira como atualmente se dá a alfabetização na Escola.

Dessa forma, lembrar não é reviver, mas refazer, repensar, construir com imagens e idéias de hoje as experiências do passado. A construção do passado é relativa, é condicionada pelo presente. É o presente que aponta o que é importante e o que não é, portanto, um interpretar (BASTOS, 2002, p. 169).

Nessa interpretação que foi realizada do passado, não foram apenas às memórias da Irmã Luíza Maria que foram visitadas, mas também e durante boa parte do percurso deparei-me com fatos que faziam parte da minha realidade enquanto aluna em fase de alfabetização me reportando, por exemplo, aos cartazes da abelhinha que habitavam minha sala de aula.



Figura 6: Quadro do Código dos Sons do Método da Abelhinha.  
Fonte: Dissertação de Janaína Lapuente – p. 34.

Esses cartazes eram utilizados, no “Método da Abelhinha”<sup>13</sup> no ensino da leitura e da escrita no ano de 1978, no Instituto de Educação Assis Brasil, quando cursei minha primeira série.

Assim posso reiterar que o trabalho de pesquisa está de fato ligado às minhas expectativas. Ao lidar com depoimentos e fontes diversas da pesquisa, as lembranças nos remetem a um tempo já vivido. Porém mesmo assim, muitos fatos ficam no esquecimento afinal “a apreensão plena do tempo passado é impossível” (BOSI, 2004, p. 53), para a autora o tempo da lembrança está localizado no futuro do passado.

Em cada encontro com a Irmã Luísa Maria, era aguçada em mim uma vontade, quem sabe, como afirma Bosi (2004, p. 67) um “desejo de que o presente e o futuro nos devolvam alguma coisa que foi perdida”.

Ao analisar o uso das narrativas em pesquisas formadoras, Peres (2008) afirma perceber que os relatos (auto) biográficos, são férteis materiais que nos conduzem a uma melhor compreensão sobre o modo como construímos a nossa docência. Dessa forma, indubitavelmente o presente estudo fez com que se processasse em mim um tempo para re-avaliar e buscar novos caminhos em minha prática docente.

---

<sup>13</sup> Para aprofundar o estudo sobre o “Método da Abelhinha”, método de alfabetização aplicado em algumas escolas públicas de Pelotas nos anos de 1965 até 2007, ver Lapuente (2008) - dissertação de mestrado.

### 3 THEREZA FERONATO - IRMÃ LUÍSA MARIA

Questionada sobre quem é a Irmã Luísa Maria, ela própria responde espontaneamente, de maneira simples, sintetizando entender ser apenas “uma pessoa abençoada”.



Figura 7: Fotografia da Irmã Luísa Maria na década de 1970

Fonte: Acervo da Irmã Luísa Maria

Thereza foi registrada com o sobrenome Feronato (apenas com uma letra “r”) apesar do sobrenome de seus pais constar em seus documentos como Ferronato (com “rr”), aspecto que sempre lhe causou estranheza, mas que, embora curiosa, jamais procurou esclarecer ou corrigir.

Registrada como nascida no dia 28 de julho de 1923, conforme assentado na Certidão de Nascimento, que resultou no seu documento de identidade, nasceu, efetivamente, na data de 14 de julho, quando foi, inclusive, batizada, em casa, fato registrado na Certidão de Batismo, trazida na imagem logo abaixo, procedente do

Bispado da Diocese de Caxias do Sul, sendo madrinha sua tia Antonieta que era casada com Pedro, irmão de seu pai.



## BISPADO DE CAXIAS

*Certifico* que no Livro Aro 7 de assentamentos de Baptismos da Igreja de São Luiz Gonzaga de Alfredo Chaves à fl. 64 acha-se o seguinte:

No 619 a quatorze de Julho de mil novecentos e vinte e tres, em casa foi baptizada Thereza, nascida a quatorze de Julho de mil novecentos e vinte e tres, filha legítima de Maximiliano Ferronato e Maria Bianchi Ladimhos: Luiz Bianchi e Antonietta Coldibella. Celebrante: Padre Cassiano de Conde d'Eu Em fé Padre José Vignolo

E nada mais consta.

19 de Janeiro de 1927

*Padre Affonso de Caxias, Vigário*

|        |        |  |
|--------|--------|--|
| Busca: | 5\$000 |  |
| Taxa:  | \$     |  |
| Total: | \$     |  |



Figura 8: Cópia da Certidão de Batismo datada de 14/07/1923  
Fonte: Acervo da Irmã Luísa Maria

O fato da troca da data de nascimento era comum de acontecer nas famílias que viviam em localidades mais afastadas dos centros urbanos, onde se tinha maior facilidade para fazer o registro do nascimento dos filhos sem fazer confusão entre as datas verídicas.

Em sua família, as vivências e as práticas religiosas eram valorizadas e manifestavam-se em todas as situações. Fez a primeira comunhão na Capela de São Roque, foi crismada com 06 anos de idade, no dia 30 de novembro de 1929, na igreja Matriz de Alfredo Chaves<sup>14</sup>, tendo como madrinha Josephina Ferrazzo, sua prima.

Na primeira entrevista, quando questionada sobre o seu nome ela salienta, com simplicidade, que possui dois nomes, prática ainda usual na época da confirmação de seus votos:

Bem, eu tenho dois nomes que eu vou te dizer, como religiosa eu sou Irmã Luísa Maria, como todo mundo me conhece, Luísa Maria Feronato. Mas na Certidão de Nascimento é Thereza Bianchi Feronato, Bianchi é da mãe e Ferronato é do pai (IRMÃ LUÍSA MARIA, 18 maio 2010).

Durante a entrevista ela justificou a escolha por Irmã Luísa Maria explicando que quando entravam para a congregação das Irmãs de São José de Chambéry, faziam a opção para um nome que faria parte da lista da congregação, que não era o nome de origem familiar, isso na época era uma exigência, atualmente não há mais necessidade de trocar de nome.

Segundo a Irmã, a escolha por Luísa Maria tem profundo significado em sua vida pessoal, “Luísa porque tenho duas avós que se chamavam Luísa e Maria porque a mãe era Maria e por causa de Nossa Senhora” (18 maio 2010).

Por diversas vezes em sua narrativa demonstra uma grande devoção à Nossa Senhora, que para a Irmã, era exemplo de fé e de simplicidade, “a mulher forte do evangelho” (IRMÃ LUÍSA MARIA, 18 maio 2010).

### **3.1 A VIDA FAMILIAR E A FORMAÇÃO PESSOAL**

Thereza Feronato, filha de Maximiliano Ferronato e Maria Bianchi Ferronato, ambos de origem italiana, nasceu em São Roque localidade da cidade de Veranópolis, uma pequena e acolhedora cidade situada na região da serra gaúcha.

---

<sup>14</sup> Veranópolis, pequena cidade da serra gaúcha, destacada por sua excelente qualidade de vida, até 1898 era conhecida como Colônia de Alfredo Chaves quando foi elevada à condição de município do Rio Grande do Sul.

Ao falar sobre sua cidade, manifesta-se com indisfarçável emoção, demonstrando uma nostalgia em relação à terra natal:

A cidade onde eu nasci é Veranópolis, que cidade linda, que saudade! É a cidade onde mais se vive, não tem poluição, é uma cidade muito linda o ar é uma beleza. Umidade a gente quase não sente. Por isso Veranópolis – verdadeiro veraneio (IRMÃ LUÍSA MARIA, 18 maio 2010).

Em sua família de quinze irmãos, sete seguiram a vida consagrada “à entrega a Deus”, tendo três dos homens seguido a vida sacerdotal e quatro das mulheres, entre as quais ela própria, tornado-se freiras. Hoje, além da irmã Luísa Maria, apenas outros dois irmãos mais novos ainda estão vivos, um deles frei e outro, que não optou pelo caminho eclesial, casado.

Quando completou 70 anos de vida religiosa em outubro de 2011, em entrevista concedida à revista das Irmãs de São José, ressaltou o valor de sua família em sua vida, ressaltando: “Quero deixar aqui o meu agradecimento à família que me educou na fé, o exemplo de meus pais, dos meus irmãos, Freis Capuchinhos, e minhas três irmãs da Congregação das Irmãs de São José” (IRMÃ LUÍSA MARIA, 2011, p. 25).

Thereza em suas entrevistas relata que em sua casa tinham uma vida simples, não eram ricos, mas que nunca faltou nada para ela e para os irmãos. Na visão da educadora, os pais tinham uma vida de oração profunda e muito respeito pelos filhos, sempre diziam que cada filho deveria seguir a vocação que escolheu.

Em sua quarta entrevista relata que seus pais sempre deram liberdade para que os filhos seguissem seus destinos e diziam “nós rezamos para que Deus mostre o caminho que cada filho deve seguir” (IRMÃ LUÍSA MARIA, 21 jun. 2011).

Na foto a seguir, encontrada no acervo pessoal da Irmã Luísa Maria, podemos observar os irmãos em torno dos pais, que estão sentados na fileira inferior, sendo o pai o terceiro e a mãe a quarta da esquerda para a direita. Vemos a valorização da família com a satisfação e a alegria do patriarca e da matriarca com os filhos ao seu redor.



Figura 9: Fotografia da Família Ferronato. A Irmã Luísa Maria é a quarta, da esquerda para a direita, na fileira superior

Fonte: Álbum do acervo da Irmã Luísa Maria

Na foto, tirada nas primeiras décadas do século XX, observamos uma numeração, pois em seu álbum particular ela enumera e nomeia cada um dos componentes da família.<sup>15</sup>

Uma imagem representativa, que expressa respeito pelos mais velhos e demonstra vivência de valores religiosos e a hierarquia familiar. Ao manifestar-se a respeito de sua família, principalmente sobre os pais, e da vida que levavam, Thereza Feronato sente-se comovida e expressa com firmeza os valores por eles transmitidos em sua casa e introjetados na formação e educação dela e dos irmãos:

<sup>15</sup> Sentados da esquerda para a direita encontra-se com o terno mais claro e com o número 3 na roupa o Antônio Ferronato, ao seu lado com o número 1 na mão direita o Frei Teodoro, em seguida o patriarca Maximiliano e a matriarca Maria ao lado da mãe com o número 2 na mão esquerda Francisco Ferronato. Em pé na fila do meio encontramos com o número 8 no hábito Irmã Luíza, ao seu lado com o número 6 Irmã Maximília, no meio com o número 5 Josefina Ferronato, ao lado o Frei Luiz com o número 4 na veste, de terno e gravata à direita com o número 7 Pedro Ferronato. Em cima na esquerda com terno escuro e gravata com o número 13 João Ferronato, ao seu lado com o número 11 Frei Nestor, em seguida o número 9 Roque Ferronato, com o número 10 a própria Irmã Luísa Maria e por último com o número 12 Irmã Celestina Maria.

Faça-se ideia o pai e a mãe que pessoas elas eram. O exemplo dos pais. Eu nunca vi o pai e a mãe discutirem ou se faltarem com o respeito um com o outro. A benção de Deus sobre a nossa família não tem explicação. A mãe era a mulher forte do evangelho. O pai dizia “cada um siga o caminho que Deus chamar”, nunca faltou nada na nossa casa (IRMÃ LUÍSA MARIA, 18 maio 2010).

Era uma família de agricultores, viviam do plantio da terra, na época locomoviam-se em cavalos. Na região em que residiam, zona rural, interior da cidade de Veranópolis, havia a Comunidade São Roque, onde em uma pequena capela rezavam o terço, mas não eram celebradas missas.

Para assistirem a missa semanal locomoviam-se ao centro em Veranópolis. Como a família era muito grande eles se revezavam. Em um domingo, o pai levava os meninos para a missa e no outro domingo iam as meninas.

O patriarca da família, Maximiliano Ferronato, era professor e ensinou as primeiras palavras escritas aos filhos, entre eles a pequena Thereza, oferecendo-lhes, ainda, as primeiras noções de conteúdos atinentes ao então curso primário: “ele que me ensinou a ler e a escrever, fui alfabetizada pelo meu pai e até hoje sei todas as capitais do Brasil e toda a tabuada” (IRMÃ LUÍSA MARIA, 18 maio 2010).

Maximiliano Ferronato era um líder em sua comunidade. Era ele que ministrava aulas para as crianças. Nas palavras da filha Thereza, tudo o que o pai explicava, os alunos conseguiam saber, “na simplicidade do pai os alunos aprendiam” (IRMÃ LUÍSA MARIA, 21 jun. 2011).

Ela exalta a importância de aprender verdadeiramente, relatando que na época não existiam materiais variados e nem métodos modernos, mas a aprendizagem acontecia, “o pai fazia a gente aprender quem era o presidente da república e quem era o prefeito da cidade” (IRMÃ LUÍSA MARIA, 21 jun. 2011).

No local onde as aulas eram ministradas, na comunidade de São Roque, foi fundada em fevereiro de 1968 uma escola com o nome de Escola Estadual de Ensino Fundamental Maximiliano Ferronato, que foi fechada em 11 de julho de 2007, pelo decreto de lei 45.146 que extinguiu alguns estabelecimentos de ensino localizados no município de Veranópolis.

Este fato tornou-se corriqueiro nas zonas rurais. Escolas multisseriadas, com frequência reduzida de alunos, acabam fechando fazendo com que as crianças se desloquem até os centros maiores ou às escolas pólos para estudar, gerando salas com grande número de alunos, comprometendo o processo educacional.

Maximiliano era professor e catequista, foi ele que preparou os filhos para a primeira comunhão, tarefa que a irmã Luísa Maria, também exerceu com muitos de seus alunos que catequisou no Colégio São José, como será referido no capítulo 4 desta pesquisa.

Além disso, na época de sua infância era comum as pessoas acreditarem e cultivarem os dons que possuíam. Segundo a Irmã Luísa Maria “o pai tinha o dom de colocar os ossos no lugar, ele era médico, mas não estudou medicina, ele tinha um dom natural, dom de Deus.”. As pessoas que ficavam doentes ou fraturavam algum osso na região o procuravam como a um médico, para resolver seu problema.

Essa situação na época já revelava um dos problemas sociais mais graves do nosso país, a falta de atendimento médico adequado, principalmente em zonas de acesso menos privilegiado. Nas colônias havia muitos curadores (conforme Gill 2007), essas pessoas auxiliavam o seu povo, que era carente de atendimento medicinal adequado.

Segundo a Irmã narra em sua entrevista alguns de seus irmãos também possuíam o mesmo dom do pai e também ajudavam as pessoas da comunidade que solicitavam atendimento. Ela deixa claro que isso era feito de forma benevolente.

Thereza Feronato viveu no interior de Veranópolis até os doze anos de idade, quando foi para o convento, em Garibaldi.

### **3.2 A OPÇÃO POR UMA VIDA CONSAGRADA COMO IRMÃ DE SÃO JOSÉ E SUA MISSÃO NA CIDADE DE PELOTAS**

A Irmã Luíza Maria em sua última entrevista voltou a falar de sua opção pela vida religiosa, demonstrando que não se arrependeu de ter assumido sua vocação:

A primeira vez que eu falei com uma irmã de São José, eu era bem pequena, estava em uma procissão, ela me pegou pelo braço e me fez o convite através do dialeto italiano: *vuto nar a monega?* Que quer dizer em português *Quer ser irmã de São José?* Foi uma alegria de Deus, não dá para explicar a alegria que eu senti. Desde aquele momento dei o meu sim, olhei para ela e disse sim. (IRMÃ LUÍSA MARIA, 21 jun. 2011)

Ainda bem jovem, Thereza ingressou no Juvenato, pelo período de três anos, fase de preparação para a vida religiosa, como “juvenista”, opção resultante de seu forte desejo de seguir a vida religiosa, vocação acerca da qual, com absoluta confiança, jamais manifestou qualquer sombra de dúvida:

Eu não trocava a minha vida de religiosa por qualquer coisa do mundo, nunca. Podem me oferecer aquilo que quiserem, não me atraí, me atraí a vida que eu tenho, sempre tive essa vocação, quando era pequeninha queria ser carmelita, porque eu tinha a imagem de Santa Terezinha, que foi carmelita (IRMÃ LUÍSA MARIA, 15 jun. 2010).

Posteriormente, veio o Postulado, quando renunciavam aos bens materiais, optou por ingressar na congregação das irmãs de São José de Chambéry tendo sido admitida ao Noviciado em 17 de outubro de 1940, em Garibaldi, e realizando sua promessa, ou votos temporários, em 18 de outubro de 1941.

Sua opção pela congregação das Irmãs de São José de Chambéry, deveu-se ao fato de se tratar de uma respeitada ordem religiosa com forte atuação comunitária, na região serrana do estado.

Naquela época, anteriormente ao Concílio Vaticano II<sup>16</sup>, conforme já foi dito, as irmãs precisavam mudar o nome de família para ingressar na congregação, exigência que nos dias de hoje não mais persiste.

A Congregação de São José tem origem na cidade de Puy, na França, no ano de 1650, quando um jovem padre jesuíta, conhecido como Jean Pierre Médaille reúne um grupo de mulheres, algumas mais jovens e outras de idade mais avançada, já viúvas, e funda uma pequena congregação, que cresceu e expandiu-se de forma surpreendente.

O início das atividades da Congregação no Brasil ocorreu em 1858, quando sete irmãs, procedentes da cidade de Chambéry, também na França, desembarcaram na cidade de Itu-SP, por solicitação do Bispo Dom Antônio Joaquim de Melo, com a missão de atenderem e auxiliarem na educação da juventude.

Quarenta anos após, em 1898, as irmãs de São José de Chambéry aportaram nas terras do Rio Grande do Sul, sendo conduzidas para a região da serra, na cidade de Garibaldi.

---

<sup>16</sup> O Concílio Vaticano II foi um Concílio ecumênico da Igreja Católica realizado em 4 sessões, com término em 08 de dezembro de 1965, sob o papado de Paulo VI, estabelecendo diretrizes a serem seguidas acerca de diversos temas, principalmente voltados às relações entre a Igreja e a sociedade.

Na localidade serrana deram início à sua missão evangelizadora e congregaram um grande número de moças para assumirem tal trabalho, que apresentavam como uma tarefa recompensadora, dedicando-se, especialmente, à educação das crianças e jovens e aos cuidados de pessoas enfermas<sup>17</sup>.

Thereza Feronato, tendo conhecimento da importância da congregação das irmãs de Chambéry, optou por fazer parte daquela comunidade religiosa e, quando completou 15 anos, já durante sua caminhada no convento como juvenista, manifestou interesse em dar o passo seguinte, sendo encaminhada para o apostolado (período de um ano de preparação para o noviciado), o qual tem por objetivo permitir uma consciente e concreta opção pela vida religiosa.

Transcorrido o ano do noviciado, acontece a opção efetiva pelo caminho da consagração religiosa. Tais fases iniciais jamais deixam de lado e, mesmo, voltam-se, à preparação da irmã para o enfrentamento das dificuldades existentes fora dos limites do convento, haja vista que até então permaneciam no ambiente religioso, para o aprofundamento de temas próprios da vida religiosa.

Segundo relata, sempre que questionada perante as superiores sobre suas aspirações como religiosa, Irmã Luísa Maria nunca teve dúvidas acerca da missão que a si mesma impunha, respondendo: “Eu quero alfabetizar crianças, quero ser professora alfabetizadora de crianças”, sempre se sentindo vocacionada a ensinar e educar através da alfabetização. Não se sentia chamada a assumir outra missão, principalmente relacionadas à área da saúde, que considerava fora de cogitação: “enfermagem eu não gostava, me comovia ao ver uma ferida, minha missão era alfabetizar” (IRMÃ LUÍSA MARIA, 18 maio 2010).

Seguindo seu projeto de vida e de formação, no ano de 1942, a Irmã Luísa Maria foi encaminhada para a cidade de Pelotas, já na qualidade de Irmã de São José de Chambéry, com o objetivo de atuar no Colégio São José, como alfabetizadora.

Ela também exerceu junto à comunidade pelotense outras tarefas sociais para além dos muros do Colégio São José, tendo sido catequista, evangelizadora e missionária por muitos anos.

---

<sup>17</sup> Sobre a missão e atuação das Irmãs da Congregação de São José de Chambéry, veja-se: Santos, Tambara e Ferrari (2009), Santos e Arriada (2008), Michelin (2010).

Atuou como ministra da eucaristia na Igreja do Sagrado Coração de Jesus, conhecida também como Igreja do Porto e sempre levou a comunhão às pessoas da região, que por algum motivo não podiam se locomover até a Igreja.

Conforme entrevista com a professora Lúcia Machado, que também atuou como catequista leiga, a Irmã Luísa Maria foi coordenadora geral da catequese da Paróquia Sagrado Coração de Jesus, ela relata que:

[...] em 1979 iniciou a missa das crianças, planejada pelo Padre Florêncio e pela Beatriz Ferreira, nessa ocasião a Irmã Luísa Maria era coordenadora geral da catequese da zona do Porto. Ela foi a primeira a contar uma história na missa de domingo das crianças, onde sempre contava-se uma história do evangelho de domingo adaptado ao público infantil. Antes do horário da missa das 10h ela reunia todas nós catequistas, nós éramos umas dez catequistas, e nos preparava, nos dava aula para que em cada domingo uma dramatizasse ou adaptasse o evangelho para apresentar às crianças. Esta missa completará em 2012, 33 anos de existência (LÚCIA HELENA MACHADO, 30 set. 2011).



Figura 10: Fotografia da Irmã Luísa Maria atuando como catequista – out. 1975  
Fonte: Acervo da Professora

Na fotografia percebe-se sua atuação como catequista, com uma roupa discreta para a ocasião, um conjunto de saia e casaco azul. De mãos com o seu catequizando ela o leva até o padre para receber a sua primeira eucaristia.

Com o Concílio Vaticano II, que trouxe para a Igreja maior abertura à vida religiosa e aos leigos em geral, a congregação das Irmãs de São José teve um tempo para rever suas origens, sua missão, seu carisma e, conseqüentemente, seu modo de ser e de se apresentar diante da sociedade. Aos poucos foram assumindo a troca do hábito e também começaram a viver em pequenas comunidades espalhadas no meio do povo.

Para a Irmã Luísa Maria essa foi uma decisão acertada, uma vez que, na sua visão, como destaca de forma espirituosa: “o hábito não faz o monge” (Irmã Luísa Maria, 15 jun. 2010).

Foi então, a partir do Concílio, que ela passou a se envolver mais com atividades comunitárias. Esteve à frente da comunidade católica da Colônia Z3, ou Colônia de Pescadores São Pedro<sup>18</sup>, como missionária e como evangelizadora, desde 1970.

Seu trabalho na Colônia Z3 iniciou quando ainda atuava como professora e suas realizações e conquistas perante às famílias ali residentes foram importantes inclusive para o desenvolvimento da região.

Em uma de suas entrevistas, relata que aos sábados pela manhã alfabetizava e no turno da tarde se dirigia ao distrito dos pescadores, uma área que, no princípio, era de acesso muito difícil, através de estrada de chão, sendo que o único ônibus que para lá se dirigia oferecia apenas dois horários de circulação.

Seu primeiro trabalho missionário junto a essa comunidade consistia em visitas às famílias, buscando conhecer as pessoas lá residentes, suas condições de vida, hábitos, costumes e crenças. Através desse reconhecimento da Colônia Z3, constatou que a maioria das famílias que moravam naquele local não tinham o registro de pessoas naturais, ou seja, não informavam junto aos cartórios da cidade os nascimentos dos seus filhos, muitos já adultos.

---

<sup>18</sup> A Colônia Z3, ou Colônia de Pescadores São Pedro, considerada 2º Distrito do município de Pelotas, foi fundada em 29 de junho de 1921. Consiste em uma comunidade que vive principalmente da pesca como atividade de subsistência, constituída por moradores são em sua grande maioria pescadores ou familiares de pescadores. Localiza-se às margens da Laguna dos Patos, distante 25Km do da sede do município.

Em depoimento, revela com emoção:

A primeira coisa que eu fiz na colônia Z3 foi registrar as famílias, pois muitos não eram registrados, não eram brasileiros, nem portugueses, nem nada. Sabe como eu fiz? Eu tinha um ex-aluno que o cartório dele ficava ali na Félix da Cunha (bem pertinho do Colégio São José). Acho que o apelido dele era Juca. Fui falar com o Juca e pedir ajuda para registrar as famílias da colônia Z3 (IRMÃ LUÍSA MARIA, 15 jun. 2010).

Para sua surpresa, o rapaz do cartório, seu ex-aluno, não só acolheu o pedido, como se empenhou em auxiliá-la, fazendo com que todos os sábados um funcionário daquele serviço se dirigisse até a colônia dos pescadores com um caderno, no qual efetivava os registros das famílias, sem retorno financeiro, procedimento que repetiu até que todas as pessoas regularizassem devidamente suas situações.

Paralelamente a isso, a educadora e religiosa julgava ser muito difícil chegar em uma comunidade carente de muitos recursos já falando diretamente em Deus e na religião católica. Por tal razão, optou por se aproximar aos poucos, para o que se mostrou providencial a questão do registro civil da população local.

Depois de colaborar para registrá-los e de conquistar um pouco mais a confiança e o afeto de alguns moradores, deu início à sua “catequese” com as famílias, começando pelas crianças.

Ela conta que, em suas primeiras visitas à colônia, as pessoas ficavam desconfiadas com seu interesse em ajudá-las:

As primeiras vezes que eu ia lá eles espiavam por trás das portas, uns nem apareciam. Muitas vezes outros perguntavam: “Quanto dinheiro eu queria”. Eu explicava que não queria nada. Tinha que dizer a verdade: “eu não vim aqui por dinheiro. Vim para ajudá-los.” E foi o que eu fiz. Quem conheceu a Colônia Z3 e quem conhece agora sabe, era a noite e hoje é o dia (IRMÃ LUÍSA MARIA, 15 jun. 2010).

Por decorrência do trabalho desenvolvido, a Irmã Luíza Maria veio a tornar-se conhecida em Pelotas como a “protetora” da Colônia Z3. Em matéria publicada pelo jornal Diário Popular<sup>19</sup> no dia 03 de janeiro de 1996, o título dizia: “Colônia Z/3 perde sua protetora”, noticiando que a evangelizadora havia sido designada a atuar junto à comunidade da Paróquia da Igreja do Porto de Pelotas.

---

<sup>19</sup> Periódico de circulação diária na cidade de Pelotas/RS e região.

Sempre obediente às ordens de sua superiora, despediu-se dos pescadores e encaminhou-se para a assim denominada Comunidade de São Francisco, localizada na Paróquia da Igreja Sagrado Coração de Jesus.

Em seguida, entretanto, as famílias da Colônia Z3 reivindicaram o retorno da evangelizadora, ao que a diocese local por fim cedeu, permitindo à Irmã a retomada de seu trabalho de catequese e evangelização.

O trabalho da Irmã Luísa Maria na Colônia Z3 envolvia, ainda, a organização da procissão anual de Nossa Senhora dos Navegantes e o auxílio na alfabetização das crianças da colônia, atividades estas em que atuou, de forma incansável, até sua saída em definitivo da cidade de Pelotas, ocorrida em janeiro de 2011.

Foi um período de trabalho árduo. Seus alunos e ex-alunos do Colégio São José acompanharam e colaboraram na realização dos projetos que ela idealizava para aquela comunidade, como demonstra o depoimento a seguir:

Eu muitas vezes fui na casa das irmãs, fui fazer visitas para a Irmã Luísa Maria, fui levar coisas que ela aproveitava na colônia Z3, material escolar, vestuário, calçados, eu levava e ela distribuía fazendo aquele serviço maravilhoso que ela fez lá naquela comunidade. (CLOTILDE DELPIZZO, 25 out. 2011)

Irmã Luísa Maria, durante o período em que viveu em Pelotas, sempre residiu com outras irmãs da Congregação, dividindo as tarefas domésticas. As orações, as refeições e os cuidados com a casa são atividades da rotina diária das irmãs, cuja convivência é como a de uma família.

Por isso, destaca, é importante viver em harmonia e conviver com as diferenças. Segundo a Irmã “[...] sabemos perdoar, aceitar as diferenças dos outros. A Igreja é santa e pecadora” (15 jun. 2010).

Ocorre que, conforme já foi mencionado, a casa em que vivia junto a outras seis irmãs, situada no Bairro do Barro Duro, nas proximidades da Colônia Z3, foi vendida e as religiosas, por ordem da superiora, precisaram ser realocadas em outras comunidades vinculadas à sua Congregação.

Por esse motivo a Irmã Luísa Maria deixou a cidade de Pelotas em 22 de janeiro de 2011, com destino à cidade de Flores da Cunha, situada, casualmente, na mesma região da serra gaúcha de sua infância. Hoje encontra-se em Caxias do Sul residindo na casa de saúde das Irmãs de São José.

Acerca dessa remoção, em sua terceira narrativa, quando revelou que a casa onde residiam estava por ser vendida, demonstrou saber que não terminaria seus dias em Pelotas e bastante sentida pela iminente partida, afirmou emocionada: “Eu amo viver aqui” (LUÍSA MARIA, 15 jun. 2010).

A importância do trabalho da Irmã para a comunidade de Pelotas ficou evidenciada em muitos episódios de sua passagem de vários anos por essa região, o que foi explicitado nas homenagens relativas à sua despedida.

Cabe ressaltar que uma das homenagens que a deixou bastante orgulhosa, foi realizada pelos pescadores e pela comunidade da Colônia Z3, onde foi celebrada uma missa. E a sala da sacristia da igreja local recebeu o nome da irmã sendo colocada uma foto sua no local.

Além disso recebeu diversas visitas de ex-colegas e ex-alunos e concedeu uma última entrevista ao jornal Diário Popular, que foi publicada em 22 de janeiro de 2011 com o título: “Irmã Luiza Maria deixa Pelotas”.

Na fotografia que segue entrevista da Irmã em sua despedida da cidade de Pelotas.



Figura 11: Fotografia da Irmã Luísa Maria em entrevista - 20 jan. 2011  
Fonte: Diário Popular – foto de Ândria Halfen

## **4 A TRAJETÓRIA DOCENTE E O MÉTODO DE ALFABETIZAÇÃO DA IRMÃ LUÍSA MARIA**

Neste capítulo, abordo aspectos relativos à atuação da Irmã Luísa Maria como educadora e, particularmente, alfabetizadora, inclusive no tocante à sua metodologia de trabalho, relacionando-a às expectativas que são normalmente criadas em torno do processo de alfabetização, o que se percebe nas relações com os alunos, pais, familiares e dos próprios educadores envolvidos.

É sabido que os professores alfabetizadores são testemunhas de uma transformação diária. Em suas salas de aula ocorre o que poderíamos chamar de concretização da assimilação da leitura e da escrita. O processo de ensino-aprendizagem, tortuoso por vezes, tende a se tornar estimulante e cheio de descobertas, o que desafia o profissional comprometido com uma prática efetivamente educativa.

Nesse sentido, muitas questões relativas ao ensino da leitura e da escrita são levantadas e exploradas por pesquisadores e historiadores. Dessa forma, busca-se aqui, através da abordagem histórica da trajetória de uma docente, caminhos que possam ser alinhados à realidade presente e inspirar professores em suas práticas pedagógicas atuais.

Para Mortatti (2000, p.21):

[...] é preciso pensar em outras possibilidades de investigação relativamente ao ensino da leitura e escrita na fase inicial de escolarização de crianças, inserindo-o na problemática relativa às pesquisas em Ciências Humanas, neste final de século.

A alfabetização, como se sabe, é uma fase importantíssima para pais e alunos e naturalmente gera grandes expectativas, não somente acerca dos métodos<sup>20</sup> para tanto utilizados, que são motivo de constantes estudos e discussões entre educadores, mas principalmente acerca dos resultados esperados, muitas vezes questionados pela comunidade escolar.

Houve assim, através da história da alfabetização, a preocupação com a forma de ensinar e de introduzir o aluno no mundo da escrita. No Brasil surgiram inúmeras metodologias de alfabetização e, como será visto a seguir, esses métodos inspiram e respaldam outras possíveis formas de alfabetizar.

Segundo Maciel (2003, p. 13), “etimologicamente, a palavra método significa um caminho a ser seguido”. A mesma autora nos alerta que “aprender a ler e a escrever é um rito de passagem na perspectiva individual e social”, ou seja, não é apenas o sujeito alfabetizando o envolvido no processo de aprendizagem e sim todo o contexto social no qual está inserido, indo a alfabetização além do exercício de decodificar símbolos.

A partir das leituras de Ferreiro (1991), percebe-se a relevância do contexto na aquisição do pensamento humano. A interferência de “um outro” mediador é fundamental para o desenvolvimento do processo de aprendizagem. Por ser o homem um sujeito inserido em um ambiente, toda a aprendizagem que realiza sofre uma influência histórico-cultural.

Nos dias atuais, pesquisadores e alfabetizadores, sendo também mediadores, e tendo como interesse comum o desenvolvimento das crianças através da introdução ao mundo letrado, ocuparam-se em analisar e historicizar os métodos de ensino que surgiram e foram utilizados no Brasil até hoje.

Assim, para entender melhor a caminhada da Irmã Luísa Maria como alfabetizadora e a sua opção por criar um método de ensino, é importante que se realize uma breve exposição sobre o contexto histórico da alfabetização no Brasil, construindo um panorama do seu desenvolvimento.

---

<sup>20</sup> Sobre métodos de alfabetização, dentre outros, ver: Mortatti (2000); Chartier (2001); Frade e Maciel (2006). Para apropriar-se do assunto ver acervos do Centro de Documentação do grupo Hisales do Programa de Pós Graduação da Faculdade de Educação da UFPEL/RS, e do grupo Ceale do Programa de Pós Graduação da Faculdade de Educação da UFMG/BH.

#### 4.1 Aspectos da História da Alfabetização no Brasil

A alfabetização e o letramento, como referido anteriormente, têm sido temas de constante debate e preocupação para os pesquisadores da área, especialmente pelas dificuldades encontradas nos processos da aquisição da leitura e da escrita e, mais especificamente, nas escolas públicas, onde verifica-se o maior índice de repetência ou de fracasso escolar.

Segundo Mortatti (2000), muitas discussões acerca de qual seria o método ideal para inserir o alfabetizando no mundo da leitura e da escrita já foram realizadas no Brasil, destacando-se algumas importantes considerações colhidas por grupos que se dedicam a pesquisas mais particularmente direcionadas à história da alfabetização e aos métodos utilizados por professores inseridos nesse contexto.

Cabe salientar, entretanto, dado o teor desses diversos estudos aprofundados em torno do assunto, mostrar-se incontestável a conclusão de que não existe um método ideal para trabalhar um educando em processo de alfabetização. Poderá, isto sim, novamente ao que ensina Mortatti (2011), haver um procedimento de inserção na leitura e na escrita que se adapte mais a um determinado aluno de acordo com as dificuldades que apresenta.

Pode-se destacar, a partir disso, alguns métodos que despertam um maior interesse dos alunos com a utilização de histórias que conduzem o processo pedagógico ou, mesmo, pela própria maneira pessoal com que a professora conduz a sistematização do conhecimento, fenômenos que podem, unidos ou isoladamente, ter acontecido no caso da alfabetização da Irmã Luísa Maria.

Durante as entrevistas, a educadora demonstrava constante preocupação em inserir seus alunos no mundo das letras, por entender a importância da aquisição do conhecimento. Segundo Bomtempo (2002, p. 23):

[...]a 'moeda' reconhecida, universalmente, é a informação, a leitura confere um enorme poder à pessoa, na medida em que lhe permite manipular o próprio tempo, envolvendo-o em idéias e acontecimentos, e fazendo-o interagir com o mundo de forma mais atraente (grifo da autora).

Percebe-se, entretanto, que na alfabetização a ideia fixa de desenvolver nos alunos o gosto pela leitura e pela escrita, é comum a professores e pesquisadores, como já referi, muitas pesquisas foram realizadas no Brasil em torno do tema envolvendo métodos e processos de alfabetização.

Hoje está constatado, como analisamos em Mortatti (2006), que poderá haver procedimentos diferenciados e mesclados nos processos de alfabetização, assunto em relação ao qual, apesar de bastante explorado, revelam-se inesgotáveis as questões a serem debatidas, principalmente se levarmos em conta, como pano de fundo, o momento histórico em que se deu cada passo da evolução desse processo.

No Brasil colonial a vinda dos padres jesuítas em 1549 tinha um objetivo claro de inserir os indígenas no mundo das letras, com o intuito de introduzi-los na fé cristã e nos interesses da coroa portuguesa. Desde desse tempo vê-se a educação vinculada aos interesses poder dominante. A partir das reformas Pombalinas o estado passa a assumir as funções referentes à educação. Surgem então as aulas régias<sup>21</sup>, aulas avulsas onde não existia articulação entre as disciplinas, oriundas de um ensino público e laico, em que, na maioria das vezes, apenas uma elite privilegiada tinha acesso (MORTATTI, 2006).

Pode-se dizer que foi com a Proclamação da República no final do século XIX, que a Educação passou a ter merecido destaque em nossa história, com a preocupação de se tentar formar no mundo das letras uma grande massa populacional que permanecia ignara, já que até então muito poucos tinham acesso ao aprendizado da leitura e da escrita.

Os ideais republicanos acentuaram, então, a ideia de que o acesso à educação deveria tornar-se mais universalizado, e não apenas o privilégio de uma casta. Assim, passou-se a pesquisar e desenvolver formas de ensinar a leitura e a escrita a um grande número de pessoas, adotando-se alguns métodos de ensino específicos para esse fim.

Para autores e pesquisadores da história da alfabetização, especialmente Mortatti (2006), o primeiro método com que tivemos contato em nosso país durante essa nova realidade foi originalmente publicado em Portugal e escrito por um poeta

---

<sup>21</sup> Sobre as aulas régias no Brasil ler CARDOSO, Tereza Fachada Levy. As Aulas Régias no Brasil. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara. **Histórias e Memórias da Educação no Brasil**: Vol. I. - Séculos XVI-XVIII. Petrópolis: Editora Vozes, 2004. p.179-191.

português chamado João de Deus na obra intitulada “Cartilha Maternal ou Arte da Leitura”. A partir de então, tiveram início discussões e debates em torno desse tema, ou seja, do desenvolvimento do método mais apropriado para o ensino do processo da leitura e da escrita.

Segundo Mortatti:

Com essa disputa, funda-se uma nova tradição: o ensino da leitura envolve necessariamente uma questão de método, ou seja, enfatiza-se o como *ensinar metodicamente*, relacionado com o *que ensinar*; o ensino da leitura e escrita é tratado, então, como uma questão de ordem didática subordinada às questões de ordem lingüística (da época) (2006, p. 6) (grifo da autora).

Muito era debatido acerca desse processo, especialmente em São Paulo, onde eram acirradas as discussões em torno das propostas alfabetizatórias quando partidários do chamado “método analítico”, que visava a um processo mais moderno e arrojado de ensino e aprendizagem da escrita e da leitura, se confrontaram com os mais tradicionais defensores dos métodos sintéticos de alfabetização<sup>22</sup>.

Neste estudo, é importante esclarecer que os métodos analíticos, são aqueles em que o ensino da leitura e da escrita levam em consideração as palavras e as sentenças. Para esses métodos os alunos inicialmente fazem o reconhecimento das unidades maiores para em um outro momento definir as unidades menores como por exemplo as sílabas.

Já para os métodos de ensino da leitura e da escrita considerados sintéticos a aprendizagem é realizada partindo-se de letras, sons ou sílabas, ou seja, de unidades isoladas da língua. Onde encontramos o método fonético, que era o utilizado pela Irmã Luísa Maria, em seu processo de alfabetização, partindo do som da letra, de unidades isoladas para um todo complexo.

Por volta da década de 1920, vê-se então emergir educadores, interessados especificamente no tema da alfabetização e que, aprofundando seus estudos sobre os métodos e processos de ensino capazes de contemplar um grande número de educandos em muito pouco tempo, começam a considerar interessante a possibilidade de lançar mão de métodos “mistos”, que mesclavam o analítico e o sintético.

---

<sup>22</sup> Para entender melhor a construção do processo e dos métodos de alfabetização ver Mortatti (2000 e 2006), e também Soares (1986), onde a autora traz um estudo comparativo dos métodos de ensino da leitura e da escrita.

A partir de então, vê-se surgir novas formas de alfabetizar no Brasil, com o advento de métodos que pareciam querer revolucionar as salas de aula (MORTATTI, 2000). Relativiza-se, assim, a importância da adoção de um método em moldes rígidos e se passa a ter, inclusive no Rio Grande do Sul, mais afastado dos grandes centros, acesso aos mais variados modelos de alfabetização.

A análise de Peres (2006) nos coloca a par da situação do surgimento e da circulação de várias cartilhas escolares e dos métodos usados na alfabetização, especialmente em Pelotas, desde meados do século XIX. Para a autora:

[...] entre meados do século XIX e as duas primeiras décadas do século XX, em que há um predomínio da adoção de silabários, cartas ABC, mapas murais e de cartilhas produzidas em Portugal, como é o caso da *Cartilha Maternal*, de João de Deus em concomitância com o uso de cartilhas nacionais e regionais, como da *Cartilha Nacional* de Hilário Ribeiro, e das cartilhas *Samorim e Mestra*, de Samorim Augusto de Andrade... Para o caso de Pelotas, os dados indicam que o *Método João de Deus* foi utilizado na instrução pública municipal até o final dos anos 20. (PERES, 2006, p. 146)

Quando se refere à pesquisa em educação, no Brasil, cabe esclarecer que, na maioria das vezes, o estudo das instituições educativas e de trajetórias de docentes gira em torno, majoritariamente, de escolas e professores que fazem parte do setor público. Costuma-se partir da premissa de que o setor privado, por abrigar um número reduzido de estudantes, talvez não se preste às finalidades últimas das pesquisas brasileiras.

Porém, é importante referir que, neste estudo, trato especificamente de um método de alfabetização que foi criado e desenvolvido apenas no âmbito do ensino privado e que se mostrou de extrema valia para a clientela a que se destinava.

Uma constatação da importância do método criado pela Irmã Luísa Maria foi sua rápida propagação em nossa comunidade, inclusive no meio político, tanto que o então Deputado Federal Ari Alcântara, natural desta cidade e um dos representantes locais junto à Câmara dos Deputados, requisitou à educadora a elaboração de um material que pudesse ser por ele apresentado ao Ministério da Educação, a fim de que se realizassem estudos visando à possibilidade de sua adoção em todas as escolas públicas do Brasil.

Existem indícios que os livros datilografados pela Irmã Luísa Maria, Livro do Mestre, Cartilha do Castelo do Saber, Livro do Período Preparatório e Caderno de Exercícios, que são uma das importantes fontes da atual pesquisa, foram todos materializados nesta época, com o objetivo de serem conduzidos ao Ministério da Educação, para serem propagados pelo Brasil.

Esse fato demonstrou que o método da Irmã Luísa Maria era reconhecido em Pelotas, especialmente pela comunidade que estudou no Colégio São José e por grupos da Colônia Z3 que aprenderam a ler e a escrever através das histórias da Irmã Luísa Maria.

No entanto, não houve uma repercussão nacional nem estadual, da sua forma de educar. As histórias do Castelo do Saber não se propagaram para além da cidade de Pelotas. O método, apesar de reconhecido por uma comunidade escolar, não fez com que ele fosse publicado pelo Colégio e nem divulgado para outras instituições de ensino.

A educadora conta em sua narrativa que “o Ari Alcântara levou tudo isso (a cartilha, o livro do mestre, o período preparatório e o caderno de exercícios). O Ministro da educação era o Jarbas Passarinho, na época. Mandeí tudo para Brasília” (IRMÃ LUÍSA MARIA, 15 jun. 2010).

Com esse intuito, como já foi referido, a Irmã elaborou as obras para que, fossem, submetidas à análise do então Ministro da Educação Jarbas Passarinho, do que, todavia, não se obteve qualquer resultado prático ou, sequer, notícia por parte do governo federal. A própria educadora relata: “Conforme foi, voltou, minha filha. Ninguém olhou o meu método em Brasília. Eu pedi de volta e tudo retornou exatamente como foi.” (IRMÃ LUÍSA MARIA, 15 jun. 2010).

Pode-se dizer, assim, que nesta cidade foi criado e elaborado um inovador método de ensino da leitura e da escrita, o qual acabou por ser utilizado apenas no âmbito da comunidade escolar em que a Irmã Luísa Maria atuava, não tendo sido, publicado nem divulgado para além dos limites do restrito e seletivo público que adquiriu conhecimento tendo acesso às histórias das letras que moravam em um castelo e ganhavam vida ao atravessar seu portão, entrando em contato com os alunos na sala de aula.

## 4.2 DIFICULDADES INICIAIS DA PROFISSÃO

A preocupação com a melhor forma de ensinar está presente em todo o professor alfabetizador. Também a Irmã Luísa Maria sentiu essa angústia e a vontade de acertar e alcançar êxito no exercício de sua vocação.

Em seus relatos, esclarece que começou a atuar como alfabetizadora no ano de 1942 e que no início encontrou dificuldades, tendo vivido dois anos iniciais de “muita provação”, conforme suas próprias palavras.

Apesar de no dicionário encontrarmos provação como uma situação aflitiva ou penosa, para os religiosos o termo provação tem também um sentido de pôr à prova e superar a resignação. Em sentido bíblico é como se estivesse sendo testado o valor da vocação e passada à provação aumentá-lo, sendo considerada virtuosa a pessoa que a superou.

A irmã faz referência a “muita provação”, para a época em que chegou em Pelotas, alegando que “não conhecia a cidade, cultura e costumes” afirmando também não estar acostumada com o clima da região (IRMÃ LUÍSA MARIA, 08 jul. 2011).

Sente-se claramente que uma das suas grandes dificuldades foi a adaptação na nova região, com a chegada a uma estranha cidade, situada em porção do Estado diversa da região serrana onde residira até então e com um clima muito úmido.

Como já foi dito, logo que iniciou sua trajetória docente era muito jovem e a pouca experiência de sala de aula também a assustou, além do que havia poucos recursos pedagógicos. Em relato narra que “não havia Jardim de Infância, para preparar as crianças para a escrita” e isso gerava uma insegurança na jovem mestra que precisava buscar atividades e conteúdos prévios ao ensino das letras propriamente dito.

Durante seus primeiros anos de trabalho docente, não se adaptava ao ensino da leitura e da escrita com os métodos de alfabetização existentes, alegando que os alunos não realizavam uma aprendizagem de fato:

“os métodos eram difíceis para as crianças, que decoravam e não havia aprendizagem, os métodos como o da Lili e da Sarita não davam resultados. Sofri porque ao chegar ao final do ano, as crianças não sabiam ler. Só decoravam.” (IRMÃ LUÍSA MARIA, 08 JUL. 2011)

Às dificuldades de adaptação aos métodos existentes soma-se o fato de a professora ser bem jovem e inexperiente na profissão. Suas ex-alunas, alfabetizadas entre 1945 e 1949, durante os primeiros anos de atuação da Irmã Luísa Maria, fazem referência à mocidade da alfabetizadora: “ela era bem nova, bem novinha”, relata Beatriz Helena, que cursou a primeira série em 1949.

Percebe-se, no decorrer das entrevistas que a Irmã concedeu, que passou por momentos de incerteza no começo de sua prática pedagógica, uma vez que, não havia sido instruída para a alfabetização, não tinha formação docente sentia apenas aquela vocação através da vontade, do desejo de ensinar a ler e a escrever e não se adaptava aos métodos de ensino da leitura e da escrita instituídos pelo Colégio.

Em seguida que chegou ao Colégio São José, a Irmã Luísa Maria começou de imediato a atuar com uma turma de apoio, consistente num grupo de 25 crianças, que, para a época, era um número pequeno de alunos - as turmas costumavam ter 30 ou 35 crianças - com o intuito de prepará-los para a alfabetização.

Neste primeiro ano de atuação, como já havia alfabetizadora no colégio e não havia jardim de infância, ela assumiu as crianças que tinham mais dificuldades e iriam fazer a primeira série no ano seguinte, talvez o que denominamos hoje de um período pré-escolar, segundo relatos da educadora:

Tinha uma outra irmã que dava aula para a primeira série, não existia jardim de infância, então eu pegava aqueles alunos atrasados e eu ficava onde tinha o almoxarifado lá embaixo, havia uma mesa redonda, então eu dava aula lá, eu queria alfabetizar, mas naquela sala eu auxiliava os mais fracos. (IRMÃ LUÍSA MARIA, 08 jul. 2011)

Percebe-se em seus relatos que a educadora ao narrar o começo da sua trajetória docente, refere-se aos alunos “atrasados” e “mais fracos”, termos que atualmente são renegados por educadores e pesquisadores, especialmente das áreas da formação de professores e da neurociência.

Hoje as pesquisas não aceitam que se refiram aos educandos como alunos atrasados ou fracos, o debate em torno desta área é grande e vemos diversos estudos relativos ao déficit de atenção, à hiperatividade e a síndromes que interferem sobremaneira no processo de aprendizagem.

Os profissionais das áreas da educação e da psicologia atuam juntos para conseguir diagnosticar determinadas síndromes, e colaborar com tratamentos adequados que ajudem o aluno a desenvolver com mais facilidade seu processo de ensino e aprendizagem. Em geral é na fase de alfabetização, quando a criança começa a ter contato intenso com o mundo das letras e dos números, que as dificuldades começam a se manifestar<sup>23</sup>.

Nesses primeiros meses de atuação profissional, a Irmã Luísa Maria, refere-se a experiência de sua chegada ao Colégio com essa primeira turma de alunos que assumiu para fazer uma preparação para a primeira série, como uma experiência fracassada. Assim, relata sem mágoa e com humildade:

E eu era tão “boa professora” que em julho não voltou mais ninguém. No ano seguinte não dei aula. Mas, no próximo ano a outra irmã foi embora e eu assumi de verdade a primeira série, que era a minha vontade (IRMÃ LUÍSA MARIA, 08 jul. 2011).

Com apenas 18 anos de idade, na pequena sala onde funcionava o almoxarifado do colégio, com uma mesa redonda a que foi destinada, teve a reação da maioria dos profissionais ao se depararem com um novo desafio, o questionamento: “E agora, o que eu vou fazer?” (IRMÃ LUÍSA MARIA, 18 maio 2010).

Nóvoa, ao discorrer sobre a profissão de professor, afirma:

Esta profissão – professor – precisa de se dizer e de se contar: é uma maneira de a compreender em toda a sua complexidade humana e científica. É que ser professor obriga a opções constantes, que cruzam nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar, e que desvendam na nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser (1992, p. 9).

Com simplicidade a educadora relata “fracassei! No meu primeiro ano de magistério fracassei!”, (Irmã Luísa Maria, 21 jun. 2011) essa foi a sensação que teve, de derrota. Principalmente ante o fato de que os alunos não retornaram após as férias de julho.

No ano seguinte ficou auxiliando nos serviços gerais do Colégio, foi apenas no ano de 1944 que assumiu a primeira série, quando a Irmã que trabalhava com a alfabetização foi transferida de Pelotas para a cidade de Caxias do Sul.

---

<sup>23</sup> Para aprofundar o debate sobre déficit de atenção e sobre algumas síndromes que interferem na aprendizagem ver estudos de CONDEMARÍN, Mabel; GOROSTEGUI, Maria Elena; MILICIC, Neva.2004). E também de ROTTA, Newra Tellechea, OHLWEILER, Lygia; RIESGO, Rudimar dos Santos. **Transtornos da Aprendizagem** abordagem neurobiológica e multidisciplinar. 2006, Artmed, Porto Alegre.

Nos primeiros anos de sua atuação foram usados pela alfabetizadora os métodos que eram exigidos pela instituição escolar. Sabe-se, através das entrevistas realizadas com a Irmã Luísa Maria e com suas ex-alunas, que na década de 1940 foram utilizados para o ensino da leitura e da escrita no Colégio São José os métodos da “Lili” e o “Vamos estudar”.

A professora Beatriz Helena ao se referir em sua entrevista ao seu tempo de alfabetização no Colégio São José resalta que uma das dificuldades enfrentadas por educadores e educandos na época eram as turmas grandes “As classes em que sentávamos eram de três. Eram uns bancos largos de três lugares. E a aula era cheia, bem cheia, com uns 40 alunos” (28 set. 2011). Na imagem a seguir temos uma ideia do que eram os bancos de três alunos referidos na entrevista, visando ao melhor aproveitamento do espaço. Alunos maiores sentavam-se dois a dois.



Figura 12 – Sala de aula com classes de madeira onde sentavam três alunos – década de 1940 - Fonte: Acervo do Colégio São José.

Além das dificuldades citadas anteriormente, nota-se que a educadora não se identificava com os métodos de alfabetização que a instituição determinava para o ensino da leitura e da escrita na época em que começou sua atuação profissional.

Na entrevista da professora Lúcia Helena Machado, alfabetizada pela Irmã Luísa Maria em 1945, fica claro que sua alfabetização se deu através do método da Lili, conforme relata:

Fui alfabetizada no ano de 1945 pela Irmã Luísa Maria. Tenho recordação que o método aplicado naquele momento foi o método da Lili, que é um método onde tinha uma menina chamada Lili e tinham as historinhas todas. A gente gostava de passar de uma página para outra, a gente achava interessante. Era bonitinho. Ela deixava pintar a bonequinha. Eu me lembro que tinha um cavalinho e do bolo da Lili, eu tenho certeza que em julho eu já sabia ler (LÚCIA HELENA MACHADO, 30 set. 2011).

Entretanto, através das fontes consultadas, percebe-se que o Método da Lili, retornou à instituição de ensino tempos depois, inclusive após a criação do Método do Castelo do Saber. Conforme demonstra a foto da década de 1960, onde a Irmã Luísa Maria, pousa para a fotografia com uma aluna, já sentada em uma classe individual, bem uniformizada e com os cartazes da Lili ao fundo.



Figura 13 – Sala de aula com cartazes do Método de Alfabetização da Lili  
Fonte: Acervo da Irmã Luísa Maria.

Como já foi analisado, nota-se em todas as narrativas que a Irmã não se adaptava com o ensino da leitura e da escrita através dos métodos que chegavam até ela, e tinha sempre a impressão de que as crianças estavam desmotivadas para a alfabetização.

Essa situação se revela na entrevista, da professora Lúcia Helena Machado, na qual ela conta que no ano em que cursou a primeira série, sua alfabetização foi rápida, afirmando que no mês de julho já sabia ler e escrever, e após esse aprendizado inicial não se sentiu motivada pela professora na sala de aula:

como eu já sabia ler todo o livro da Lili ela me passou para um outro livro que era um livro de histórias bíblica. Era um livro branco e preto que tinha umas figuras que não eram agradáveis nem bonitinhas como as da Lili. Eu acho que era um prêmio porque eu já sabia ler, mas foi muito ruim para mim. (LÚCIA HELENA MACHADO, 30 set. 2011)

Percebendo que seus alunos estavam desinteressados em sala de aula e que ficavam desmotivados com os recursos de que dispunha, a alfabetizadora tomou a firme decisão de criar uma nova forma de aplicar o ensino da leitura e da escrita, estimulando os alunos e desenvolvendo, segundo ela, uma maneira dinâmica, alegre e que os incentivasse ao aprendizado.

A partir de então, segundo seus relatos e entrevistas, passa a ensinar com entusiasmo e a dar as suas aulas através de método próprio o qual se utilizava de histórias criadas e escritas por ela e que até hoje não foram objeto de publicidade ou de pesquisa anterior.

### **4.3 Um Jeito Próprio de Ensinar – O Castelo do Saber**

Por ocasião dos 60 anos de vida religiosa e 40 de alfabetização no Colégio São José, a Irmã Luísa Maria concedeu uma entrevista ao periódico Diário Popular, expressando exatamente o sentimento que teve ao preocupar-se com a motivação dos alunos e com uma forma de alfabetização que os estimulasse: “Queria enxergar dentro da minha alma uma criança feliz” (IRMÃ LUÍSA MARIA, 14 out. 2001).

Assim a professora narra como foi inventado o seu método, que denominou de Castelo do Saber, o qual lhe é motivo de orgulho e satisfação:

A criança está no momento da fantasia, ela gosta da fantasia, então eu pensei, eu vou fazer um castelo e vou apresentar as letras para elas como se fossem personagens, cada uma com o seu nome, cada uma com a sua função e a sua maneira de falar [...]. (IRMÃ LUÍSA MARIA, 18 maio 2010)

A irmã Luísa Maria, que na mesma entrevista concedida ao periódico Diário Popular, publicada no dia 14 de outubro de 2001, dizia “Deus sempre me inspirou para o melhor”, acreditava que seu método – baseado na elaboração de histórias e na produção de um castelo de papelão de onde saíam as letras uma a uma como personagens de contos de fadas - facilitava a aprendizagem, pois os alunos aprendiam com alegria, sem esquecer nenhuma de suas histórias.

Por todos os dados coletados e entrevistas analisadas no decorrer da pesquisa, percebe-se que a criação do método do Castelo do Saber deu-se a partir de meados da década de 1950. Conforme foi narrado na sua segunda entrevista, a invenção de sua própria forma de ensinar a ler e a escrever é, para a educadora, um símbolo de sua realização profissional, “a alegria que eu sentia, era a felicidade das crianças que entendiam perfeitamente. Que coisa linda!” (IRMÃ LUÍSA MARIA, 25 maio 2010).

Percebe-se que a Irmã Luísa Maria se sentia bem e segura ao alfabetizar com o método que havia criado e como desenvolvia o seu trabalho de forma motivada isso necessariamente se refletia na aprendizagem dos alunos. As crianças ficavam influenciadas pelo domínio do método que a professora possuía em sala de aula e aprendiam com facilidade a ler e a escrever.

Na verdade, nota-se que o seu método lhe garantia uma segurança e um domínio do que ensinava por meio disso o processo de alfabetização se concretizava de forma mais dinâmica e motivadora.

Em sua segunda entrevista a alfabetizadora mostra o material criado por ela demonstrando orgulho e um certo saudosismo do seu tempo de magistério. Abre, com certa satisfação, a cartilha do Castelo do Saber, que se encontra com as folhas já puídas pelo tempo, pelo manuseio e pelos empréstimos que fez a outros professores.

Cada empréstimo que realizava do material produzido por ela levava a esperança de que outros professores alfabetizadores pudessem aplicar o seu método.

Vemos o desgaste na figura a seguir que mostra a capa da cartilha.



Figura 14: Cartilha do Castelo do Saber  
Fonte: Acervo da Irmã Luísa Maria

Neste estudo, como já referi anteriormente, o método de alfabetização do Castelo do Saber não será objeto de análise aprofundada, mas não posso deixar de referi-lo. Como pude vislumbrar durante a pesquisa, o reconhecimento da trajetória docente da Irmã Luísa Maria, também está ligada, em boa parte, à criação e à utilização da sua própria de ensinar, sempre buscando dar vida as letras que saíam de um castelo.

Sendo assim, só para demonstrar a criatividade e dar uma ideia de como a docente inseria as crianças no mundo da leitura e da escrita, apresento as cinco primeiras lições de sua cartilha, que se referem ao estudo das vogais.

A cartilha do Castelo do Saber traz cada lição, e seus personagens, a letra “a” é a rainha Ana, a letra “o” é o rei Olavo, a vogal “i” é o príncipe herdeiro Ivo que já traz consigo um pedaço da coroa, o seu pingo.



Figura 15 – 1ª Lição da Cartilha do Castelo do Saber.

Fonte: Acervo da Irmã Luísa Maria.

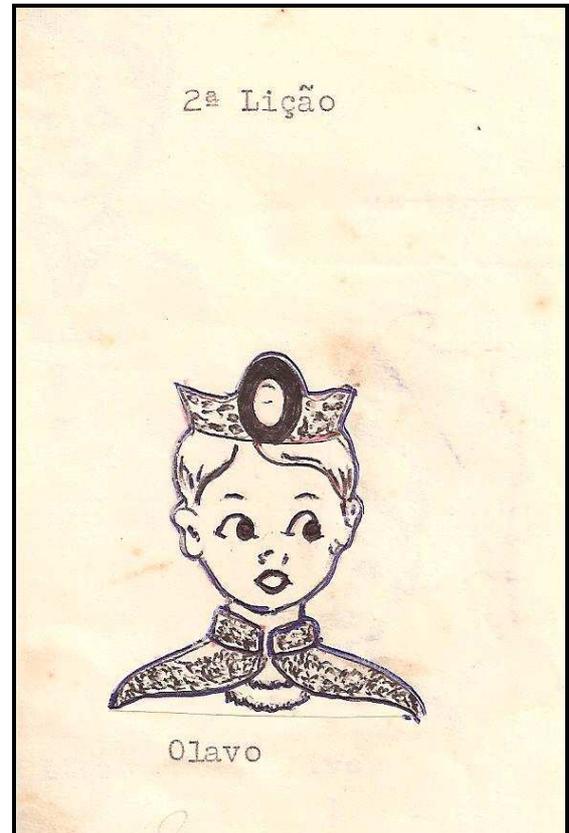


Figura 16 – 2ª Lição da Cartilha do Castelo do Saber.

Fonte: Acervo da Irmã Luísa Maria

Durante suas narrativas ela expõe com uma precisão de detalhes as características de cada personagem que faz parte da história. A primeira letra a sair do Castelo é a vogal “A”, ela sai pela porta do castelo presa em um palito de madeira, com o formato cursivo da letra e as crianças são apresentadas à personagem, sendo solicitado que elas repitam o som que aquela letra faz. Em cada lição a Irmã enfatiza sempre o som, pois valorizava muito o fato do seu método ser sintético e não analítico, partindo do som da letra.

Percebe-se uma grande criatividade em suas histórias, que envolviam os alunos para os quais ela dava aula. Na página 07 do livro do mestre ela descreve toda a dramatização da apresentação da vogal A, escrevendo os passos que o professor alfabetizador deverá seguir caso resolva utilizar o seu método para introduzir a aprendizagem da leitura e da escrita.



Figura 17 – 3ª, 4ª e 5ª Lição da Cartilha do Castelo do Saber.

Fonte: Acervo da Irmã Luísa Maria.

Os passos a serem seguidos estão sublinhados no livro do mestre como subtítulos em cada uma das lições de cada letra estudada constando de dramatização, apresentação, identificação, elaboração, fixação e revisão.

Cada letra ao ser mostrada para a criança no palito emite o seu próprio som, fazendo com que o aluno identifique a figura e o som da letra passando por todas essas etapas citadas no livro do mestre. Assim as histórias são contadas, vão prendendo a atenção de quem as escuta e as lições vão sendo fixadas uma a uma pelos alunos.

No livro do mestre, após a apresentação das cinco vogais, com as respectivas dramatizações sugeridas, a mestra trabalha com seus alunos, a junção das vogais, sempre enfatizando o som das letras.

Foi exatamente essa maneira de ensinar que lhe causa até hoje uma grande satisfação, tanto que não esqueceu detalhe algum da forma pela qual trabalhou por cerca de quarenta anos, dizendo:

O livro Método de Ensino tem tudo por escrito, mas se tenho que repetir, não tem problema, ele está dentro de mim, porque se eu tivesse copiado de alguém já teria esquecido. Eu te contaria todas as histórias direitinho como eu fiz. (IRMÃ LUÍSA MARIA, 25 maio 2010).

Como referido acima, o método do Castelo do Saber é detalhado na obra que a Irmã denominou o Livro do Mestre. Ao lê-lo pude perceber o profundo cuidado e a cautela com que a educadora o desenvolveu ensinando a usar a cartilha, com clareza de detalhes, referindo:

A cartilha tem como núcleo um Castelo denominado – CASTELO DO SABER – habitado pelas letras que tem cada uma a sua história e, ao serem apresentadas aos alunos, adquirem vida, personalizam-se, dialogam e participam das atividades das crianças (LIVRO DO MESTRE, p. 1).

Neste mesmo livro foram escritas várias sugestões de como se deve utilizar o método do Castelo do Saber no processo de alfabetização, demonstrando a intenção de que outros professores pudessem aplicá-lo em suas práticas pedagógicas no ensino das letras do alfabeto.

Logo nas primeiras páginas do referido material ela sugere:

Conduzir a criança de modo que a Apresentação do CASTELO DO SABER, seja motivo de grande alegria. Mostrar, inicialmente, o cartaz do Castelo do Saber – e pedir às crianças que o observem – descrevê-lo por dentro. Indagar: - Quem mora num Castelo? – Vocês gostariam de conhecer os moradores? – Quem mora no Castelo do Saber são as letrinhas. Cada morador corresponde a uma letra. Dizer que haverá uma festa quando souberem os nomes de todos, pois saberão ler (grifos da autora).

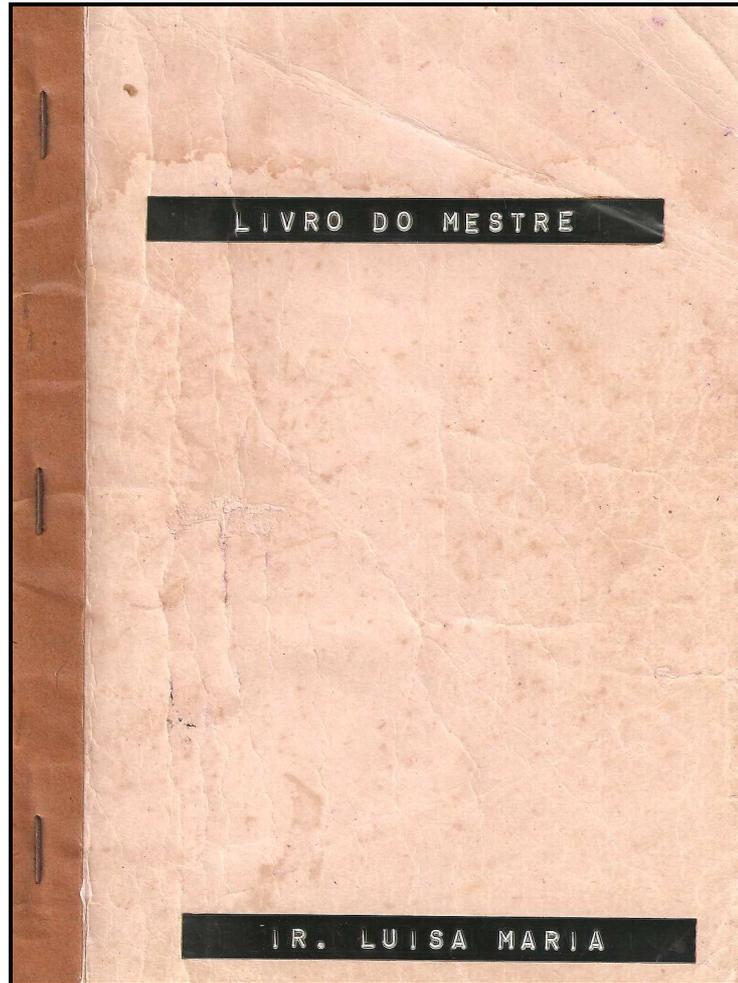


Figura 18 – Livro do Mestre  
Fonte: Acervo da Irmã Luísa Maria

Na capa do Livro do Mestre percebe-se a simplicidade da produção dos materiais e os recursos de que dispunha, sendo a capa feita com uma simples cartolina e as folhas unidas através de três grampos.

Em suas narrativas, a Irmã Luísa Maria, mostra a crença de que seu método é uma forma eficaz de desenvolver os ensinamentos que envolvem o processo de ler e escrever. Afirma com confiança:

O meu método é fonético e as crianças aprendem numa ligeireza que você nem queira saber. Eu nunca lia para a criança, ela tinha que descobrir. E uma vez que começou a descobrir ela já estava alfabetizada. Se eu pudesse repetir para as professoras aprenderem como a gente alfabetiza uma criança (IRMÃ LUÍSA MARIA, 25 maio 2010).

Ao relatar que o seu método é fonético, a alfabetizadora defende uma forma de aprendizagem da leitura e da escrita que tem origem no som individual de cada uma das letras, como já foi referido anteriormente.

A professora Vera Lúcia de Souza por ocasião da sua entrevista também defendeu o uso do método fonético, com a exploração de histórias, revelando admiração ao método criado pela colega e ex-professora Irmã Luísa Maria:

Nenhum método eu achei tão eficiente, e até hoje acho. Com o fonético ensinando através das histórias, as crianças se encantam. Pode até haver um método mais novo, moderno, rico, mas pela minha experiência não há método tão eficiente como este. (VERA LÚCIA SOUZA, 29 ago. 2011)

Cabe ressaltar que no material consultado pude identificar, uma grande preocupação da professora com o incentivo e a motivação dos alunos para o aprendizado da leitura e da escrita, buscando, através das aulas elaboradas, criar situações estimulantes de aprendizagem aos educandos para a fase da escrita. Mas o que fica evidenciado efetivamente na elaboração de sua própria forma de ensinar é que através dela a educadora atingiu segurança em sua atuação profissional.

Com tudo isso, não deixou de alertar aos educadores que alfabetizam, sobre a importância de uma preparação prévia na alfabetização demonstrando que é deste período que a criança parte para a posterior escrita das letras: “O período preparatório é muito importante para preparar as crianças para depois terem uma letrinha que a gente possa entender o que elas estão escrevendo” (IRMÃ LUÍSA MARIA, 25 maio 2010).

Já na primeira lição do Livro do Mestre (p.7), a Irmã, ao recomendar o seu método, começa justamente aconselhando: “Constatar se há interesse e entusiasmo para iniciar a leitura e a escrita”, ou seja, na visão da alfabetizadora, se as crianças estiverem desmotivadas ou despreparadas, o educador deverá prolongar o que chama de período preparatório” (IRMÃ LUÍSA MARIA).

Com o objetivo de que este período preparatório servisse de base para o ingresso no mundo da leitura e da escrita, precedendo a Cartilha do Castelo do Saber, ela elaborou um pequeno manual de vinte e duas páginas, que denominou de “Período Preparatório”.

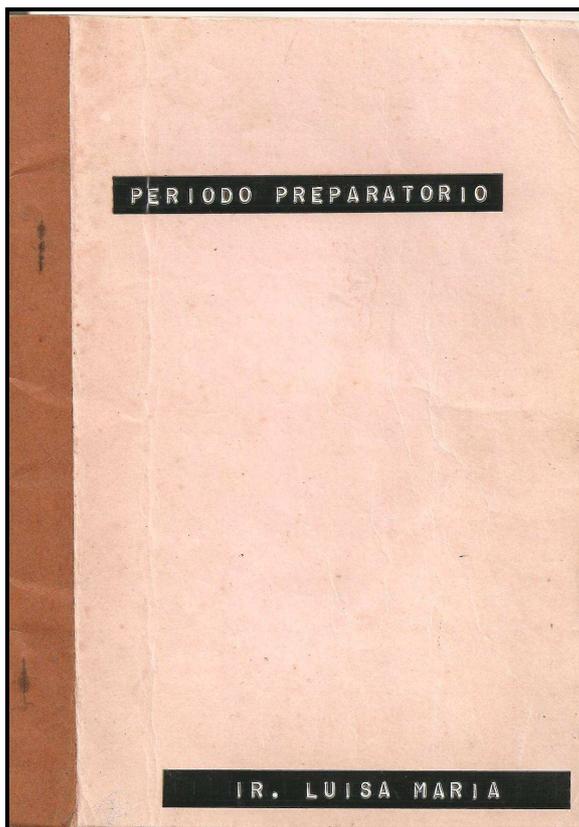


Figura 19 - Capa do Livro Período Preparatório  
Fonte – Acervo da Irmã Luísa Maria

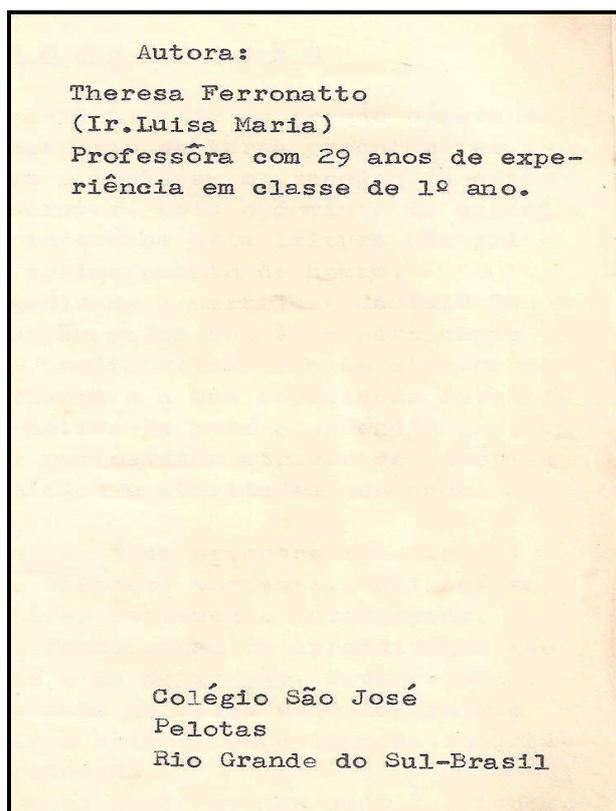


Figura 20 - Página 1 do Livro Período Preparatório  
Fonte – Acervo da Irmã Luísa Maria

No referido manual, produzido no início da década de 1970, a autora destaca que na fase do período preparatório não deve haver referência as letras, conforme está escrito e grifado por ela no livro (p. 3):

Somente quando a criança estiver motivada, tiver chegado a certas compreensões, atitudes e habilidades básicas para a aprendizagem, boa coordenação motora, visual e auditiva, bom ajustamento emocional, estará em condições de ser alfabetizada (grifo da autora).

A vontade de ler e de escrever traduz-se como uma forma de expressão e por vezes faz-se necessário que seja desenvolvida no momento adequado em que estarão presentes várias habilidades que o educando será convidado a desenvolver.

Para Soares (1999, p. 18), “o ato de escrever propriamente dito é, na maior parte das vezes, um trabalho individual”. Nesse contexto, fica clara a importância da motivação para o ingresso no mundo da alfabetização.

Conforme é escrito pela Irmã Luísa Maria no Livro do Período Preparatório:

Precede à Cartilha – CASTELO DO SABER- um período preparatório, que, servindo de base para determinar o início da alfabetização, permitirá observar as condições dos alunos e, posteriormente, uma melhor orientação do trabalho docente (Livro do Período Preparatório, p. 3).

A educadora tinha o intuito de ensinar o seu método a outras professoras, foi com esse objetivo que, durante sua trajetória docente também ministrou alguns cursos para as normalistas do Colégio São José, ensinando-lhes sobre o método do Castelo do Saber. Esse fato é lembrado durante a entrevista com a professora Márcia Pinho, que foi alfabetizada pela Irmã Luísa Maria no ano de 1967 e depois foi sua aluna no curso ministrado para as normalistas.

Fiz magistério no Colégio São José, me formei em agosto de 1979, me lembro que a Irmã Luísa Maria ministrou um curso para nossa turma sobre o seu método. Durante o magistério eu vivia na sala de aula da Irmã. Em fevereiro de 1981 fui convidada para dar aula para a primeira série no Colégio. As turmas estavam muito grandes e iriam dividi-las formando uma terceira turma de primeira série a tarde que seria minha. Comecei então a trabalhar com o método do Castelo do Saber (MÁRCIA PINHO, 05 mar 2012).

A professora Márcia Pinho por diversas vezes em seu depoimento exterioriza admiração pela alfabetização da Irmã Luísa Maria relatando “era muito gostoso pois as crianças adoravam as histórias, as letras saindo do castelo e sempre ficava em seus rostos a expectativa do dia seguinte”. A professora alfabetizadora, que atualmente se encontra aposentada, demonstra, durante sua entrevista um saudosismo do tempo em que atuava e ensinava a ler e a escrever com as histórias.

Hoje, no processo de alfabetização, verifico que as realidades não diferem muito dos daquela época em que a Irmã Luísa Maria atuou, os desafios e dificuldades enfrentados, assim como as conquistas que se experimenta no fazer docente do dia-a-dia, repetem-se nas atitudes dos alunos e nas experiências de sala de aula. Vislumbra-se em Mogarro (2005, p. 13), que:

Esta importância da dimensão experiencial e das vivências e memórias dos actores educativos recoloca os indivíduos no centro da história sociocultural e confere uma atenção renovada aos seus percursos de vida, como entradas privilegiadas para a compreensão das realidades educativas.

Nessa linha, percebi que a pesquisa desenvolvida, mais do que refazer uma trajetória de vida, articula indagações e traz à lembrança problemas enfrentados nas realidades educativas de uma certa época que, ainda hoje, se fazem presentes nas classes de alfabetização.

A partir desse contexto, neste ano de 2012, as alfabetizadoras do Colégio São José, motivadas pela pesquisa ora realizada, resolveram fazer a experiência de construir com seus alunos de primeira série um castelo em cada uma de suas salas de aula e desenvolveram o ensino das vogais fazendo ressurgir as histórias da Irmã Luísa Maria, conforme relata a alfabetizadora Janaína Lapuente:

Na primeira reunião das professoras de primeira série do Colégio São José no ano de 2012, combinamos as atividades que seriam desenvolvidas com os alunos, envolvendo a acolhida, trabalho com os nomes, vogais, músicas, jogos recreativos e brincadeiras. Nessa reunião a professora Maria Cristina sugeriu ao grupo de professoras que fizéssemos uma "releitura" do Castelo do Saber da Irmã Luíza Maria, apresentando através do castelo somente as vogais. Aceitamos o desafio! Cada professora levou para a sala de aula uma caixa de papelão previamente recortada em forma de castelo. Os alunos pintaram a caixa coletivamente e esta foi o cenário da nossa história. Tivemos contato com a história original adaptando-a ao nosso contexto atual, contudo mantivemos a apresentação dos personagens e seus respectivos sons. Os alunos se encantaram com os personagens: reis, rainhas, príncipes e princesas e a cada dia foram surpreendidos com a continuidade da história.

As histórias contadas, de forma adaptada aos dias atuais, e introduzindo a aprendizagem de cada uma das vogais prenderam a atenção dos alunos que viam as letras saírem do castelo que haviam confeccionado e repetiam o som de cada vogal que lhes era apresentada.

Em visita ao Colégio, no mês de março de 2012, a Irmã Luísa Maria viu os castelos produzidos pelos alunos e sentiu-se realizada ao ouvir as crianças, em sala de aula, contarem as histórias e repetirem os sons das letras, na imagem que se segue vemos a satisfação em seu rosto no meio da turma e segurando o castelo que havia sido confeccionado.



Figura 21 – Turma de alunos da 1ª série C do ano de 2012  
do Colégio São José Fonte  
Acervo da Pesquisadora

Ao relatar sobre o que julga ser sua maior realização, a alfabetizadora, com simplicidade, narra:

Me senti realizada quando eu comecei com o meu método, quando me deram liberdade de alfabetizar – eu queria que as crianças se sentissem felizes dentro da sala de aula. Quantos telefonemas eu recebia pedindo que não saísse nenhuma letra do castelo porque hoje estou doente e não posso ir à aula. Isso demonstra o interesse dos alunos e a alegria em aprender (IRMÃ LUÍSA MARIA, 15 jun. 2010).

A trajetória docente da Irmã Luísa Maria no Colégio São José perdurou até o ano de 1984, quando alfabetizou sua última turma. Nesta época a instituição de ensino já utilizava outro método para a aprendizagem da leitura e da escrita.

Com o passar dos anos e as mudanças políticas e educacionais no Brasil, o método do Castelo do Saber sofreu algumas críticas, como será observado a seguir.

#### 4.4 Uma Trajetória Docente – Méritos e Críticas

A trajetória docente da Irmã Luísa Maria, é bastante lembrada por seus ex-alunos. A sua dedicação à educação e a alfabetização em Pelotas, tanto no Colégio São José como na Colônia Z3, foram reconhecidos através de homenagens e das memórias de seus ex-alunos e de ex-colegas, que por vezes também fazem críticas ao trabalho docente da educadora.

Na imagem a seguir vemos a Irmã Luísa Maria e uma das suas últimas turmas de alfabetização, já no início da década de 1980.



Figura 22 - Sala de aula do Colégio São José na década de 1980  
Irmã Luísa Maria com uma turma de alunos  
Fonte : Álbum do acervo da alfabetizadora

Um dos reconhecimentos positivos à sua trajetória como educadora e missionária na cidade de Pelotas foi o recebimento do título de Cidadã Pelotense que foi concedido à Irmã Luísa Maria em 30 de setembro de 1987 em sessão solene na Câmara de Vereadores onde compareceram ex-alunos e suas famílias além de ex-colegas do Colégio São José e algumas Irmãs da Congregação.

O projeto de lei foi proposto por Adolfo Fetter, atual prefeito da cidade de Pelotas e resultou na Lei Municipal nº 3056/1987, que foi aprovada e publicada em 21 de julho de 1987, pelo prefeito José Maria Carvalho da Silva. A imagem do título que está reproduzida neste trabalho é guardada com cuidado pela Irmã Luísa Maria que o valoriza bastante.



Figura 23 - Título de Cidadã Pelotense concedido pela Câmara de Vereadores de Pelotas/RS em 30/09/1987.  
Fonte: Acervo da Irmã Luísa Maria

Em oportunidade anterior, já havia sido condecorada com uma medalha em homenagem às melhores professoras de Pelotas, como relata em sua primeira entrevista:

Recebi a medalha de Dom Antônio Zattera concedida às melhores professoras de Pelotas. Já imaginou? Lá estavam presentes todas as autoridades e eu me vi lá pequenininha. Eu tenho magistério, mas não tenho faculdade, lá toda a gente de fama – diretoras de escola – pobre da Irmã Luísa Maria pequenininha. (IRMÃ LUÍSA MARIA, 18 maio 2010)

Na entrevista ela por duas vezes relata a sua pequenez diante de pessoas, que do seu ponto de vista eram autoridades importantes e cita entre elas as diretoras de escola, demonstrando sua humilde posição de professora primária, que não tinha feito o curso superior, já que na época de sua atuação não o era exigido.

O certificado de Honra ao Mérito concedido pelo Instituto de Menores Dom Antônio Zattera foi uma homenagem que a honrou muito.



Figura 24: Certificado de Honra ao Mérito concedido pelo Instituto de Menores Dom Antônio Zattera.  
Fonte – Acervo da Irmã Luíza Maria

Deve-se salientar que na cidade de Pelotas é um hábito comum homenagearem pessoas que se dedicaram muito tempo por alguma causa importante. Assim, por diversas vezes a Irmã Luíza Maria foi laureada. Muitas dessas láureas resultaram de indicações de ex-alunos e suas famílias que reconheciam o seu trabalho de alfabetização.

Neste ano de 2012, no mês de março, mês em que o Rotary Club de todo o país dedica a alfabetização e a projetos relacionados ao ensino da leitura e da escrita no Brasil, foi concedida uma última homenagem à mestra por sua dedicação ao ensino da leitura e da escrita, desta vez recebeu o título pelo Rotary Internacional Distrito 4680, conforme demonstra o certificado a seguir.



Figura 25: Certificado do Rotary Internacional Distrito 4680  
 concedido em 20, mar., 2012.  
 Fonte – Acervo da Irmã Luísa Maria

Entretanto, é importante esclarecer que uma caminhada docente é cercada por experiências que marcam os alunos positiva ou negativamente, nas entrevistas que realizei estive em contato também com opiniões divergentes sobre a atuação da Irmã Luísa Maria.

Interessante ressaltar que as cinco ex-alunas entrevistadas, tiveram bastante ligação com a educadora, e lembram com detalhes do seu processo de alfabetização, mesmo as que foram alfabetizadas através de um método diferente do Método do Castelo do Saber.

Lúcia Helena Brauner Machado, hoje professora aposentada, declarou em entrevista que foi alfabetizada no ano de 1945, através do Método da Lili, na mesma oportunidade, demonstrou grande admiração pelo método do Castelo do Saber, afirmando que dois dos seus quatro filhos foram muito bem alfabetizados e que até hoje eles lembram das histórias das letras que moravam no castelo.

A professora Clotilde Delpizzo ingressou no mundo da leitura e da escrita em 1947, tendo certeza que não foi pelo método do Castelo do Saber e teve os quatro filhos também alfabetizados com a Irmã Luísa Maria, além da entrevista me entregou uma carta discurso que fez para a alfabetizadora por ocasião do recebimento do título de cidadã pelotense. Na carta a ex-aluna exaltava características da alfabetização da Irmã Luísa Maria narrando:

Querida Irmã Luísa Maria, volto o pensamento ao tempo de meus longínquos sete anos. Ao meu lado, na escola, uma freira jovem nos conduz pela mão, mostrando-nos o princípio e o fim de tudo o que nos cercava. Lembro-me de acordar cedinho e, percebendo os raios de sol, pela fresta da janela, juntar as mãozinhas e fazer a primeira oração do dia. Aquilo era compromisso com a educação que eu estava recebendo junto com as primeiras letras, plasmava-se um espírito temente a Deus.[...] [...] Obrigada pela semente que plantou no terreno da minha alma e na dos meus quatro filhos que a senhora também alfabetizou. Obrigada pela juventude constante que sorri nos seus olhos, cada vez que nos enxerga meninos e meninas, tornados homens e mulheres agradecidos, principalmente, ao seu carinho e ao seu amor. Que todos nós possamos ser testemunho desinteressado mas presente de um trabalho que a senhora realizou com conhecimento de causa. (CLOTILDE DELPIZZO, 25 out. 1991).

Vislumbra-se a admiração pelo trabalho de alfabetização realizado, na entrevista com a professora exatamente 20 anos após ter escrito a carta dedicada à Irmã Luísa Maria, Clotilde Delpizzo, contou de forma descontraída e sincera as confusões que fazia com as sílabas no início da sua primeira série:

Da alfabetização eu me lembro da grande confusão que eu fazia porque a alfabetização era pela silabação então, eu fazia uma baita confusão, em casa eles puxavam por mim porque eu pegava sempre a última sílaba da palavra. Por exemplo: be o bo ele o lo era lobo, ou então, ele o lo be o bo era bolo. Entendesse? Eu pegava primeiro a última silaba da palavra, foi um trabalhão, porque eu começava pelo fim. Não sei qual era o método porque a Irmã Luísa Maria ainda não tinha criado o Castelo do Saber. Porque o Castelo é da época dos meus filhos. Eu me alfabetizei em 1947 (CLOTILDE DELPIZZO, 25 out. 2011).

Das narrativas das professoras surgem histórias e experiências vivenciadas em sala de aula que faziam parte do cotidiano de classes de alfabetização. Todas lembram com entusiasmo da hora do recreio onde corriam e brincavam no pátio muitas vezes na companhia da professora.

A própria Irmã Luísa Maria em uma de suas narrativas revela com vigor “Em vez de dar 15 minutos, eu dava meia hora de recreio. Onde já se viu uma criança uma manhã inteira numa sala.”. Esse fato reflete a importância que a Irmã inferia ao lúdico no processo de aprendizagem, contava histórias em sala de aula e julgava ser importante que seus alunos pudessem correr bastante no pátio.

Esses aspectos, hoje são trazidos para debates nos cursos de formação de professores alfabetizadores, especialmente com o advento da lei 11.274 de 06 de fev. de 2006, que regulamenta os nove anos para o ensino fundamental no Brasil, ressaltando a importância de um processo de alfabetização prolongado entre as séries iniciais do ensino fundamental e buscando a proposta de uma aprendizagem de melhor qualidade.

Tal disposição para a aprendizagem, como compreendeu a Irmã Luísa Maria, pode e deve ser transmitida ao educando pelo seu educador ao demonstrar prazer pelo que faz. Percebe-se que sua maneira alegre de ser, interagindo com os alunos extrapolava os limites da sala de aula:

Eu sempre gostei muito da Irmã Luísa Maria, ela sempre foi muito carinhosa e muito querida comigo e ela era enérgica, ela era severa, mas ao mesmo tempo ela brincava com a gente eu me lembro do recreio, ela brincando conosco (LÚCIA HELENA MACHADO, 30 set. 2011).

Interessante analisar que no depoimento acima a ex-aluna relata que a educadora era enérgica e severa, revelando ser uma professora rigorosa apesar de carinhosa.

Conforme podemos visualizar nos pareceres do boletim do aluno Eduardo Brauner Machado, filho da professora Lúcia Helena, que se alfabetizou no ano de 1973, a alfabetizadora demonstra ser bastante exigente com seus alunos. No primeiro parecer ela recomenda que o aluno estude durante as férias, no segundo analisa sua dificuldade de interpretação e no terceiro esclarece que o esforço realizado durante o ano foi reconhecido, promovendo o aluno para a segunda série.

**COLÉGIO SÃO JOSÉ**

PELOTAS



Nome Eduardo Brauner Machado  
 Série 1.1. ano 1933  
 Professor Jr. Luisa Maria

Figura 26 – Capa do boletim do aluno Eduardo Brauner Machado.  
 Fonte – Acervo da Professora Lúcia Helena

Mês Maio e junho  
 Conceito Muito Bom.  
 Parecer descritivo  
Eduardo, você tem capacidade de melhorar, por isso peço que não esqueça de estudar nas férias.

Reponsável José Alberto Brod Machado

Figura 27 – Parecer do boletim do aluno Eduardo Brauner Machado.  
 Fonte – Acervo da Professora Lúcia Helena

Mês Agosto e setembro  
 Conceito Bom  
 Parecer descritivo  
Dificuldade na interpretação da leitura.

Reponsável  
José Alberto Brod Machado

Figura 28 – Parecer do boletim do aluno Eduardo Brauner Machado.  
 Fonte – Acervo da Professora Lúcia Helena

Mês Outubro e novembro  
 Conceito Muito Bom.  
 Parecer descritivo  
Média final Muito Bom.  
Promovido para a 2.ª série

Reponsável  
Mizael Sabadi

Figura 29 – Parecer do boletim do aluno Eduardo Brauner Machado.  
 Fonte – Acervo da Professora Lúcia Helena

Percebe-se pelas suas avaliações que exigia bastante superação e esforço dos seus alunos em fase de alfabetização, demonstrando ser firme e exigente.

A professora Beatriz Helena Zanotta Nunes se alfabetizou no ano de 1949 através do método silábico da cartilha Vamos Estudar<sup>24</sup>. Sendo uma pessoa envolvida com supervisão escolar e muito ativa em ambientes educacionais, manifesta-se com propriedade e faz críticas contundentes à alfabetização da Irmã Luísa Maria:

Me alfabetizei pelo método silábico – Vamos Estudar – da cartilha Vamos Estudar, em 1949. A Irmã Luísa Maria era bem nova. A minha tia era dona do Recanto Infantil, então eu comecei a estudar lá, eu fiz o jardim por dois anos no Recanto Infantil. Eu estava pronta para a primeira série e fui fazer o primeiro ano no São José, era uma turma imensa e eu não gostava de estudar, nunca gostei, a minha história é bem complicada. Então o que eu sentia é que as crianças que tinham problema ela não sabia trabalhar. Depois eu fui supervisora do Recanto Infantil por muitos anos e muitas crianças da Luísa Maria iam para lá, todas as crianças que tinham problema ela não sabia trabalhar (BEATRIZ HELENA NUNES, 28 set. 2011).

Nota-se nas palavras da professora Beatriz Helena uma possível situação que ocorre em turmas de alfabetização:

Ela separava as boas e as ruins, as ruins ficavam no final da aula e ela não dava importância para a gente. Isso me marcou muito. Eu tinha grandes dificuldades que fui corrigindo ao longo da vida.

Realmente a alfabetização foi uma etapa que marcou de forma negativa a trajetória discente da ex-aluna Beatriz. Ela conta com pesar que depois de ter aprendido a escrever “tinha que fazer quinhentas vezes no caderno por escrito ‘devo fazer meu tema, não posso conversar em aula’, enquanto isso a professora separava as boas e as ruins”.

É sabido que a relação professor-aluno mostra-se, por vezes, complicada trazendo sérias consequências aos que estão na fase de aprendizagem da leitura e da escrita. Alguns fatos que ocorrem nas salas de aula, podem levar a um certo constrangimento por parte do aluno que não corresponde à pretensa uniformidade imposta pela expectativa criada no processo ensino-aprendizagem.

---

<sup>24</sup> A cartilha Vamos Estudar teve várias edições e foi um método criado por Theobaldo Miranda Santos.

Por ocasião das entrevistas com a professora Lúcia Helena e com a professora Clotilde, me surpreendi ao saber que quando eram alunas, havia colegas do sexo masculino nas suas salas de aula. Eram poucos, mas pelos depoimentos denota-se que isto apenas acontecia nas séries iniciais.

Naquela época o São José tinha meninos, tinha uma turma de muito poucos e que ficavam junto com as meninas, depois não havia mais meninos, voltou a ter quando o Eduardo, meu filho, estava no Colégio por volta de 1973. Um dos meus colegas chamava-se Ibsen. Tinham dois ou três na sala de aula (LÚCIA HELENA BRAUNER MACHADO, 30 set. 2011).

Da mesma forma que o Colégio São José, o Colégio Anglicano Santa Margarida também aceitava meninos nos anos iniciais.<sup>25</sup>

Com o passar do tempo muitas modificações assolaram o Brasil em termos de educação, nas décadas de 70 e 80 sob a égide da lei 5692/71 instituía-se o ensino secundário profissionalizante. Buscou-se ampliar o processo de alfabetização, com isso, a pedagogia de Paulo Freire, tendo por base as preocupações sociais e a educação voltada para a realidade do aluno, era exaltada nos ambientes acadêmicos, o que repercutiu sobremaneira nas escolas.

No depoimento da professora Márcia Pinho aparece nitidamente uma das críticas que a alfabetização proposta pela Irmã Luísa Maria, propagada através das histórias de um castelo com rei, rainha e subalternos sofreu em determinada circunstância histórico-social:

Com o passar dos anos começaram a aparecer novos métodos com a palavra geradora de Paulo Freire surgiram críticas ao método da Irmã. O curso de Pedagogia da Faculdade de Educação passou a funcionar no prédio do São José e estava a toda com Paulo Freire. Começou, então uma fase difícil para a Irmã, algumas pessoas diziam que o Método do Castelo era coisa fora da realidade social. Que não existiam mais reis e rainhas. Isso causou grande desgosto na Irmã (MÁRCIA PINHO, 05 mar. 2012).

A partir de então algumas adaptações foram feitas pelas professoras alfabetizadoras do Colégio São José, que junto com a Irmã Luísa Maria, alteraram um pouco as histórias do castelo, mas continuaram usando o método fonético para alfabetizar. Segundo a professora aposentada Márcia Pinho foi por volta dos anos 80 que a mudança realmente aconteceu:

---

<sup>25</sup> Sobre o Colégio Anglicano Santa Margarida e sua história consultar: Bica (2006), Dissertação de Mestrado do PPGE/FAE/ Pelotas, com o título de: Ginásio Santa Margarida: Um estudo sobre a gênese e a consolidação de uma Instituição Escolar Anglicana de Ensino na cidade de Pelotas.

Por volta dos anos 80 a diretora e a coordenadora pedagógica vieram com a notícia que faríamos um curso sob a orientação da Universidade Federal sobre o método Paulo Freire. Lembro até hoje do curso e das palavras usadas. A partir de então tivemos que mudar. Passamos para palavras geradoras. As cartilhas que antes estavam prontas para a desde o primeiro dia de aula agora era feita em sala de aula passo a passo e cada turma teria a sua, pois as palavras dependiam da escolha das crianças (MÁRCIA PINHO, 05 mar. 2012).

Nessa época a trajetória docente da Irmã Luísa Maria no Colégio São José já estava em seu curso final. Toda a trajetória docente encontra o encerramento de seu percurso. Muitas professoras esperam ansiosas a chegada da aposentadoria, o dia de parar de lecionar, outras encontram bastante dificuldade em reconhecer que sua época de docência está finalizando e que é necessário abrir espaço para que educadoras novatas mostrem o seu potencial.

Com as mudanças de método a alfabetizadora não tinha a mesma motivação, mas continuava a contar com o apoio das famílias que tinham grande confiança em seu trabalho.

Até hoje quando se fala em Castelo do Saber na instituição, se percebe os reflexos do trabalho da educadora através de familiares de alunos, que lembram do seu tempo de alfabetização, e apóiam o retorno de algumas histórias, como relata em sua entrevista a professora Janaína Lapuente:

Para minha surpresa, vários pais de alunos vieram me procurar elogiando o trabalho que eu estava desenvolvendo com o Castelo das Vogais, que intitulei de “O reino da alegria”, dizendo que haviam sido alfabetizados com o Castelo do Saber no Colégio São José. Uma mãe de aluna me parabenizou pelo trabalho com o Castelo, dizendo que a filha estava muito estimulada para ir ao Colégio e curiosa com o desenrolar da história. Um pai de um aluno de forma especial me perguntou se eu continuaria apresentando todos os personagens, pois havia ficado curioso, já que ele também tinha sido alfabetizado pelo método. Lembro que o pai ainda disse: “Fiquei bem impressionado, quando meu filho me falou do castelo. Lembrei de imediato da minha turma e da minha alfabetização no Colégio São José. (15 mar. 2012).

No mesmo sentido a professora Márcia Pinho, como mãe, revela sua vontade de que o seu filho tivesse tido a oportunidade de vivenciar, em sua primeira série, as histórias em sala de aula.

Ela revela:

Hoje, eu como professora aposentada e como mãe, gostaria que meu filho tivesse sido alfabetizado pelo método do castelo do saber, pois acho que a criança hoje não brinca, não vive as histórias, não sonha. E na sala de aula da Irmã era uma brincadeira contínua, claro que com ordem e respeito. Ela envolvia as crianças com seu jeito meigo de contos. Através de suas histórias sempre ficava uma expectativa para o dia seguinte, o que falta hoje pois, as crianças não querem mais ir para a escola. (MÁRCIA PINHO, 05 mar. 2012).

Conforme já referido foi no ano de 1984 que a Irmã Luísa Maria alfabetizou sua última turma no Colégio São José, depois apenas fez trabalhos de apoio e aulas para as crianças que tinham dificuldades e a procuravam através de seus familiares em busca de ajuda. Na visão da ex-aluna Lúcia Helena “A Irmã Luísa Maria é uma personalidade” (30 set. 2011). De acordo com os depoimentos colhidos e analisados, méritos e críticas foram tecidos à trajetória docente aqui pesquisada.

Percebe-se que “o passado reconstruído não é refúgio, mas uma fonte, um manancial de razões para lutar”. Nesse sentido, “a memória deixa de ter um caráter de restauração e passa a ser memória *geradora* do futuro (grifo da autora, BOSI, 2004, p. 66).

Nota-se que a prática de sala de aula garante às professoras com mais experiência muitos méritos por força do seu trabalho docente, não rara as vezes, bastante dedicado e realizado com amor, para esses profissionais é muito difícil parar de atuar e acabam prolongando o tempo de sua dedicação ao magistério.

No entanto é através dessa experiência e desses méritos que cada educador pode e deve crescer em seu processo formativo. Reconstruir contextos, através de pesquisas de trajetórias docentes e observar os méritos e as críticas conferidas a educadores que atuaram num tempo passado auxilia na reconstituição de práticas pedagógicas do presente.

Segundo Fischer (2011, p. 18):

Conhecer histórias de outras épocas, adentrar na vida de sujeitos que tiveram ricas experiências em outros tempos, exige sensibilidade e rigor teórico, antes de tudo, se quisermos fazer das narrativas um objeto de estudo.



Figura 19 - Imagem acessada em 14/11/2011 no site do Colégio São José, [www.csj.com.br](http://www.csj.com.br). Publicada em 07/11/2011 com o título "Jubilares celebrando a vida em Garibaldi".

No mês de outubro de 2011, a Irmã Luísa Maria foi jubilada pela congregação das Irmãs de São José, ocasião em que demonstrava imensa felicidade e realização pessoal conforme demonstra a imagem apresentada.

## **Considerações Finais**

Como já foi referido no início do trabalho, a trajetória docente de uma alfabetizadora que por tantos anos esteve em classe de alfabetização, atuando em um dos mais antigos colégios de Pelotas, e que esteve em contato com tantos alunos, deixando em cada um uma lembrança diferente do seu tempo de primeira série, exigia um trabalho de pesquisa que trouxesse a memória desses acontecimentos.

Sabe-se que muitas trajetórias docentes poderiam ser objeto de trabalhos de dissertação, inclusive das professoras que foram entrevistadas durante a coleta de dados, onde vislumbrei vidas de mulheres que se tornaram educadoras frente à influência do momento histórico, político e social em que estavam inseridas.

Contudo, detive-me a investigar sobre Theresa Feronato, a Irmã Luísa Maria, pois além da sua trajetória ter sido duradoura, de 1942 até 1984, sempre trabalhando no mesmo educandário, ela criou um método próprio de alfabetização, que fez com que uma comunidade escolar e suas famílias a lembrassem como “a professora que dava vida às letras”.

A escolha da pesquisa está vinculada, como referido no capítulo dois deste trabalho, ao meu fazer pedagógico como alfabetizadora no Colégio São José e a busca pessoal por uma formação continuada através de estudos e pesquisas vinculados a minha área de atuação.

Ao me deparar com o tema desta dissertação, como um desafio para concluir o curso de mestrado na área da educação, certamente, em cada dado colhido, especialmente durante as entrevistas efetivadas, realizei através da minha identificação com o objeto da pesquisa um exercício contínuo de identidade.

Tendo em vista essas considerações, passei a revelar aspectos da história de uma educadora que seguia a vida religiosa. Pode-se dizer que a opção por uma vida consagrada à Deus não era tão incomum assim perante às famílias com um número elevado de filhos que viviam na região serrana e que eram praticantes fervorosos da religião católica, tanto assim que, na família de Thereza, dos quinze irmãos sete seguiram o caminho da vida consagrada a Deus.

Constatei, ainda, que era natural a ela, Irmã de São José, dentre as atividades a que poderia se dedicar como religiosa, seguir os passos paternos, adotando uma atividade ligada à educação. Percebe-se nas entrevistas da Irmã Luísa Maria uma grande admiração pela figura do pai, educador e catequista respeitado da região da comunidade de São Roque, localidade integrante do município de Veranópolis-RS, na serra gaúcha, tendo, inclusive, como um líder da comunidade, merecido a homenagem de ter uma escola municipal levando seu nome, Escola Estadual de Ensino Fundamental Maximiliano Ferronato.

Surpreende, entretanto, o fato de ser uma irmã tão jovem no início da sua caminhada e já assumir, aos dezenove anos de idade, uma classe de alfabetização, justamente em uma escola que primava por uma educação bastante rigorosa e de qualidade, pois o Colégio São José, foi criado com o objetivo de suprir as necessidades das famílias mais abastadas.

Por diversas vezes em suas narrativas, a alfabetizadora fala das dificuldades iniciais, podendo-se concluir que os grandes obstáculos com que se defrontou no começo dessa atividade profissional foram a inexperiência e juventude, uma vez que não tinha prática alguma em sala de aula, chegando a admitir que, em sua estreia na profissão do magistério, “fracassou”, termo utilizado por ela para definir seu primeiro ano em contato profissional com alunos em idade de alfabetização. Mas ao que tudo indica ela era e é exigente consigo mesma, assim parece lógico que a escola indicou-a como alfabetizadora por sua competência e dedicação ao ato de ensinar.

Como referido na pesquisa, acabou assumindo novamente uma classe, no ano de 1944, utilizando em seus primeiros anos de atuação métodos de ensino impostos pelo sistema educacional da instituição onde atuava, sempre alegando que sentia seus alunos desmotivados para o processo de ensino e aprendizagem das letras. Isso me levou no transcorrer da pesquisa a concluir que a desmotivação dos alunos para a alfabetização, tantas vezes referida pela Irmã Luísa Maria, nada mais

era, na realidade, do que um reflexo de sua própria insatisfação pessoal com a forma como conduzia seu trabalho quando era necessário que usasse, para o ensino da leitura e da escrita, o método instituído pelo Colégio.

Esse descontentamento dava-se por uma série de fatores, que iam além de sua já referida inexperiência da educadora, sendo fruto, também, do número relativamente grande de alunos em sala de aula, que lhe impedia o desenvolvimento de atividades mais individualizadas, considerando as particularidades e dificuldades de cada educando, bem como dos próprios métodos de alfabetização que vigoravam à época e que se via obrigada, dada a ausência de alternativas, a aplicar no trabalho com as crianças.

Percebi, durante as entrevistas, que por ocasião dos primeiros anos de alfabetização, o uso de tais métodos para o ensino das letras provocava claramente um constante desconforto com o dia-a-dia e com os resultados de sua prática docente, relatando, por diversas vezes, que os alunos não apresentavam motivação alguma para a aprendizagem.

Verifiquei, assim, que a desmotivação para o ensino não era inteiramente dos alunos, mas, verdadeiramente, da própria educadora, compelida a valer-se de métodos educacionais que lhe chegavam já prontos em livros e nos quais não acreditava, o que pude constatar no teor das revelações colhidas em três das cinco entrevistas realizadas com ex-alunas da Irmã Luísa Maria, todas alfabetizadas ainda em período anterior ao advento do método do Castelo do Saber e que se recordam dessa fase de aprendizado com entusiasmo, ainda que, por vezes, tecendo críticas à postura da educadora.

Posteriormente, apresenta-se já um quadro completamente diverso. A partir da criação e desenvolvimento do método de ensino do “Castelo do Saber”, que tinha por objetivo primordial o despertar da motivação nos alunos, vislumbrei ter sido a discente quem encontrou a alegria de ensinar, descobrindo em si um carisma que cativa seus ex-alunos até os dias de hoje, derivado do simples fato de contar suas histórias e conduzir o rumo de suas aulas com leveza, fazendo com que os educandos aprendessem o alfabeto de forma lúdica.

Constatedei ainda que, ao recontar suas histórias nas entrevistas sua empolgação retornava e parecia por vezes estar novamente em sala de aula ensinando, através dessa forma teatral de conduzir sua alfabetização foi que tornou-se singular em sua trajetória docente, sendo uma referência na comunidade do

Colégio São José.

Não se mostra demasiado, neste ponto, novamente esclarecer que muito embora a concepção do método do “Castelo do Saber” represente, sem dúvida alguma, o ponto culminante da trajetória docente da Irmã Luísa Maria e o maior diferencial em sua prática como alfabetizadora, não consiste ela no objeto de análise direta desta pesquisa, na qual procurei apresentar não somente os feitos práticos da educadora durante sua atuação como profissional, mas também a riqueza de sua história de vida.

Nesse passo, acredito, a relevância da pesquisa justificou-se já desde seu início, por tratar-se de uma educadora de origem humilde e que, a partir de sua vivência como religiosa e de seu trabalho como alfabetizadora, acabou por tornar-se uma profissional bastante reconhecida pela comunidade onde atuou. Assim, permaneceu por 42 anos exclusivamente em classe de alfabetização, período durante o qual chegou a receber o título de Cidadã do Município de Pelotas e desenvolveu um método próprio de alfabetização, situação de todo incomum, o qual chegou a ser enviado ao Ministério da Educação para estudos da possibilidade de sua aplicação em outras instituições educacionais.

Embora tenha ficado claro através da pesquisa que o trabalho da educadora não foi divulgado e nem aplicado em outras instituições de ensino, ao referi-lo novamente através da experiência de sala de aula, neste início de ano, no Colégio São José, após vinte e nove anos, foi reconhecido e lembrado pelos familiares dos alunos, sendo inclusive alvo de perguntas e desejos de sua reconstituição no trabalho de sala de aula, como foi narrado pela atual alfabetizadora Janaína Lapuente.

Observa-se a partir disso que aspectos do método do Castelo do Saber podem ser reaproveitados e adaptados conforme as exigências do meio e pode inclusive servir de base para outras formas de alfabetizar, contribuindo como fonte para a prática docente de outras professoras alfabetizadoras.

De todo o trabalho realizado, chamou-me muito a atenção a imensa alegria e a disposição da Irmã Luísa Maria, apesar da avançada idade, em falar sobre os diversos aspectos de sua vida e em descrever, nos mínimos detalhes, como era a sua maneira de ensinar, consciente de estar, assim, preservando no tempo e procurando, à sua maneira, colaborar com as práticas atuais de alfabetização.

No final do capítulo quarto ao expor os méritos e as críticas que a docência da Irmã Luísa Maria sofreu, cheguei à conclusão que toda a trajetória é passível de análise e apresenta pontos negativos.

Assim, ficou claro que nem todos os alunos foram atingidos pela alfabetização da Irmã Luísa Maria de forma positiva, como se denota do depoimento da professora Beatriz Helena, que demonstra profundo descontentamento com o seu processo de alfabetização.

Por certo, de outro lado, que não se esgotaram as possibilidades de descoberta de outras evidências e da coleta de novos dados e relatos capazes de revelar fatos da trajetória dessa alfabetizadora ainda não abordados ou que tragam mais luminosidade sobre aqueles cujos contornos já se mostram esmaecidos pelo tempo.

Cumprе referir que na área da educação o que passou nem sempre é ultrapassado e pode retornar em uma outra temporalidade, por vezes com uma outra roupagem adaptando-se as necessidades do contexto onde se desenvolve o processo de ensino e aprendizagem. Assim aconteceu neste começo de ano letivo de 2012 quando foi aplicado nas classes de alfabetização do Colégio São José as histórias do Castelo do Saber para o ensino das vogais.

Em toda a pesquisa acadêmica novas questões surgem. Novos rumos poderão evidenciar-se a partir deste estudo, assim como um outro olhar poderá emergir das mesmas fontes analisadas, tendo em vista nossa singularidade como seres inacabados.

Dessa forma, no trabalho de dissertação, procurei analisar aspectos da história e da trajetória da Irmã Luísa Maria, confrontando méritos e críticas de uma caminhada docente, cruzando os fatos apurados nas entrevistas com aqueles provenientes de outras fontes, buscando, assim, enriquecer o fazer historiográfico.

## REFERÊNCIAS

1. Livros, revistas, leis, artigos, monografias, dissertações e tese

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. **Educadoras sul-rio-grandenses**: muita vida nas histórias de vida. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

\_\_\_\_\_. Prefácio: Historiando os CIPAs em seu acontecendo... um escrito à guisa de prefácio. In: SOUZA, Elizeu Clementino de (org.). **Autobiografias, Histórias de Vida e Formação**: pesquisa e ensino. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

AMARAL, Giana Lange do (org.) **Gymnasio Pelotense, Colégio Municipal Pelotense**: Entre a memória e a História 1902 - 2002. Pelotas: Educat, 2002.

\_\_\_\_\_. **Gatos pelados x galinhas gordas**: desdobramentos da educação laica e da educação católica na cidade de Pelotas (décadas de 1930 a 1960). 2003. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

\_\_\_\_\_. **Gymnasio Pelotense e a Maçonaria**: uma face da história da educação em Pelotas. Pelotas: Seiva Publicações, 2005.

\_\_\_\_\_; AMARAL, Gladys Lange do (orgs.). **Instituto de Educação Assis Brasil**: entre a história e a memória 1926-2006. Pelotas: Seiva Publicações, 2007.

ARANHA, Maria Lúcia Arruda. **História da Educação e da Pedagogia**. São Paulo: Moderna, 2006.

ARRIADA, Eduardo. **Pelotas**: gênese e desenvolvimento urbano (1780-1835). Pelotas: Armazém Literário, 1994.

BARROS, José D'Assunção. **O projeto de pesquisa em História**: da escolha do tema ao quadro teórico. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BASTOS, Maria Helena Câmara Bastos. Memórias de Professoras: reflexões sobre uma proposta. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio; CUNHA, Maria Teresa Santos (orgs.). **Práticas de Memória Docente**. São Paulo: Cortez, 2002.

BICA, Alessandro Carvalho. **Ginásio Santa Margarida**: Um estudo sobre a gênese e a consolidação de uma Instituição Escolar Anglicana de Ensino na cidade de Pelotas. Pelotas: UFPEL, 2006. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

BOMTEMPO, Luzia. **Alfabetização com Sucesso**. Belo Horizonte: Ed. da autora, 2002.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**. 2. ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro, RJ: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

BRANDÃO, Vera Maria Antonieta Tordino. Memória (auto) biográfica como prática de formação. **Revista @mbienteeducação**, v. 1, n. 1, jan/julho 2008. Disponível em: <[http://www.cidadesp.edu.br/old/revista\\_educacao/index.html](http://www.cidadesp.edu.br/old/revista_educacao/index.html)> Acesso em: 15 abr. 2011.

BRASIL. Lei Federal n.º 11274/2006. Dispõe sobre a duração de nove anos para o ensino fundamental. Brasília. **Diário Oficial da União**, 07 fev. 2006.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CARDOSO, Tereza Fachada Levy. As Aulas Régias no Brasil. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara. **Histórias e Memórias da Educação no Brasil**: v. I. - Séculos XVI-XVIII. Petrópolis: Vozes, 2004.

CATROGA, Fernando. Memória e História. In: PESAVENTO, Sandra (org.). **Fronteiras do Milênio**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

CHARTIER, Anne-Marie; HÉBRARD, Jean. Método Silábico e Método Global: alguns esclarecimentos históricos. **História da Educação**. Pelotas: ASPHE/UFPEL, n. 10, Out. 2001.

\_\_\_\_\_; CLESSE, Christiane; HÉBRARD, Jean. **Ler e Escrever**: entrando no mundo da escrita. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

CHARTIER, Roger. **A História cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A., 1990.

\_\_\_\_\_. A História entre Narração e Conhecimento. In: PESAVENTO, Sandra Jatthy (org.). **Fronteiras do Milênio**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001.

\_\_\_\_\_. **A História ou a Leitura do Tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CONDEMARÍN, Mabel; GOROSTEGUI, Maria Elena; MILICIC, Neva. **Transtorno do déficit de atenção: estratégias para o diagnóstico e a intervenção psico-educativa**. 2004, São Paulo, Planeta do Brasil Ltda.

CORSETTI, Denise. A análise documental: um exemplo de pesquisa em História da Educação. **UNIrevista** - v. 1, n. 1:, jan., 2006,

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História Oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FABRIS, Annateresa (org.). **Fotografia: Usos e funções no século XIX**. São Paulo: Edusp, 1998.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **Dos pardieiros aos palácios; cultura escolar e urbana em Belo Horizonte na Primeira República**. Passo Fundo: UPF, 2000.

FERREIRA, Marieta de Moraes et. al. **Entre-vistas: abordagens e usos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1994.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (coord.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre Alfabetização**. 19. ed. São Paulo: Cortez, 1991.

FISCHER, Beatriz T. Daudt. **Professoras: histórias e discursos de um passado presente**. Pelotas: Seiva, 2005.

\_\_\_\_\_. (org). **Tempos de escola: memórias**. São Leopoldo: Oikos, 2011.

FONSECA, Lúcia; PINHO, Márcia; FERREIRA, Rosângela. **Resgatando aspectos de uma caminhada**. 1999, Monografia (Conclusão da disciplina Metodologia e Didática de Estudos Sociais no Curso de Pedagogia) Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. **Métodos e didáticas da alfabetização: história, características e modos de fazer de professores**. Coleção Alfabetização e Letramento. Belo Horizonte: Ceale/FAE/UFMG, 2005.

(\_\_\_\_); MACIEL, Francisca Izabel Pereira (orgs.). **História da Alfabetização: produção, difusão e circulação de livros (MG/RS/MT – Séc. XIX e XX)**. Belo Horizonte: UFMG/FAE, 2006.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. Métodos de alfabetização, métodos de ensino e conteúdos da alfabetização: perspectivas históricas e desafios atuais. **Educação/Revista do Centro de Educação**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, v.32, n.1.

FRAGO, Antonio Viñao. **Alfabetização na sociedade e na história**: vozes, palavras e textos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 29. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. A produção dos estudos biográficos em Sergipe e as principais contribuições para a história da educação. In: SOUZA, Elizeu Clementino (org.). **Autobiografias, histórias de vida e formação**: pesquisa e ensino. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

GILL, Lorena Almeida. **Clientelchiks**: os judeus da prestação em Pelotas (RS) 1920-1945. Pelotas: Ed. Universitária/UFPEL, 2001.

\_\_\_\_\_. **O Mal do século**. Tuberculose, Tuberculosos e Políticas de Saúde em Pelotas (1890-1930). Pelotas: EDUCAT, 2007.

GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

GUEDES-PINTO, Ana Lúcia. **Rememorando trajetórias da professora alfabetizadora**: a leitura como prática constitutiva de sua identidade e formação profissional. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

Histórico do Colégio São José. Pelotas/RS. Fundação 19/03/1910. Redigido em 1989.

JENKINS, Keith. **A História Repensada**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

JOSSO, Marie-Christine. Prefácio. In: SOUZA, Elizeu Clementino de e ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (orgs.). **Tempos, narrativas e ficções**: a invenção de si. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**, São Paulo: Ateliê Editorial, 2003

LAPUENTE, Janaína Soares Martins. **Método da Abelhinha em Pelotas**: contribuições à História da Alfabetização. Pelotas: UFPEL, 2008. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

LE GOFF, Jacques. **A história nova**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

LIBÂNIO, José Carlos (org.) **Educação Escolar**: políticas, estrutura e organização. São Paulo: Cortez, 2007.

LOPES, Eliane M.T.; GALVÃO, Ana Maria. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DPeA, 2001.

LUCA, Tania Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: Pinsky, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

MACIEL, Francisca Izabel Pereira. Ler, Escrever e Contar... A História da Alfabetização em Minas Gerais. In: PERES, Eliane e TAMBARA, Elomar (orgs.). **Livros Escolares e ensino da leitura e da escrita no Brasil (séculos XIX-XX)**. Pelotas: Seiva Publicações, 2003.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. **Tecendo Nexos: história das instituições educativas**. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004.

MAGALHÃES, Mário Osório. **Pelotas: século XIX**. Pelotas, Livraria Mundial, 1994.

\_\_\_\_\_. **Histórias e Tradições de Pelotas**. Pelotas: Editora Armazém Literário, 1999.

MICHELIN, Antenesca. História das Irmãs de São José (continuação). **Revista das Irmãs de São José**, n. 6. Caxias do Sul: São Miguel, jan-jul. 2010.

MOGARRO, Maria João. Memórias de professores discursos orais sobre a formação e a profissão. **História da Educação**, n.17, abr. 2005, Pelotas: FAE/UFPEL.

MORIN, Edgard. **A Cabeça Bem-Feita**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Os Sentidos da Alfabetização**. São Paulo: UNESP; CONPED, 2000.

\_\_\_\_\_. **História dos métodos de alfabetização no Brasil**. Conferência proferida durante o Seminário "Alfabetização e letramento em debate", promovido pelo Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação. Brasília, 2006. Disponível em: <portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf>. Acesso em: 22 set. 2011.

NÓVOA, António (org.). **Vidas de professores**. Portugal: Porto, 1992.

OLIVEIRA, Valeska Fortes de. Implicar-se... Implicando com professores: tentando produzir sentidos na investigação/formação. In: SOUZA, Elizeu Clementino de (org.). **Autobiografias, Histórias de Vida e Formação: pesquisa e ensino**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

OSÓRIO, Fernando Luís. **A cidade de Pelotas: corpo, coração e razão**. Pelotas: Off. Typ. Diário Popular, 1922.

PELOTAS. **Lei Municipal Ordinária n. 3056**. Concede o título de cidadã pelotense a professora Theresa Feronato. Pelotas, 21 jul. 1987.

PERES, Eliane Teresinha. **Templo de Luz: os cursos noturnos masculinos de instrução primária da Biblioteca Pública Pelotense (1875–1915)**. Pelotas: Seiva Publicações, 2002.

PERES, Lúcia Maria Vaz; KUREK, Deonir Luis. Teias de alma: contribuições ao estudo do imaginário para a educação. **Revista @mbienteeducação**, v. 1, jan./jul. 2008. Disponível em: <[http://www.cidadesp.edu.br/old/revista\\_educacao/index.html](http://www.cidadesp.edu.br/old/revista_educacao/index.html)>. Acesso em: 15 abr. 2011.

\_\_\_\_\_. Narrativas como “Retalhos das Imagens” (AUTO) Formadoras: matriciamentos em movimento. **Atos de Pesquisa em EDUCAÇÃO**, v. 3, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PETRAGLIA, Izabel Cristina. **Edgard Morin – A Educação e a Complexidade do Ser e do Saber**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**. v. 5, n.10. Rio de Janeiro, 1992.

PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho**. Algumas reflexões sobre a ética na história oral. Projeto História, n.15, São Paulo: Ed. Educ da PUC/SP, 1997.

RAGAZZINI, Dario. Para quem e o que testemunham as fontes da História da Educação? Trad. Carlos Eduardo Vieira. **Educar em Revista**, n. 18, Curitiba, PR: Ed. da UFPR, 2001.

\_\_\_\_\_. Os Estudos Histórico-Educativos e a História da Educação. In: SANFELICE, José Luís, SAVIANI, Dermeval, LOMBARDI, José Claudinei (orgs.). **História da Educação: perspectivas para um intercâmbio internacional**. Campinas, SP: Autores Associados; HISTEDBR; 1999.

**Revista das Irmãs de São José**, Ed. São Miguel, Caxias do Sul, n. 8, ago-dez. 2011.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: UNICAMP, 2008.

Rio Grande do Sul. Decreto nº 45.146, de 10 jun. 2007. Dispõe sobre a extinção de estabelecimentos de ensino localizados no Município de Veranópolis. Publicado no **DOE** nº 130, 11 jul. 2007 (<<http://www.al.gov.br/Legis>>). Acesso em 09 out. 2011.

ROTTA, Newra Tellechea; OHLWEILER, Lygia. RIESGO, Rudimar dos Santos. **Transtornos da Aprendizagem** abordagem neurobiológica e multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SANFELICE, José Luís. História das Instituições Escolares. In: NASCIMENTO, M. I. M.; SANDANO, W; LOMBARDI, J.C. & SAVIANI, D.(orgs.). **Instituições Escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica**. Campinas, SP: Autores Associados. 2007.

SANTOS, Rita Grecco dos; ARRIADA, Eduardo. “**PURA, DURA E SEGURA**”: A vida das pensionistas do Colégio São José de Pelotas. Anais do 14º Encontro da ASPHE. Pelotas, 2008, p. 1-16, CD ROM.

SANTOS, Rita Grecco dos; TAMBARA, Elomar; FERRARI, Letícia. **Educando meninas, moldando mulheres: impactos da cultura escolar produzida nos primeiros anos do Colégio São José de Pelotas (1910-1920)**. Anais do 15º Encontro da ASPHE. Pelotas, 2009, p. 1-12, CD ROM.

SAVIANI, Dermeval. Fontes e História das Instituições Escolares. In: LOMBARDI, José Claudinei; NASCIMENTO, Maria Isabel Moura (orgs.). **Fontes, história e historiografia da educação**. Campinas, SP: Autores Associados; HISTEDBR; Curitiba, PR: PUCPR; Palmas, PR: UNICS; Ponta Grossa, PR: UEPG, 2004.

\_\_\_\_\_. Instituições Escolares no Brasil conceito e reconstrução histórica. In: NASCIMENTO, Maria Isabel Moura [et. al.] (orgs.). **Instituições Escolares no Brasil conceito e reconstrução histórica**. Campinas, SP: Autores Associados; HISTEDBR; Sorocaba, SP: Uniso; Ponta Grossa, PR: UEPG, 2007.

SCHMIDT, Benito Bisso. Biografias Históricas: o que há de novo? In: SEBRIAN, Raphael Nunes Nicoletti; FERREIRA, Ricardo Alexandre; ANHEZINI Karina; PIRES, Ariel José (orgs.). **Leituras do Passado**. Campinas: Pontes Editores, 2009.

SEBRIAN, Raphael Nunes Nicoletti (org.). **Leituras do Passado**. Campinas: Pontes Editores, 2009.

SOARES, Gilda M. R. **Estudo comparativo dos métodos de ensino da leitura e da escrita**. 4. ed. Rio de Janeiro: Papelaria América Editora, 1986.

SOARES, Magda. **Português: uma proposta para o letramento: ensino fundamental**. São Paulo: Moderna, 1999.

\_\_\_\_\_. **Metamemória - Memórias**: Travessia de uma educadora. São Paulo: Cortez, 1991.

TAMBARA, Elomar. Problemas Teórico-Methodológicos da História da Educação. In: SAVIANI, Demerval, LOMBARDI José Claudinei, SANFELICE José Luís (orgs.). **História e História da Educação**. SP: Autores Associados; HISTEDBR; Curitiba, PR: PUCPR; Palmas, PR: UNICS; Ponta Grossa, PR: UEPG, 1998.

TARDIF, Maurice. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 13, jan./abr., 2000.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado: história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

THOMSON, Alistair. *Recompondo a memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias*. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História - PUC - SP: ética e história oral. São Paulo: Educ, n. 15, abr., 1997.

VAGO, Tarcísio Mauro. **Escolar, cultivo de corpos**: educação física e ginástica como práticas constitutivas dos corpos de crianças no ensino público primário de Belo Horizonte. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

VANTI, Elisa dos Santos. **Lições da Infância**: reflexões sobre a história da educação infantil. Pelotas: Seiva Publicações, 2004.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Projeto político-pedagógico: continuidade ou transgressão para acertar? In: CASTANHO, M.E.L.M.; CASTANHO, S. (Org.). **O que há de novo na educação superior**: do projeto pedagógico à prática transformadora. Campinas: Papirus, 2000.

\_\_\_\_\_. Projeto político-pedagógico: novas trilhas para a escola. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro; FONSECA, M. (Org.). **Dimensões do projeto político-pedagógico**: novos desafios para a escola. Campinas: Papirus, 2001.

VEYNE, Paul. **Como se Escreve a História**. 3. ed. Brasília: UNB, 1995.

WARDE, Miriam Jorge e CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **Política e Cultura na Produção da História da Educação no Brasil**. Rio de Janeiro. Contemporaneidade e Educação. Ano V, n. 7, 2000.

WERLE, Flávia Obino Corrêa. História das instituições escolares: de que se fala? In: LOMBARDI, José Claudinei; NASCIMENTO, Maria Isabel Moura (Orgs.). **Fontes, história e historiografia da educação**. Campinas, SP: Autores Associados; HISTEDBR; Curitiba, PR: PUCPR; Palmas, PR: UNICS; Ponta Grossa, PR: UEPG, 2004.

## 2. Jornais

**Diário Popular**. Pelotas, 16 jul. 1987.

**Diário Popular**. Pelotas, 1º out. 1987.

**Diário Popular**. Pelotas, 03 jan. 1996.

**Diário Popular**. Pelotas, 14 out. 2001.

**Diário Popular**. Pelotas, 22 jan. 2011.

### 3. Entrevistas

DELPIZZO, Clotilde Augusta Antunes. Entrevista concedida a Maria Cristina dos Santos Louzada. Pelotas, 25 out. 2011.

FERONATO, Thereza. Entrevista concedida a Maria Cristina dos Santos Louzada. Pelotas, 18 maio 2010.

FERONATO, Thereza. Entrevista concedida a Maria Cristina dos Santos Louzada. Pelotas, 25 maio 2010.

FERONATO, Thereza. Entrevista concedida a Maria Cristina dos Santos Louzada. Pelotas, 15 jun. 2010.

FERONATO, Thereza. Entrevista concedida a Maria Cristina dos Santos Louzada. Pelotas, 21 jun. 2011.

LAPUENTE, Janaína Soares Martins. Entrevista concedida a Maria Cristina dos Santos Louzada. Pelotas, 15 mar. 2012.

MACHADO, Lúcia Helena Brauner. Entrevista concedida a Maria Cristina dos Santos Louzada. Pelotas, 30 set. 2011.

NUNES, Beatriz Helena Zanotta. Entrevista concedida a Maria Cristina dos Santos Louzada. Pelotas, 29 ago. 2011.

PINHO, Márcia Beatriz Macedo. Entrevista concedida a Maria Cristina dos Santos Louzada. Pelotas, 05 mar. 2012.

SOUZA, Vera Lúcia Fernandes de Souza. Entrevista concedida a Maria Cristina dos Santos Louzada. Pelotas, 29 ago. 2011.

APÊNCICE

APÊNDICE - Roteiro das Entrevistas com colegas e ex-alunas da alfabetizadora

1. Qual é o seu nome?
2. Qual é a sua idade?
3. Em que ano foi a sua alfabetização?
4. Fale das lembranças da escola.
5. Discorra sobre o que lembra da sua alfabetização e por quê?
6. Algum fato importante positivo ou negativo da sua relação com a Irmã Luísa Maria.

ESPAÇO DE REFLEXÃO SOBRE A ENTREVISTA

## ANEXOS



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
**EM EDUCAÇÃO**

**Acadêmica: Maria Cristina dos Santos Louzada**  
**Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Giana Lange do Amaral**

**CEDÊNCIA DE USO**

Eu, Irmã Luísa Maria, Thereza Feronato, autorizo a acadêmica do Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL, Maria Cristina dos Santos Louzada, a fazer uso dos direitos autorais para Dissertação de Mestrado e ou Tese de Doutorado, do PPGE/FAE/UFPEL, relacionado às minhas fotografias, relatos orais e por escrito, entrevistas semi-estruturadas, em seus Trabalhos Acadêmicos, bem como Artigos, Periódicos, Revistas, Projetos de Extensão, Projetos de Pesquisa, Livros, Eventos com Comunicações Orais, Exposições em Painéis ou Pôsteres, outros Meios de Comunicação e Informação que estejam relacionados à exposição e divulgação do trabalho que está sendo realizado e que será desenvolvido pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas pela própria Acadêmica da Pós- Graduação. Sendo que estou ciente de que minha participação nestes trabalhos, é voluntária e concordo do uso do exposto acima mencionado.

Assinatura: Theresa Feronato

Pesquisadora: Maria Cristina Louzada

Pelotas, 20 de maio de 2010



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
EM EDUCAÇÃO

**Acadêmica: Maria Cristina dos Santos Louzada**  
**Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Giana Lange do Amaral**

**CEDÊNCIA DE USO**

**Eu, Vera Lúcia Fernandes de Souza, autorizo a acadêmica do Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL, Maria Cristina dos Santos Louzada, a fazer uso dos direitos autorais para Dissertação de Mestrado e ou Tese de Doutorado, do PPGE/FAE/UFPEL, relacionado às minhas fotografias, documentos cedidos, relatos orais e por escrito, entrevistas semi-estruturadas, em seus Trabalhos Acadêmicos, bem como Artigos, Periódicos, Revistas, Projetos de Extensão, Projetos de Pesquisa, Livros, Eventos com Comunicações Oraís, Exposições em Painéis ou Pôsteres, outros Meios de Comunicação e Informação que estejam relacionados à exposição e divulgação do trabalho que está sendo realizado e que será desenvolvido pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas pela própria Acadêmica da Pós- Graduação. Sendo que estou ciente de que minha participação nestes trabalhos, é voluntária e concordo do uso do exposto acima mencionado.**

**Assinatura:** Vera Lúcia F. de Souza

**Pesquisadora:** Giana Cristina Lange do Amaral

**Pelotas, 28 de setembro de 2011**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS  
 FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
 PROGRAMA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
 EM EDUCAÇÃO

**Acadêmica: Maria Cristina dos Santos Louzada**  
**Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Giana Lange do Amaral**

**CEDÊNCIA DE USO**

**Eu, Lúcia Helena Brauner Machado, autorizo a acadêmica do Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL, Maria Cristina dos Santos Louzada, a fazer uso dos direitos autorais para Dissertação de Mestrado e ou Tese de Doutorado, do PPGE/FAE/UFPEL, relacionado às minhas fotografias, relatos orais e por escrito, entrevistas semi-estruturadas, em seus Trabalhos Acadêmicos, bem como Artigos, Periódicos, Revistas, Projetos de Extensão, Projetos de Pesquisa, Livros, Eventos com Comunicações Orais, Exposições em Painéis ou Pôsteres, outros Meios de Comunicação e Informação que estejam relacionados à exposição e divulgação do trabalho que está sendo realizado e que será desenvolvido pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas pela própria Acadêmica da Pós- Graduação. Sendo que estou ciente de que minha participação nestes trabalhos, é voluntária e concordo do uso do exposto acima mencionado.**

**Assinatura:**

*Lúcia Helena Brauner Machado*

**Pesquisadora:**

*Maria Cristina Louzada*

**Pelotas, 30 de setembro de 2011**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
EM EDUCAÇÃO

**Acadêmica: Maria Cristina dos Santos Louzada**  
**Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Giana Lange do Amaral**

CEDÊNCIA DE USO

Eu, Clotilde Augusta Antunes Delpizzo, autorizo a acadêmica do Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL, Maria Cristina dos Santos Louzada, a fazer uso dos direitos autorais para Dissertação de Mestrado e ou Tese de Doutorado, do PPGE/FAE/UFPEL, relacionado às minhas fotografias, relatos orais e por escrito, entrevistas semi-estruturadas, em seus Trabalhos Acadêmicos, bem como Artigos, Periódicos, Revistas, Projetos de Extensão, Projetos de Pesquisa, Livros, Eventos com Comunicações Orais, Exposições em Painéis ou Pôsteres, outros Meios de Comunicação e Informação que estejam relacionados à exposição e divulgação do trabalho que está sendo realizado e que será desenvolvido pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas pela própria Acadêmica da Pós- Graduação. Sendo que estou ciente de que minha participação nestes trabalhos, é voluntária e concordo do uso do exposto acima mencionado.

Assinatura: Clotilde Augusta Antunes Delpizzo

Pesquisadora: Giana Lange do Amaral

Pelotas, 25 de outubro de 2011



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
EM EDUCAÇÃO

**Acadêmica: Maria Cristina dos Santos Louzada**  
**Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Giana Lange do Amaral**

CEDÊNCIA DE USO

Eu, Márcia Beatriz Macedo Pinho, autorizo a acadêmica do Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL, Maria Cristina dos Santos Louzada, a fazer uso dos direitos autorais para Dissertação de Mestrado e ou Tese de Doutorado, do PPGE/FAE/UFPEL, relacionado às minhas fotografias, relatos orais e por escrito, entrevistas semi-estruturadas, em seus Trabalhos Acadêmicos, bem como Artigos, Periódicos, Revistas, Projetos de Extensão, Projetos de Pesquisa, Livros, Eventos com Comunicações Orais, Exposições em Painéis ou Pôsteres, outros Meios de Comunicação e Informação que estejam relacionados à exposição e divulgação do trabalho que está sendo realizado e que será desenvolvido pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas pela própria Acadêmica da Pós- Graduação. Sendo que estou ciente de que minha participação nestes trabalhos, é voluntária e concordo do uso do exposto acima mencionado.

Assinatura: \_\_\_\_\_

*Marcia B. Macedo Pinho*

Pesquisadora: \_\_\_\_\_

*Maria Cristina Louzada*

Pelotas, 05 de março de 2012



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
EM EDUCAÇÃO

**Acadêmica: Maria Cristina dos Santos Louzada**  
**Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Giana Lange do Amaral**

CEDÊNCIA DE USO

Eu, Janaína Soares Martins Lapuente, autorizo a acadêmica do Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL, Maria Cristina dos Santos Louzada, a fazer uso dos direitos autorais para Dissertação de Mestrado e ou Tese de Doutorado, do PPGE/FAE/UFPEL, relacionado às minhas fotografias, relatos orais e por escrito, entrevistas semi-estruturadas, em seus Trabalhos Acadêmicos, bem como Artigos, Periódicos, Revistas, Projetos de Extensão, Projetos de Pesquisa, Livros, Eventos com Comunicações Orais, Exposições em Painéis ou Pôsteres, outros Meios de Comunicação e Informação que estejam relacionados à exposição e divulgação do trabalho que está sendo realizado e que será desenvolvido pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas pela própria Acadêmica da Pós- Graduação. Sendo que estou ciente de que minha participação nestes trabalhos, é voluntária e concordo do uso do exposto acima mencionado.

Assinatura: \_\_\_\_\_

*Janaína Lapuente*

Pesquisadora: \_\_\_\_\_

*Maria Cristina Louzada*

Pelotas, 15 de março de 2012